



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva à coleta do primeiro óleo da camada do pré-sal na Plataforma P-34**

**Vitória-ES, 02 de setembro de 2008**

Meu querido companheiro Paulo Hartung, governador do estado do Espírito Santo,

Companheiros ministros Edison Lobão, de Minas e Energia, e Franklin Martins, da Comunicação Social,

Meu caro companheiro Ricardo Ferraço, vice-governador do estado do Espírito Santo,

Desembargador Frederico Guilherme Pimentel, presidente do Tribunal de Justiça do Espírito Santo,

Meus amigos e companheiros senadores Gerson Camata, Magno Malta e Renato Casagrande,

Deputadas federais Iriny Lopes, Rita Camata e Rose de Freitas,

Deputados federais Camilo Cola e Lelo Coimbra,

Meu caro companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro companheiro Carlos Henrique Almeida Custódio, presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos,

Meu caro companheiro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras Distribuidora,

Meu caro Haroldo Lima, companheiro de guerra, diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo,

Meus companheiros diretores da Petrobras, Guilherme Estrella, da área de Exploração e Produção, e Paulo Roberto da Costa, da área de Abastecimento,

Nossa querida companheira Ester Bárbara da Silva, representante dos



trabalhadores, por meio de quem cumprimento todos os funcionários da Petrobras,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, quero dizer para vocês sobre a dimensão histórica, carregada de emoção, de estar segurando na mão uma amostra de barril de petróleo tirada de mais de 4 mil metros de profundidade. Certamente nenhum de nós que está aqui, alguns anos atrás, imaginava que fosse possível ter acesso a uma matéria-prima que está a 7 mil metros de profundidade, sem contar lâmina d'água, rocha e sal.

Eu digo, em todos os lugares aonde vou, que estamos indo tão fundo para procurar petróleo que, qualquer dia, a Petrobras traz um japonês na sua broca, e aí vai dar um problema internacional sem precedentes. É uma coisa realmente extraordinária. Tive o prazer de meter a mão no óleo, e é uma sensação eu penso que única para um ser humano que tem o privilégio de presidir o País neste momento. Tenho tanta sorte que acho que Deus passou por aqui e resolveu ficar, porque a sorte aumenta a cada dia.

Se analisarmos corretamente os momentos de alegria, vamos ver que a história do petróleo no Brasil tem alguns momentos marcantes. O primeiro deles foi em 1939, em Lobato, na Bahia, quando se descobriu o primeiro petróleo brasileiro, quando Getúlio Vargas era presidente. A Petrobras só foi criada em 1953, praticamente 14 anos depois... Já tinha saído da Presidência da República em 1945. De 1946 a 1950 tivemos outro presidente da República, e precisou voltar Getúlio, 14 anos depois, para decidir, um ano antes de se matar, criar a Petrobras. Este foi o segundo grande momento.

Como acontece na vida de todo mundo, quando a gente chega à mesa para comer e o prato está feito, tudo é mais fácil. Hoje, falar da Petrobras é muito importante. Mas, se vocês recorrerem às matérias da imprensa escritas em 1953, vão perceber que houve muitas críticas à criação da Petrobras.



Jornais brasileiros importantes fizeram editoriais contra a criação da Petrobras, dizendo que o Brasil não tinha que se meter, porque era uma área estranha ao nosso querido País. Isso, há 55 anos.

Eu tive o prazer de viver dois momentos importantes da Petrobras. Em 2006, quando o companheiro José Eduardo Dutra era presidente da Petrobras e anunciou a auto-suficiência em petróleo. Um belo dia, recebi no meu gabinete o companheiro José Sergio Gabrielli, acompanhado do companheiro Estrella. Levaram um monte de mapas para mostrar que tínhamos ido muito longe. Pela primeira vez, eu ouvi falar em pré-sal. Até então, o único sal que eu conhecia é o que a gente coloca na comida lá em casa, no churrasco ou na salada.

O Estrella me contou uma história, muito entusiasmado, incentivado pelo José Sergio Gabrielli. Fui para casa dormir, com dúvidas. Eu falei: em que esses companheiros querem me enganar? Primeiro, me levaram um mapa com o continente africano junto com o sul-americano e me contaram uma história que começou a acontecer há 128 milhões de anos. Foram contando a história da separação dos continentes e, em contrapartida, a criação da camada pré-sal, que foi descendo na medida em que o continente ia se afastando. Por conta disso, em áreas que a gente já estava quase achando que não tinha mais petróleo, com novas tecnologias, eis que se descobre que temos petróleo de boa qualidade e muito, a essa profundidade até então inimaginável para o homem chegar.

Eu confesso, Gabrielli, que fiquei uns três dias me perguntando por que vocês tinham me enganado com aquela... e ainda pediram segredo. O cidadão vai contar uma história dessas e ainda pede segredo: “Não pode contar isso para ninguém, Presidente”. Até que um belo dia estávamos com a data marcada para março do ano que vem, quando vamos explorar o poço de Tupi. A gente vai começar a tirar também, possivelmente de 10 a 15 ou 20 mil barris, em caráter experimental.

O Paulo Hartung me liga e fala: “Presidente, a Petrobras já comunicou



ao senhor que vai começar a explorar o pré-sal?” Eu falei: não. “Pois é, eu fiquei sabendo, por uma fonte...” Pediram segredo para mim, mas não pediram para a fonte. “Eu fiquei sabendo, por uma fonte, que a Petrobras vai começar, agora em setembro – não tem data definida – a tirar o primeiro óleo do pré-sal aqui no Espírito Santo”. Então, eu ligo para o José Sergio Gabrielli e pergunto que história é essa. Ele me contou a história e nós marcamos o dia de hoje, faltando cinco dias para a gente comemorar o dia da independência do nosso país.

O importante é que a gente defina claramente, na nossa consciência e na nossa alma, quando é que a gente concebe a idéia de que um país pode se transformar numa grande nação. Um país, para se transformar numa grande nação, precisa ter um governante, seja municipal, estadual ou federal, que passe esperança para as pessoas. E precisa ter um povo capaz de ser receptivo a essa mensagem de esperança e ter crença de que é possível todos juntos fazerem aquilo acontecer.

Historicamente, no Brasil, tivemos um problema crônico. Qual é o problema crônico que tivemos no Brasil? Alguém é eleito para governar uma cidade, ganha as eleições, toma posse. No dia seguinte, aquele que perdeu, em vez de acatar o resultado democrático e trabalhar para o município ir para a frente, já começa a trabalhar para o prefeito eleito não dar certo, para que ele tenha chance, quatro anos depois.

Com o governador é a mesma coisa. O governador é eleito, em vez de as pessoas torcerem para que tudo aconteça maravilhosamente bem no estado, alguns começam a torcer para não dar certo, porque se der certo a chance de o governador continuar é muito grande, e se tiver uma desgraça o governador quebra a cara e a oposição pode se eleger. Sem levar em conta que quando as coisas não dão certo quem quebra a cara não é o governante, é o povo; quem quebra a cara são as crianças deste país, que perdem oportunidades; são os adolescentes deste país, que perdem oportunidades;



são os formados brasileiros, os profissionais, que perdem oportunidade. Porque se o País não se desenvolve, a economia não cresce, não tem novas empresas, não tem empregos, e não tendo emprego, tudo fica pequeno no País.

É assim que as pessoas pensam, também na Presidência da República. Para nós que somos eleitos quatro anos é tão pouquinho, mas para quem fica na oposição quatro anos é tão grandão. Isso é como pagar imposto: no Brasil, todo mundo reclama. Na hora que o cara tem uma casa, que vai pagar imposto, ele fala: “Nossa, Presidente, eu tenho uma casinha, eu pago tanto de imposto”. Mas na hora que ele vai vender, na hora que ele vai colocar o preço: “Eu tenho uma casona, ela é importante”.

Nós precisamos fazer uma mudança no comportamento político dos homens políticos e das mulheres políticas, para que todos remem, em determinados momentos históricos, para o mesmo lado, para saber... e poderemos até estar em barcos diferentes, não precisa estar todo mundo no mesmo barco, podemos estar em vários barcos diferentes, mas todos remando com o objetivo de tentar alcançar um objetivo comum, determinado pelas necessidades do povo que representamos e para o qual governamos.

Este país já poderia ter dado um salto de qualidade há muito tempo. A gente não pode se esquecer de que o nosso país, durante 30 anos, foi a economia que mais cresceu no mundo. Nós não podemos nos esquecer do famoso período do “milagre brasileiro”, em que os números econômicos eram extraordinários, mas que não tinham sustentação nas políticas de distribuição de renda, portanto, surgiu aquela frase famosa: os ricos ficaram cada vez mais ricos e os pobres ficaram cada vez mais pobres.

Qual é o desafio para nós, que governamos um país? É, ao terminar o mandato, ter um legado que seja a melhoria coletiva da qualidade de vida das pessoas. Que o grande continue ganhando, mas que o pequeno possa subir um ou dois degraus da escada, que possa galgar a participação nas coisas que



produzimos.

A minha alegria é porque, no dia 28, fizemos um ato no Palácio do Planalto em que convidamos os maiores empresários brasileiros, deputados, senadores, estudiosos do mundo econômico e político, e fizemos uma amostragem do que está acontecendo no Brasil. Essa idéia me veio à cabeça porque fui a Portugal assinar um contrato de investimento da Embraer, de 57 milhões de dólares. O discurso do primeiro-ministro de Portugal foi tão eloqüente, que fiquei pensando: pelo amor de Deus, no Brasil estamos fazendo investimentos de bilhões e bilhões, e eu não vejo ninguém fazer um discurso com a eloqüência de um primeiro-ministro, que estava fazendo um investimento de 57 milhões de dólares. Descobri que a eloqüência não era apenas pela quantidade de investimento, era pelo significado do que poderia acontecer depois desse primeiro investimento, que era a possibilidade de Portugal ter uma indústria aeronáutica como o Brasil tem, ter uma Embraer como o Brasil tem. Aquilo era apenas o começo.

Voltei para o Brasil pensando: está na hora de mostrarmos aos brasileiros o que está acontecendo. Eu acho que temos que mostrar uma fotografia única porque as coisas mostradas individualmente, nem a imprensa tem interesse. Todas as semanas vão empresários ao meu gabinete dizer: “Presidente, vou investir 2 bilhões, 1 bilhão, 500 milhões, vou aumentar a indústria automobilística”. Saem do meu gabinete, a imprensa toda entra, tira fotografia. Sai do meu gabinete o empresário junto com o ministro da área, vão lá embaixo e dão entrevista. No dia seguinte, não tem uma vírgula. Entretanto, se fosse uma empresa me comunicar que cinco trabalhadores vão embora para a Argentina porque a empresa perdeu mercado aqui no Brasil, a manchete seria a seguinte: “Brasil perde empresa para a Argentina”.

Como são investimentos muito grandes, resolvi mostrar. Foram até lá o BNDES, a Petrobras e o Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, para falar de políticas sociais. Daqui, alguns companheiros estavam lá. Eu duvido que,



em algum momento histórico dos 500 anos de existência do Brasil, alguém tenha tido a oportunidade de vivenciar o momento que o Brasil está vivendo hoje. Se a gente imaginar o que está programado até 2017, ultrapassaremos os 2 trilhões de reais de investimentos na economia brasileira. Se a gente imaginar o que está previsto de tudo o que é privado e público até 2012, ultrapassaremos 1 trilhão e 400 bilhões de reais.

Por que eu quis mostrar? Para que a gente tenha a dimensão de que quando falamos que está garantida a possibilidade do desenvolvimento sustentável por muito tempo, é porque estamos confiantes de que essas coisas vão acontecer. Para vocês entenderem... o Camilo Cola, que é o decano dos empresários aqui do estado...

Vocês sabem quando foi construído o último alto-forno no Brasil? Há 22 anos. Vocês sabem quando foi construída a última grande fábrica de cimento no Brasil? Há 18 anos. Esses números demonstram que temos uma geração de brasileiros, de homens e mulheres, que não viu o País crescer. Uma geração de brasileiros que, acompanhando os números do IBGE, só viram este país decrescer.

Vocês sabem quantos trabalhadores nós tínhamos na indústria naval, em 1970, quando éramos a segunda indústria naval do mundo, só perdíamos para o Japão? Nós tínhamos 36 mil trabalhadores na indústria naval brasileira. Vocês sabem quantos nós tínhamos em 2002? Mil e seiscentos. Sabem quantos nós temos agora? Quarenta mil.

Isso não é sorte. Se bem que não abro mão de levantar com sorte todo dia. Não me peçam para eu gostar do azar, que de azar chega o Corinthians, que caiu para a segunda divisão. Eu quero sorte. Mas é uma determinação do Estado brasileiro, de que precisamos ser donos de uma grande indústria naval.

Vocês sabem quantos navios – navios grandes, médios, de apoio – a Petrobras vai precisar contratar nos próximos dez anos? Duzentos navios. Vocês sabem quantas sondas a Petrobras vai ter que contratar nos próximos



dez anos, para poder perfurar o pré-sal? Trinta e oito sondas. Vocês sabem quanto custa cada sonda? Setecentos milhões de dólares. Ou tomamos a decisão de fazê-las aqui, geramos tecnologia, emprego, renda e desenvolvimento para o País, ou a Petrobras vai economizar 100 milhões de dólares, vai comprar todas em Cingapura porque, pensando do ponto de vista de empresa, é isso que ela deveria fazer, afinal de contas, é uma empresa que tem ações na Bolsa de Valores de Nova York.

A direção da Petrobras, embora saiba que a Petrobras tem ação na Bolsa de Nova York, não perdeu de vista que é a empresa mais importante do País, a mais respeitada que este país tem no mundo e que, portanto, da mesma forma o presidente da República, o presidente da Petrobras e a diretoria têm que pensar na contribuição que eles podem dar em função desse momento extraordinário que o Brasil está vivendo, e que a Petrobras é peça importante. Como é que a gente vai desenvolver definitivamente uma indústria petrolífera no Brasil, acompanhada do desenvolvimento de alto conhecimento tecnológico, para que a gente possa produzir muitas coisas?

A minha cabeça, Estrella, “pira” a cada vez que fico imaginando que você tem que descer por uns canos a três mil metros de lâmina d’água. Eu, numa piscina de 1 metro e meio, já tenho medo. Então, fico imaginando: a 3 mil metros no fundo do mar, depois que chega no fundo do mar tem a terra, tem que perfurar mais 3 mil metros de rocha, quando termina a rocha tem mais 2 mil metros de sal. Por isso que a água é salgada, é por causa do pré-sal? Eu pensei que era por causa do xixi que as pessoas fazem na praia, no domingo. Mas já vi que...

Este momento que estamos vivendo é um momento que não tem dono. Este momento, no fundo, no fundo, pertence a 190 milhões de brasileiros que estão vivendo hoje no País, pertence a outros milhares que já morreram, pertence a pessoas que morreram acreditando no que estamos colhendo agora e que foram massacradas por aqueles que não acreditavam. E pertence,





sobretudo, àqueles que virão depois de nós, porque certamente nós, quando temos filhos e começamos a ter netos, já não construímos mais nada para a gente. Tudo o que a gente faz é pensando em que eles tenham mais oportunidade que nós, tenham uma vida melhor que nós, ganhem melhor que nós, possam viver mais dignamente do que todos nós estamos vivendo agora.

Então, começou uma polêmica enorme sobre o que vai acontecer com a Petrobras: “O governo vai criar uma outra estatal. A Petrobras, coitadinha, vai ser abandonada” – já dizia o José Sergio Gabrielli: “A Petrobras vai ser abandonada, coitadinha da Petrobras”. O Estrella perdeu mais alguns cabelos. Eu ficava vendo a polêmica pela imprensa, achava tudo inusitado. Era como se um belo dia, eu dissesse para mim: “a minha mãe já não presta mais, eu vou arrumar outra mãe”. Mãe é única, José Sergio, e a Petrobras é a mãe da industrialização deste país.

O que queremos discutir, e o ministro Lobão é o coordenador de um grupo interministerial que possivelmente este mês me entregará o resultado do trabalho que eles estão produzindo, para a gente saber como é que será tratada essa questão do pré-sal.

Eu só tenho dois objetivos, que disse para eles: primeiro, temos que aproveitar esse dinheiro para tentar acabar com a pobreza neste país. O segundo é que a gente pague a dívida com a educação brasileira, que tanto desprezamos no século passado. Se a gente resolver esses dois problemas, e certamente terão outros problemas para serem resolvidos, nós vamos encontrar uma solução adequada, construindo a parceria com os governadores que detêm a área – Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, um pouco da Bahia.

É importante ter claro que precisamos levar em conta a necessidade de resolver o problema deste país. Nós já temos uma decisão firmada, já anunciada pela Petrobras: não vamos ser meros exportadores de óleo cru, vamos exportar produtos com maior valor agregado, porque precisamos. Ao



mesmo tempo, continuar fazendo os investimentos, porque isso não veio de graça. A Petrobras tem investido mais de um bilhão e 700 milhões nesse último período em pesquisa, em prospecção. Quando a gente enfia uma broca a 4 mil metros de profundidade e encontra petróleo, está aqui, todo mundo aplaudindo. Mas se enfiasse a mesma broca e não encontrasse petróleo, iria aparecer um senador da oposição dizendo: “Está gastando dinheiro, está furando onde não tem petróleo”. Como se fosse possível a 7 mil metros, lá embaixo, a gente saber onde tinha petróleo. A gente tem indícios de prova, que os grandes geólogos dizem que têm, os estudos físicos que eles fazem, tem toda uma coisa da geologia, que o Estrella vai nos ensinar.

Eu penso que se a Petrobras não fizesse os investimentos que fez, se não acreditasse que seria possível, a gente estaria hoje, ainda, com a perspectiva que a gente tinha há dois, três anos. Penso que este é o momento em que não poderemos dizer: “Bom, tiramos a barriga da miséria”. É momento de a gente ainda acreditar que tem um processo, tem um processo de exploração, de estudo, ver o que vai acontecer no poço, ver quais são os movimentos que vão acontecer. Possivelmente daqui a um ano a gente esteja já tirando em grande escala e perfurando outros poços. Se tudo isso acontecer, estaremos dando um salto extraordinário na história deste país.

Mais importante é que a gente também não fique dependendo do petróleo, porque quase todos os países do mundo que depositaram o seu desenvolvimento apenas no petróleo continuam pobres. Nós temos que aproveitar o petróleo para quê? Para industrializar este país, para disseminar, junto à sociedade, as possibilidades.

Para terminar, quero dizer para vocês que voltaremos em março a Tupi, à Bacia de Campos, porque a Bacia de Campos é um troço fantástico, (inaudível) de Santos, nem é tudo São Paulo, nem é tudo Rio de Janeiro, nem é tudo Espírito Santo. A Bacia do Espírito Santo pega um pouco da Bahia, a de Campos pega metade do estado do Espírito Santo, a de São Paulo pega a



metade do Rio de Janeiro, e vai por aí afora. Só espero que achem uma em Caetés, em Pernambuco, onde eu nasci. Se é verdade que o petróleo é por causa dos dinossauros, quem sabe lá em Caetés, na era pré-sal. Estrella, faça um estudo lá, pelo amor de Deus, não fique estudando só a terra do Paulo Hartung, vá lá em Caetés, cave um buraco lá, quem sabe...

Eu queria, companheiros, dizer para vocês que mais do que nunca podemos dizer que a soberania do nosso país chegará ainda mais forte aos que vierem depois de nós.

Portanto, renova-se aqui, hoje, o compromisso de solidariedade nacional, legado das gerações que nos antecederam. O petróleo é nosso, ele é e será de todos os brasileiros e brasileiras, e porque será de todos, vai mudar definitivamente a face social do nosso país.

O Paulo Hartung tem mais dois anos e quatro meses de governo, eu tenho mais dois anos e quatro meses de governo. Se acontecer o que estou prevendo que vai acontecer no Brasil, nesses próximos dois anos e quatro meses, nós vamos ter a possibilidade de colhermos, em oito anos, aquilo que pessoas até bem intencionadas, que governaram antes de nós, não conseguiram colher em dez, 15 ou 20 anos.

A nossa geração de governantes é uma geração de sorte. Alguns dizem que os outros não deram certo porque tinha crise mundial: tivemos a crise da Rússia, a crise da Malásia, a crise não sei de onde. Mas, agora, estamos há um ano com uma crise profunda na maior economia do mundo. Uma crise tão profunda que já chegou à Europa e que, portanto, a economia da Europa já começou a decrescer. Se há dez anos tivesse uma crise com 10% da magnitude que tem a crise americana hoje, o Brasil já teria quebrado, ou seja, eles espirram e nós ficamos com pneumonia.

Hoje, a economia brasileira está tão sólida, a macroeconomia está tão sustentável e as reservas estão tão seguras, que embora estejamos preocupados com a crise americana e acompanhando-a todo santo dia, a



gente acompanha a crise todo dia, com lupa: é o Banco Central, o ministro da Fazenda e, de quando em quando, uma reunião com muita gente, para a gente não permitir que o Brasil seja pego de sobressalto e, daqui a pouco, a gente volte àquela situação que vivemos há tanto tempo.

Nós, hoje, vocês sabem, não devemos nenhum favor ao FMI. As nossas reservas são maiores do que a nossa dívida externa. Dívida privada, na sua grande maioria, e dívida que os estados e prefeituras contraem para fazer investimentos, o que é muito importante, dada pelo Banco Mundial, pelo BID e pelo Bird. Então, a situação está sob controle.

É importante lembrar também que os estados estão adquirindo condições de investimento. Se fizermos uma comparação, Paulo, entre você e o Camata, que governou este estado, você vai perceber que ele tinha até presidente do partido dele e que o estado não recebeu as parcerias, nem 10% do que construímos nesses últimos oito anos.

Você pega do Camata ao Vitor Buaiz, pode pegar: o estado não tinha dinheiro, nem o governo federal tinha dinheiro para fazer convênio com os estados. Então, eram um bando de pobres... É verdade, era um bando de (inaudível) roto, um falando mal do outro: o prefeito falava mal do governador, que falava mal do presidente, que falava mal do FMI. E, assim, foram anos e anos. Quem de nós, aqui, não passou dez ou 15 anos na rua gritando contra isso? Quantos governadores neste estado não tiveram condições nem de pagar a folha de pagamento?

Hoje, não apenas o governo federal está bem, como os estados e as prefeituras estão bem. Eu duvido que exista, neste estado, mais do que três ou quatro prefeituras que não tenham obras em parceria com o governo federal, com o governo estadual e com o prefeito. Podem andar por qualquer lugar deste país, são quase 6 mil municípios, do Sudeste ao Nordeste, podem procurar, escolham uma cidade, peguem um avião e vão lá, que tem alguma obra financiada do PAC, em parceria com os governos estaduais e com os



governos municipais.

Sabem por quê? Porque hoje eu tenho o privilégio, Paulo Hartung, de dizer que nenhum presidente da República teve o prazer, teve a honra histórica de governar o País numa relação tão amistosa e companheira como eu tenho com os 27 governadores de estado deste país.

Sou um homem que aprendi a não ter inimigos. Obviamente que alguém pode ser meu inimigo, mas eu não sou dele. Quando a gente chega aos 60, a gente já está pensando na outra vida, quem é católico tem essa preocupação. Eu não quero criar nenhuma animosidade para que o “Homem” não fique em dúvida em me receber lá em cima, quero garantir meu espaço. Então, não tenho tempo de fazer inimizade. Não quero saber se o governador é do PMDB, se é do PT, do PSDB, do PFL, não quero saber se ele é judeu, se ele é evangélico, se ele é... Quero saber o seguinte: ele governa? Tem povo naquele estado, naquela cidade? Então, ele tem direito igual a todos os outros neste país. É assim.

Quero dizer, de passagem, que o companheiro Paulo Hartung é um exemplo de construção dessa parceria, porque nós estamos juntos nessa brincadeira há seis anos, e nós nunca faltamos, em nenhum momento, um com o outro. O Espírito Santo vai receber sempre aquilo que ele merece e aquilo que precisa.

Eu e ele temos uma dívida com o estado, que é o aeroporto. Eu dizia para o Paulo: é um problema crônico, porque há uma briga entre o Tribunal de Contas, a Infraero e as empresas... Ontem eu tive uma reunião com o ministro Nelson Jobim, com a Infraero, com a Casa Civil, que temos que resolver. Eu, inclusive, disse: vou convidar todo mundo para a minha mesa para a gente colocar os pingos nos “is”, porque não é possível. Não é apenas esse, são quase todos os aeroportos. É uma briga que não consigo compreender, dizem que as obras estão caras, estão superfaturadas. Se for isso, a gente tem que abrir um processo e fazer investigação. Agora, na hora que você paralisa a



obra, o que você construiu está se deteriorando. Se você tiver que fazer de novo vai ficar duplamente mais caro se não encontrar uma solução.

Eu quero agradecer a vocês, à Petrobras e à sua direção. Eu acho essa Petrobras tão importante... Falo sempre para o José Sergio Gabrielli, é tão importante, Paulo Hartung, que a gente deveria eleger pelo voto direto o presidente da Petrobras e, depois, ele indicaria o presidente da República, seria diferente do que é hoje. Cada vez que nos reunimos com a Petrobras para discutir investimentos, vem o Guido Mantega, vem o Paulo Bernardo: “Quanto é que você tem para investir?” “Sessenta milhões, 70 milhões”. Aí chega a Petrobras com um pacote: “Quanto é que você tem para investir?” “Duzentos e vinte e oito milhões”. Vocês vejam como é triste a vida de um presidente da República e como é alegre a vida do presidente da Petrobras.

De qualquer forma, eu quero dizer, José Sergio Gabrielli e companheiros da Petrobras, que feliz o país que tem uma empresa com o acúmulo de conhecimento que tem a Petrobras. Vocês, mais do que qualquer outra coisa neste país, significam a certeza de que um país que pode construir uma Petrobras é um país que pode ser muito mais do que ele é, porque demonstra que o povo está preparado.

Um abraço. Boa sorte. E parabéns à nossa querida Petrobras.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de divulgação do incremento de vagas de graduação nos processos seletivos das universidades federais**

**Palácio do Planalto, 03 de setembro de 2008**

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus queridos companheiros Fernando Haddad, da Educação; Paulo Bernardo, do Planejamento; e Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Meus caros senadores Edison Lobão Filho e Renato Casagrande,

Companheiros deputados e companheiras deputadas,

Cumprimentando o meu companheiro Henrique Fontana, líder do governo, estou cumprimentando todos os deputados e todas as deputadas presentes,

Meu companheiro Amaro Pessoa Lins, reitor da Universidade de Pernambuco e presidente da Andifes,

Minha querida companheira Lúcia Stumpf, presidente da UNE,

Companheiros magníficos reitores e magníficas reitoras – eu gosto de falar magnífico, afinal de contas deve ter muita importância, porque vocês conquistaram isso. Poderia ser companheiro reitor, mas...

Senhoras e senhores,

Companheiros e companheiras,

Eu tinha dito ao Fernando Haddad que não ia falar, mas estou chegando a uma idade que quando vejo um microfone eu tenho vontade, e, quando vejo dois, a minha vontade aumenta mais ainda.

Eu não poderia deixar de dizer duas coisas importantes. Qualquer pessoa que chegasse aqui e visse cinco ministros participando de uma reunião



com aproximadamente 80 pessoas, iria perguntar: “Por que o governo está com tantos ministros reunidos com tão pouca gente?” Se a gente dissesse que na República Federativa do Brasil nenhum presidente nunca reuniu todos os reitores, ela iria perceber que tem uma novidade. Iria perceber que tem novidade maior quando muitos ministros da Educação deste país já tinham sido reitores de universidades e, mesmo assim, não atendiam os reitores coletivamente.

Essa é a novidade, essa é a razão pela qual o governo e os seus ministros dão tanta importância a uma reunião como esta. Possivelmente havia medo de que vocês viessem reivindicar aumento de salário, aumento do quadro de funcionários ou mais investimentos para melhorar a qualidade das universidades. É estranho que figuras tão importantes na educação brasileira, na política dos estados e na política das cidades não tenham tido nenhuma deferência respeitosa pelos governantes deste país durante todo o século XX. Possivelmente isso explique um pouco a debilidade das universidades públicas brasileiras. Talvez isso explique um pouco. Também porque pode ter aqueles que imaginavam que vocês viriam aqui para dizer que não é possível ter apenas 10%, 12% ou 15% dos estudantes universitários brasileiros em escolas públicas federais ou estaduais. Também tinha gente que imaginava que, do ponto de vista educacional, o mercado iria resolver. Daí a razão pela qual vocês não eram ouvidos.

Possivelmente o fato de eu receber tanto vocês é porque, como não sou da universidade, não vejo defeitos, só virtudes. Pelo fato de eu ser um estranho no ninho, não tenho medo. Engraçado, eu não tenho medo de vocês. Não tenho medo das reivindicações, não tenho medo das críticas, porque eu acho que é exatamente nessa relação que a gente vai construindo aquilo que pode ser o mais perfeito a ser construído pelo ser humano.

Ontem eu tive um dia glorioso, como brasileiro: fui ao Espírito Santo, na Bacia de Campos, buscar um pouquinho de petróleo que está a 4 mil e 300





metros de profundidade. Isso só foi possível graças aos investimentos na educação, na preparação dos profissionais da Petrobras e graças aos investimentos em ciência e tecnologia nos nossos funcionários, professores da Petrobras, geólogos e engenheiros. Para mim, ontem foi um dia extremamente feliz. Jamais imaginei que a gente pudesse chegar a quase 5 mil metros de profundidade e trazer de lá uma coisa que estava incrustada pela natureza.

Depois eu vi algum noticiário ou ouvi alguém dizendo: “Pegou de 4 (mil metros), quero ver se pega de 6.” Eu achei muito estranho, porque é indescritível que as pessoas pensem assim. É uma espécie de jogar para baixo, porque a gente não iria ao Espírito Santo se não tivesse a convicção de que, em março do próximo ano, vamos tirar de 6 mil e 500 metros de profundidade. Para baixo, todo santo ajuda. Vocês percebem? Os críticos nem percebem isso. Se fosse subindo poderia ter problema, mas, para baixo, até bêbado chega em casa.

Ontem foi um dia glorioso para mim, como brasileiro, e quero dizer para vocês que hoje é outro dia glorioso. Há mais ou menos 30 dias, quando constituí o Conselho Interministerial, que vai me apresentar uma proposta da nova lei do petróleo, das modificações que precisamos fazer, eu disse a eles três coisas. A primeira é que nós não vamos ser exportadores de óleo cru, vamos exportar derivados de petróleo para ganhar mais dinheiro para o País. A segunda coisa que eu disse, é que precisamos aproveitar o dinheiro que pudermos ganhar com o pré-sal para que a gente recupere a dívida com a educação, que este país tem, que vem desde o século XX. A terceira coisa é que nós precisamos utilizar parte desse dinheiro... Quando falo em educação, Sergio, vou dizer: educação envolve ciência e tecnologia. A terceira coisa que nós precisamos resolver é o problema da pobreza no Brasil. Obviamente que a gente não sabe quanto petróleo tem. A gente imagina, mas não sabe quanto tem. A gente não sabe para quanto vai o preço do petróleo.

Mas eu também vi, Dilma, algumas críticas, dizendo que o governo quer



discutir para onde vai o dinheiro antes de tê-lo. Eu vou dizer uma coisa para vocês: sabem por que eu quero discutir logo para onde vai para o dinheiro? Porque se a gente não discute, os mesmos de sempre, que sempre ganharam tudo, vão querer se apoderar desse dinheiro antes de ele chegar às finalidades nobres que nós queremos neste país.

Se vocês não sabem, 62% dos dividendos de todo o investimento, de toda a renda da Petrobras são pagos na Bolsa de Nova Iorque. Nós não poderemos, com o pré-sal, ficar na mesma proporção de ficar rico quem está rico e pobre quem está pobre. Vocês percebem que não sou de rasgar notas de dinheiro, eu sou muito tranquilo. Acho que o ato de hoje me dá mais autoridade para dizer que isso é possível, para dizer que a gente saiu de 113 mil novas vagas em 2003 para 227 mil vagas a mais. É uma coisa que me dá alegria.

De vez em quando eu sou achincalhado nas perguntas: “e o Paulo Bernardo? O Paulo Bernardo está dando aumento não sei para quem. A máquina está gastando muito.” Eu queria que alguém me dissesse como a gente vai transformar este país num país de alta competência educacional se não contratar professores, técnicos, se não fizer mais universidades. Seria muito mais fácil pensar que o mercado vai resolver esse problema, e não gastar dinheiro. Mas eu não acredito nisso.

Eu acredito que o Estado brasileiro pode fazer o equilíbrio entre o ensino que pode ser visto apenas do ponto de vista mercantilista e o ensino que tem que ser feito para transformar este País num Estado muito forte, num Estado competente e competitivo em todas as áreas. As publicações que o Brasil está fazendo em pesquisa já cresceram muito, e vão crescer mais quando a gente estiver cumprindo o nosso PAC de 41 bilhões e 500 milhões de reais.

O que está acontecendo hoje, meu querido Fernando Haddad – além da sua competência e da competência da sua equipe, além da mão aberta do Paulo Bernardo e além da companheira Dilma Rousseff – é porque nós



proibimos neste governo, desde 2003, utilizar a palavra gasto quando se fala em educação. Educação tem que ser vista como investimento, e possivelmente investimento que traga retorno no mais curto espaço de tempo que um investimento pode trazer.

Quero agradecer aos companheiros da UNE, aos companheiros do ProUni. Quando o prato está pronto, todo mundo vai lá e come, e acha que foi fácil. Não foi fácil. As bordoadas que nós tomamos quando inventamos o ProUni: diziam que a gente estava dando dinheiro para a escola privada. As pessoas não se preocupavam que o nosso objetivo não era a escola, mas o aluno. Hoje eu penso que ninguém tenha mais dúvidas sobre o ProUni.

Quando criamos o Reuni – e a nossa querida presidente da UNE disse bem – os falsos esquerdistas ou os falsos revolucionários foram para as reitorias dizer que a gente iria baixar o nível de ensino, porque queríamos aumentar o número de alunos. Em algumas quebraram vidros, janelas, portas. Sempre foi assim no Brasil. Aqueles que já tiveram, não se contentam que os que nunca tiveram, tenham acesso ao mesmo que eles. Em algumas cidades deste país têm uma parte da população que não gosta que o pobre tenha ascensão e chegue até a praça que ele participava, que ele frequentava. Para nós, chegar à universidade não é ascensão. Chegar à universidade não é ascensão. Chegar à universidade é um direito que está garantido na Constituição, e cabe ao Estado garantir oportunidades para que todos possam chegar lá.

Por isso, querido Fernando Haddad, se eu pudesse colocar a minha alegria do pré-sal junto com a alegria do anúncio que você fez aqui hoje, eu poderia dizer que eles estão em igualdade de condições. O pré-sal só surgiu por conta dos grandes técnicos que a Petrobras tem. Então, nós precisamos utilizar esse potencial para formar mais gênios, para que a gente possa ter mais valor agregado, mais conhecimento e possa parar de ser exportador apenas de minérios ou de soja. Nós queremos ser exportadores de



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

conhecimento e de inteligência, porque é isso o que vai nos colocar no padrão de país definitivamente avançado.

Parabéns, Fernando Haddad; parabéns, reitores; parabéns à UNE, e vamos anunciar mais coisas.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de entrega de carrinhos elétricos utilizados por catadores de material reciclável**

**Belo Horizonte-MG, 03 de setembro de 2008**

Hoje estou com um pequeno drama. Qual é o drama? Estou com um discurso muito bem feito, bonito, mas estou achando difícil ler o meu discurso aqui. Quando a gente lê um discurso, ou a gente olha para as letras ou não consegue ler, e aí eu deixo de olhar para a cara de vocês. O meu medo é ir embora daqui sem ver as pessoas com quem conversei.

Mas vou tentar aprender com o Luiz Henrique como é que se fala, falando pouco e falando apenas o essencial. Vou também deixar de lado a nominata, porque vocês viram que a nominata tem tanto nome que quando o Patrus foi ler todos pensei que era o fim do discurso, e ele nem tinha começado ainda.

Bem, queria dizer para vocês, companheiros e companheiras, se me permitem, apenas homenagear uma convidada especial, a dona Danielle Miterrand, que está em visita ao estado de Minas Gerais. Citando o nome dela, citando o meu querido companheiro José Alencar, que de vez em quando vejo na imprensa que está doente, e ouvir ele falar agora, com essa garganta que ele tem, falei: doente estou eu, que não estou conseguindo mais falar, ele deve estar com uma saúde de ferro.

Eu penso que precisamos apenas lembrar de onde nós viemos, onde estamos e onde queremos chegar, porque assim a gente aprende a valorizar as conquistas que já tivemos, e aprendemos também a saber o que é prioridade para a gente continuar reivindicando através das nossas cooperativas, da nossa organização.

A verdade é que, embora a gente tenha avançado de forma



extraordinária, ainda temos um caminho a percorrer. E esse caminho não pode ser rápido – como se o poder público pudesse fazer um pacote de coisas boas e dar para vocês – porque terminaria não valendo muito se a gente não for conquistando degrau por degrau, as nossas conquistas sendo resultado do acúmulo da nossa consciência política e do acúmulo da nossa experiência.

Por exemplo, uma cooperativa não se organiza de cima para baixo. Se o presidente da República quisesse chegar em qualquer lugar do Brasil e criar uma cooperativa, reunisse 100 pessoas e decretasse: “Está criada a Cooperativa de Belo Horizonte”, na hora que virasse as costas a cooperativa iria se desfazer, porque cooperativa só dá certo quando é o resultado das conquistas cotidianas de cada segmento que se organiza em cooperativa.

Desde 2003 participo, todo final de ano, da reunião com os catadores de materiais recicláveis deste país. Todo dia 23 de dezembro estamos lá embaixo de um viaduto, em São Paulo, antes era com dom Cláudio Hummes, fazendo a nossa discussão, assumindo compromissos e atendendo as reivindicações. Cada vez que a gente atendia uma, os espertos aqui apresentavam logo duas, três. Eu pensava que ia sair agradecido: saía agradecido mas cobrado, com novas tarefas.

Se a gente imaginar, de 2003 até agora, o grau de organização que conquistamos, o discurso que este caboclo aqui fez, dentro do Palácio do Planalto... Porque a verdade é essa: palácio, no mundo, não é para pobre, palácio é para rico, palácio é para empresários, banqueiros, primeiros-ministros, presidentes, deputados, senadores, rainhas, príncipes. Imaginar catador de papel, sem-teto, cachorro guia de um cego dentro do Palácio do governo, parece uma obra de ficção. Pode parecer em outros lugares do mundo. Aqui no Brasil, o Palácio do governo é de todos e, por ser de todos, todos podem adentrar o Palácio.

Hoje estou aqui numa situação privilegiada. Primeiro porque ontem fui ao Espírito Santo, Luiz Henrique. Fui lá com a ministra Dilma, com o



Governador do estado, no próximo você vai no meu lugar para ver. Eu não acreditava que a gente pudesse furar um buraco a 4.300 metros de profundidade e de lá tirar petróleo, eu achava aquilo impossível. Não sou geólogo, portanto não sou obrigado a acreditar naquilo que o geólogo acredita. Não sou engenheiro, portanto não tenho dimensão disso.

Mas, meus filhos, vocês imaginarem descer uns canos a 1.400 metros de água... Eu tenho medo de piscina, imaginem descer a 1.400 metros de água, furar mais 3 mil metros de rocha e, depois, furar mais 400 metros de uma camada de sal e trazer petróleo. Eu brinco, em todo lugar que vou, que o buraco é tão fundo que qualquer dia a Petrobras sai com um japonezinho na broca, porque é muito grande e é muita profundidade.

Ontem começamos a explorar uma espécie de 10 a 15 mil barris desse pré-sal, que é a nova descoberta da Petrobras. Fiquei muito orgulhoso em saber que o Brasil tem uma empresa como a Petrobras, muito orgulhoso em saber que a Petrobras tem parceria com os companheiros que trabalham reciclando material, e muito orgulhoso em saber que temos uma engenharia capaz de fazer um milagre desses. A minha cabeça nunca imaginou que a gente pudesse chegar a 7 mil metros de profundidade dentro do mar e tocar numa coisa que Deus colocou lá há 130 milhões de anos. É impensável para a sua cabeça, é impensável para a minha, só as pessoas mais bem-formadas é que conseguem visualizar. A minha cabeça não consegue entender isso.

Mas, pelo fato de ter sido eleito presidente da República, sou obrigado a acreditar que é possível, porque fui lá ver e botei a mão. Se vocês soubessem a sensação de botar a mão numa coisa tirada a 4 mil metros do fundo mar... Sujei o macacão da Dilma, sujei o macacão do ministro Lobão, do presidente da Petrobras. Na verdade, eu queria tomar um banho daquele petróleo. Mas depois falei: puxa vida, vou tomar um banho, depois vou amanhã em Belo Horizonte, vou ficar que nem o Luiz Henrique, vão querer me tirar da Presidência da República e me colocar como membro da cooperativa aqui.



Também porque não tinha sabonete lá para tomar banho, e porque o pessoal tinha medo de que o ácido sulfúrico fizesse mal para o corpo. Aí falei: “Espera aí, eu tenho 63 anos, tenho um restinho de vida pela frente, vamos cuidar com carinho dessa vida”. Mas estou contando esse caso porque ontem eu tive essa emoção.

Hoje, eu tive outra emoção. Hoje participei de uma reunião com todos os reitores, Carlão, das escolas federais brasileiras. Assinamos as portarias para os editais de convocação do vestibular de 2009.

Quando entrei no governo nós colocávamos, por ano, 113 mil alunos novos nas universidades, eram as vagas que tínhamos. Este ano, no vestibular, vamos colocar 227 mil alunos no lugar dos 113 mil que tínhamos. Eu espero que a cooperativa de vocês, espero que as várias cooperativas de vocês comecem a apresentar meninos e meninas para fazerem universidade. Eu tomarei até uma cana no dia em que o primeiro catador de papel se formar numa universidade, com diploma de doutor. Se já tem... Eu espero que seja este ano, pelo ProUni. E se não for este ano, pelo ProUni, será daqui a três anos pela universidade federal brasileira.

Fiquei muito orgulhoso hoje, também, com esse negócio da escola. Imaginem: de um lado, petróleo e mais riqueza; de outro lado educação, que é mais importante do que o petróleo e mais importante do que a riqueza, porque a educação é a base da oportunidade para todo e qualquer ser humano neste país.

Agora venho aqui, a terceira emoção. Só não morro do coração porque sou corintiano, e corintiano sofre tanto que o coração fica calejado, não tem esse problema de ficar grande, inchado e mole, que não bomba mais nada. Coração de corintiano não tem espaço para colesterol, ali é só sofrimento. Agora que a gente está na Série B estou até gostando, porque estamos ganhando todas. E depois, joga no sábado, fazemos a alegria dois dias e não apenas um.





Tive hoje a minha segunda emoção. Primeiro, de me encontrar com vocês. Duvido que para qualquer pessoa que entrasse aqui, passasse por aqui e desfilasse aqui, quando chegasse ao final, se ninguém tivesse falado nada, se vocês não estivessem com essa camiseta, e a gente perguntasse assim: “Quem é esse povo que está aí?” Eu duvido que alguém fosse dizer que vocês eram catadores de materiais recicláveis nas ruas deste país fora. Por quê? Basta um pouco de comida, basta ter uma roupa limpa e basta estar com a auto-estima elevada que todos nós somos iguais em qualquer lugar deste Planeta.

Mais ainda: vocês viram que o pessoal da TV estava filmando aqui, o Stuckinha estava fotografando. Vou pegar esse material... Eu tenho alguns amigos que são costureiros de alta “granfinagem”, aqueles estilistas, não tem uns desfiles de umas moças que andam com as pernas meio cruzadas, rápido? Obviamente, aquela roupa que elas usam não é para vender, porque ninguém compra aquilo, aquilo é uma marca.

Mas eu quero mostrar para alguns costureiros essa roupa aqui e perguntar: vocês sabem o que é isso aqui? Eles vão dizer: “Deve ser um desfile no Morumbi, lá em São Paulo”, “Deve ser um desfile no bairro mais chique de Belo Horizonte”, porque as pessoas que desfilaram são bonitas, as roupas são bonitas e elas desfilam como se fossem verdadeiras artistas da moda desfilando. Eu nem sei se são modelos profissionais ou semi-profissionais, mas notei que as pernas, andando assim, são as mesmas. Se andarmos assim dizem que a gente está bêbado, mas na moda esse é o passo correto.

Estou emocionado por encontrar vocês, por ver essa coisa maravilhosa desse desfile que vocês fizeram. E aquela roupa não foi inventada por nenhum grande estilista, certamente foi por pessoas muitas ligadas a vocês próprios.

Depois, este carrinho aqui. Imaginar o pulo que às vezes vocês têm que dar quando o carrinho está levantado, para abaixar o bicho, para poder sair com ele no meio do umbigo. Lembro disso porque quando eu morava em



Santos, em 1956, não puxava carrinho, mas puxava barril de água de 200 litros na areia, areia de praia, sabe o que é? O bicho pesava 400 quilos. Então sei como é o trabalho de vocês. E, agora, este carrinho aqui.

O cidadão que estava aqui antes, vocês viram que ele veio até cruzando as pernas também? De tão leve que é. A gente poder distribuir isso para o Brasil inteiro e não vemos mais vocês fazendo o esforço que faziam, podendo colocar 300, 400 quilos aí.

Vou dizer mais, Pimentel: vou falar com o Aécio para fazer uma experiência. Acho que a Cemig poderia, aqui em Belo Horizonte, em cada posto de gasolina da BR, colocar uma tomada para vocês recarregarem de graça essa bateria. Cada governador, em cada estado, principalmente nas capitais, nos postos da BR, poderia fazer uma tomada, para que vocês chegassem e colocassem na tomada – em vez de gastar 7 ou 8 reais por mês, já colocariam isso no orçamento, para comprar mais pão para casa – e carregariam de graça na tomada. Podem ficar certos de que essa vai ser uma coisa que vai acontecer rapidamente para vocês.

A outra coisa importante que eu quero dizer para vocês é que eu estava falando do pré-sal e estava falando da profundidade. Mas ontem, Pimentel e José Alencar, cheguei em casa e a televisão estava falando do pré-sal. Falou, mostrou a gente lá no pré-sal, foi bonito. Mas depois teve uma segunda parte, colocaram umas pessoas para dizer assim: “Puxar de 4 mil é fácil, quero ver é puxar de 6 mil. Perfurar 400 metros na camada pré-sal é fácil, quero ver é perfurar 2 mil”. E eu fiquei pensando: por que a gente está comendo uma coisa gostosa e alguém vem dizer que não está boa? Por que tanta má vontade com o País? Por que tanta descrença? Fiquei pensando: eles não sabem que na nossa linguagem, aqui, tem um ditado, “para baixo todo santo ajuda”. E nós estamos perfurando para baixo. Lembrei que descer é tão fácil que até bêbado consegue descer escada, eu quero ver é ele subir escada.

Então, vamos tirar... Agora, o que quero dizer para vocês – tenho dito



para a companheira Dilma, para os ministros, eu criei um grupo interministerial – esse petróleo é do povo brasileiro. Ele não é da Petrobras, não é da Shell, não é da Esso, não é de nenhum estado, esse petróleo é de 190 milhões de brasileiros.

Coloquei três compromissos para o grupo. Primeiro compromisso: a Petrobras não virar uma exportadora de óleo cru. Ela tem que exportar subprodutos de petróleo para a gente colocar mais valor agregado e ganhar mais dinheiro para o País. Em vez de vender o óleo puro, vender gasolina, óleo diesel de qualidade. Daí porque vamos fazer mais cinco refinarias no Brasil. Segunda coisa que eu disse para eles: esse dinheiro que a gente conquistar com o pré-sal, não importa se daqui a um ano ou cinco anos, nós vamos pagar a dívida que temos com a educação brasileira. Vamos pagar a dívida que temos e dar oportunidade (inaudível) estudarem.

Uma outra parte desse dinheiro, depois de tirar o lucro das empresas, depois de tirar os investimentos das empresas, depois que cobrar os impostos que tem que cobrar, porque senão o governo não pode fazer as políticas, é para pagar a dívida secular que temos com os pobres deste país. Essas são as três condições que impus aos companheiros ministros que estão trabalhando, porque a gente pode fazer com que a vida de vocês melhore muito mais.

É importante lembrar que nós fizemos a lei do (inaudível), em que a gente garantiu que nas cidades as cooperativas poderiam trabalhar sem precisar fazer licitação. Tem gente que não está respeitando. Eles pensam que a gente está como estava há 20 anos. Aqui, depois de vocês sofrerem muito, nós elegemos este homem prefeito há 14 anos e ele começou a tratar de vocês, junto com a Pastoral, depois veio o companheiro Célio e deu continuidade, veio o Pimentel e deu continuidade. Mesmo assim, muitas vezes, vocês são olhados por alguns, que jogam lixo na rua, como se vocês fossem lixo.



A dona Geralda tem uma experiência de vida muito rica, não vou ler porque está aqui, mas a dona Geralda sabe quantas vezes ela parou em uma lanchonete para comer um lanche e as pessoas não queriam vender para ela. Vocês sabem quantas vezes as pessoas ainda olham para vocês com certo desdém, exatamente aquelas que não aprenderam a cuidar do lixo dentro de casa, que jogam lixo na rua - vocês, que estão prestando um serviço à sociedade catando o lixo delas - ainda acham que vocês não deveriam ser cidadãos brasileiros.

Você vai pedir uma audiência, não é, Luiz Henrique? Já pediu não, nem vi o papel ainda. Você me entregou um papel, mas não pediu. Vamos fazer uma discussão porque também tem um grupo interministerial discutindo a situação de vocês. Quero chegar ao final do meu mandato, em 2010, com tudo resolvido com vocês, não quero dever absolutamente nada, porque se eu sair devendo para vocês, quando eu não for mais presidente e estiver andando pelas ruas de Belo Horizonte, São Paulo, Recife, Salvador, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre e me encontrar com vocês, vocês vão virar a cara para mim. E o grande legado que quero deixar da Presidência é poder me encontrar com vocês e a gente se tratar de companheiro e companheira, a gente se tratar como irmão. É esse o legado, essa é a coisa mais sagrada da minha vida: é não perder a referência de quem é meu companheiro. Não esquecer nunca a origem de onde eu vim.

Eu não catava papel, mas vendia tapioca, amendoim e laranja. Cansei de tomar cocorote. Sabe o que é cocorote, não é? (inaudível) é aquele negócio que dá na cabeça da gente assim, e dói, bem aqui na moleira.

Companheiros, minha querida Danielle Miterrand, é importante lembrar porque vim aqui hoje. Alguém poderia perguntar: "O que faz esse presidente da República? Será que ele não tem nada mais importante para fazer em Brasília? Vem ele, o Vice-Presidente, um, dois, três, quatro ministros, 30 assessores, mais tantos deputados, mais o bispo aqui presente, mais uma francesa aqui



presente, por que veio tanta gente aqui?” A gente veio por uma única coisa: política a gente não faz só com palavras, política a gente não faz só com políticas públicas, política a gente faz com gestos”. Às vezes, um gesto vale mais do que qualquer coisa.

Vim aqui para fazer um gesto e repetir: eu sou o presidente de todo o povo brasileiro. Mas dentre todo o povo brasileiro, sei que tem uns que precisam menos, outros que nem precisam. E embora eu seja presidente de todos, quero dizer que a minha prioridade é fazer com que neste país os pobres possam conquistar definitivamente a cidadania, sejam respeitados pelo seu trabalho, tenham assistência médica adequada, sejam tratados decentemente pelo poder público municipal, estadual e federal, sejam tratados como seres humanos pela polícia, pelos fiscais das prefeituras deste país, e não sejam tratados como se fossem cachorros, que eles pegam em carrocinha. Eu já sou contra pegar cachorro, imaginem fazer o que fazem com o ser humano.

Vim aqui para dizer para vocês, companheiros e companheiras: estejam onde vocês estiverem e esteja eu onde estiver, junto com o meu governo, nós todos somos brasileiros, somos irmãos e estou junto com vocês nessa luta para melhorar a vida de uma grande parcela do povo brasileiro.

Um grande abraço, bom festival. E até dezembro, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração dos campi da Univasf e visita ao Hospital de  
Urgências e Traumas de Petrolina**

**Petrolina-PE, 04 de setembro de 2008**

Meu querido companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,  
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,  
Meu querido companheiro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro José Múcio Monteiro, ministro das Relações Institucionais,

Deputados e deputadas federais: deputada Ana Arraes, deputado Edson Duarte, deputado Fernando Coelho Filho, deputado Inocêncio Oliveira, deputado Maurício Rands, deputado Pedro Eugênio, deputado Sílvio Costa,

Meu caro Odacy Amorim de Souza, prefeito de Petrolina,

Meu caro João Paulo, nosso querido prefeito de Recife,

Meu caro Ronaldo Mota, secretário de Educação Superior do Ministério da Educação,

Meu querido companheiro Graziano, que hoje é representante da FAO na América Latina e Caribe,

Meu caro José Weber Freire Macedo, reitor da Universidade Federal do Vale do São Francisco,

Meu caro Fernando Bezerra Coelho, secretário de Desenvolvimento Econômico, em nome de quem quero cumprimentar todos os secretários aqui



presentes,

Minha cara companheira Maria das Graças Carvalho, secretária municipal de Saúde,

Meu caro Paulo César da Silva Lima, vice-reitor da Universidade Federal do Vale do São Francisco,

Senhoras prefeitas – estou vendo a nossa querida Cleuza, aqui, de Salgueiro, tomando sol,

Meu caro Renato Leal, em nome de quem cumprimento todos os estudantes aqui presentes,

Meus queridos amigos e amigas profissionais da saúde e da educação,  
Funcionários da Universidade,

Meus companheiros e companheiras de Petrolina, Juazeiro e do Brasil,

Depois de ouvir os companheiros falarem, eu sempre fico me perguntando se eu também teria que falar. Entretanto, penso que temos que compreender que o dia-a-dia da política deste país é igual ao dia-a-dia de qualquer outra atividade que nós praticamos no mundo. E, muitas vezes, deixamos de fazer algumas coisas porque não compreendemos o que está sendo feito ou, outras vezes, as pessoas não querem que a gente entenda o que está sendo feito, porque quanto mais gente entender, mais gente vai aprender a cobrar para que mais coisas aconteçam no nosso País.

Quando fui candidato a presidente da República, em 1989, ao terminar a campanha, descobri que não conhecia o Brasil, porque a vida de um candidato (é assim): ele pega um avião no estado em que ele mora, desce na capital de um estado, vai para o palanque, desce do palanque, volta para o aeroporto, vai para outro palanque, desce do palanque, vai para outro aeroporto. E aí você pergunta: quantos estados você visitou? O cara fala: “Eu visitei dez”. Quantas cidades? “Cinco” Agora, quantas você conhece? “Nenhuma”, porque você não conversa com ninguém, você fica atrás de informações ditas pelos seus amigos



para fazer um discurso, e termina não conhecendo.

Eu me convenci, em 1989, que se nós quiséssemos governar o País bem precisaríamos conhecê-lo. É como uma dona-de-casa que cuida bem da cozinha: se você nunca entrou na cozinha, e quiser fazer um café, vai ficar meia hora procurando onde está o pó, onde está o açúcar, onde está o bule. Às vezes nem faz, porque não encontra as coisas, numa cozinha pequena.

Para governar um país deste tamanho tem que conhecer as diferenças regionais, as diferenças culturais, as diferenças, eu diria, políticas, a diferença de qualidade das regiões produtivas. Resolvi, então, conhecer o Brasil. Em 1991, criei uma coisa chamada Caravana da Cidadania e percorri 91 mil quilômetros deste país de ônibus, de trem, de carro e de barco. Por exemplo, eu saí de Pirapora, em Minas Gerais, para chegar aqui em Juazeiro, de barco. Saí de Manaus de barco e passei 15 dias – passando por dezenas de cidades entre Belém e Manaus – para conhecer como viviam os povos ribeirinhos daquela região.

A primeira viagem que fiz foi a mesma que eu tinha feito em 1952, com sete anos de idade, quando a minha mãe saiu de Garanhuns para São Paulo. Naquele tempo, eu demorei 13 dias em viagem, com uma camiseta só porque não tinha a segunda para trocar. Refiz o mesmo percurso. Depois, eu fiz o percurso de Assis Brasil, no Acre, na divisa com o Peru, até Dourados, no Mato Grosso do Sul. Depois que terminou essa viagem, me dei conta de que eu conhecia o Brasil, porque para cada trecho que eu viajava, tinha uma aula. O Graziano e o professor Aziz Abi-Saber fizeram a viagem comigo. Cada trecho que a gente viajava, em cada região nova que a gente entrava tinha um especialista que ia dar uma aula, seja dentro de um ônibus, dentro de um barco, em qualquer lugar que a gente estivesse. A gente tinha de três a quatro aulas por dia sobre a região por onde nós estávamos passando.

Isso foi criando na minha cabeça a idéia de que o Brasil não pode ser pensado se não for conhecido na sua totalidade. Aí começamos a pensar um





projeto de desenvolvimento nacional e também projetos de desenvolvimento regional, para que a gente pudesse ter um projeto grande e, dentro desse projeto grande, ter projetos que atendessem as regiões e as microrregiões do nosso País.

É aí que entra a questão da educação. O Nordeste brasileiro era a parte do Brasil que menos formava doutores, que menos formava pesquisadores. Quando eu digo Nordeste, era a região metropolitana das cidades nordestinas, das capitais, não chegava ao sertão. Muitas vezes, verdadeiros gênios existentes nesses oito milhões e meio de quilômetros quadrados, por não terem na sua região nenhuma escola técnica profissional, terminavam o ensino fundamental e não tinham mais o que fazer na vida. Se fossem corajosos e estivessem dispostos a romper, muitas vezes, com a incompreensão do pai e da mãe, iam sozinhos para uma capital tentar a sorte. Se não fossem corajosos, ficavam e terminavam trabalhando na roça para ajudar a família a sobreviver.

Nós tomamos a decisão de que era preciso expandir a educação para todo o território nacional. Hoje, vejam o que está acontecendo. Quando terminarmos o meu mandato, no dia 31 de dezembro de 2010, estaremos entregando neste país 214 escolas técnicas profissionais a mais. Alguém pode dizer que é pouco, mas é preciso que tenhamos um paradigma para dizer se é pouco ou muito. Se vocês querem saber, desde a primeira escola técnica construída no Brasil, que foi construída pelo presidente Nilo Peçanha em 1909, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, até 2003, quando eu cheguei a Presidência da República, 100 anos praticamente, tinham sido feitas 140 escolas. Em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas profissionais.

Se quem vier depois de mim fizer mais 214, e quem vier depois de quem vier depois de mim fizer mais 214, vai chegar um dia em que teremos escolas suficientes para dar oportunidade de estudo a todos os brasileiros, e quem sabe permitir que em um curto espaço de tempo este país, em vez de ser



exportador de minério de ferro, de soja, de carne, de suco de laranja – também exportamos aviões – seja exportador de conhecimento e de produtos muito sofisticados.

Vou dar um outro exemplo para vocês: vocês sabem o que é bauxita? Bauxita é o minério que produz o alumínio. Quando você colhe a bauxita e vende uma panelada para a China, vende-se a tonelada da bauxita, que é o minério bruto, por 30 dólares. Se colocar um pouco de tecnologia e fizer alumina da bauxita, que é o primeiro subproduto, já exporta a tonelada por 500 dólares. Se você transformar em alumínio, exporta a tonelada por 3 mil dólares. A mesma tonelada sai de 30 dólares e pode chegar a 3 mil dólares, cem vezes mais.

Por isso é importante estar aqui inaugurando uma nova etapa da Universidade. Para a gente atingir esta capacidade de avanço tecnológico, temos que investir em educação, porque precisamos de mais profissionais qualificados. Por isso o ministro Sérgio Rezende propôs, e nós aprovamos, um PAC de ciência e tecnologia. Até 2010, vamos investir R\$ 41 bilhões em ciência e tecnologia neste país. Por isso tomamos a decisão de levar internet banda larga a 57 mil escolas públicas urbanas, para garantir que as crianças pobres tenham acesso às mesmas condições que as crianças que são filhas de gente um pouco mais afortunada. Mas não é apenas isso.

Esta semana para mim foi gloriosa, porque estou aqui hoje antecipando a inauguração de um hospital que vai começar a funcionar no dia 23 e inaugurando esta parte da Universidade, de qual vim lançar a pedra fundamental há pouco tempo. A Dilma citou aqui um número e quero que vocês me expliquem. Ontem participei de um ato no Palácio do Planalto com 54 reitores das universidades federais. Ontem foi assinado lá o decreto, a portaria para (inaudível) do edital de vestibular de 2009, por conta do Reuni.

A Dilma disse um número que quero que vocês reflitam. Em 2003, quando cheguei à Presidência da República, a gente renovava praticamente



113 mil vagas por ano para nossos estudantes. Agora, serão 227 mil novos alunos que vão ter oportunidade de estudar nas universidades brasileiras.

Aí me veio outra coisa que me deixou alegre. Vocês poderiam perguntar: “por que o Lula, que não estudou em universidade, só fez curso de torneiro mecânico, investe tanto em educação, se já teve reitores, doutores, advogados, já teve tanta gente fina governando o Brasil?” Possivelmente porque eu sinto pelos outros o que sinto por mim mesmo. Quero que os meus filhos e que os filhos deste país tenham a oportunidade de estudar que eu não tive.

Às vezes um cidadão se forma na USP, na Unicamp, na Universidade Federal de Pernambuco, depois ele ganha uma bolsa e vai passar dois anos em Paris fazendo pós-graduação, fazendo mestrado; depois ele ganha outra bolsa e passa mais dois anos em Berlim; depois ele ganha outra bolsinha – tem gente que vive de bolsa – e vai para Londres ficar mais dois anos, e nunca há um tempo para retribuir com trabalho o que foi o pagamento que o povo brasileiro garantiu para ele. Quando ele vai e volta, volta mais capacitado e pode prestar enormes serviços à comunidade brasileira. Se vocês, que estudam Medicina aqui, ao se formarem quiserem trabalhar na Avenida Paulista, em São Paulo, ou quiserem trabalhar apenas na praia de Boa Viagem, sabem o que vai acontecer? Vai ser uma frustração, porque embora a gente esteja aumentando o curso de Medicina, os pobres do sertão vão ficar sem médico, vão ficar sem atendimento. As pessoas, muitas vezes, parece que querem mercantilizar uma coisa nobre que é a educação, sobretudo na área da saúde, em que a gente faz o juramento “de atender, em qualquer hipótese, pode ser inimigo, pode ter ou não dinheiro”. Esse juramento muita gente esquece depois que se forma.

Eu penso que nós precisamos não apenas formar, mas criar uma nova mentalidade. Quando fui dirigente sindical, quero dizer que fui um dos grandes dirigentes sindicais deste país. Eu joguei a modéstia aqui embaixo. Aliás, durante a década de 70, fui o melhor dirigente sindical deste país. Eu sempre



tive muitas dúvidas sobre greve de médicos, como sempre tive muitas dúvidas sobre greve de metrô, porque quem paga é exatamente a parte mais pobre da população. A gente não vê greve nos grandes hospitais particulares. A gente vê no setor público, onde crianças ficam nas filas esperando horas por um atendimento e as pessoas não aparecem para atendê-las em nome de reivindicar um salário a mais.

Na verdade, podem reivindicar, brigar, denunciar, mas não deixem de atender a parte mais pobre da população, porque é ela que não tem o direito de protestar, ela não está organizada. Muitas vezes, se uma mãe rica vai a um hospital e não tem médico, ela vai para outro. Mas uma pobre – se for pronto-socorro de um bairro – não tem para onde ir e, muitas vezes, não tem dinheiro para pagar o ônibus para voltar para casa. É preciso que a gente construa não apenas mais profissionais, mas também uma nova consciência cidadã neste país, uma consciência com muita maturidade.

Fui agora inaugurar a universidade de Diadema. Já fizemos uma em Diadema, a Universidade Federal do ABC, em Santo André e São Bernardo, estamos construindo a de Osasco, a de Guarulhos já foi inaugurada, já fizemos uma em Santos e vamos fazer uma em Mauá. Estamos fazendo 88 extensões universitárias neste país, espalhadas por todo o território nacional; estamos fazendo 10 universidades federais novas; mais uma universidade latino-americana, que vai ter currículo em espanhol, professores espanhóis e portugueses, alunos espanhóis e portugueses, e vai ser chamada de universidade da integração. Vamos fazer também, na cidade de Redenção, no Ceará, a universidade afrodescendente, afro-brasileira, para que a gente comece a pagar a dívida que temos com os negros que eram cidadãos livres e foram transformados em escravos, durante 300 anos neste país. Certamente, nós não vamos conseguir pagar a dívida que temos com a África em dinheiro, nós temos que pagar com solidariedade, irmandade, companheirismo.



Eu fui a Diadema inaugurar. Cheguei lá, os alunos de Diadema me procuraram e falaram: “Presidente, sabe quantos alunos tem de Diadema aqui? Quatro. Tem muita gente de fora.” A primeira aluna que eu encontrei era de Recife, que foi fazer vestibular de Medicina lá. Eu falei: gente, isso não é um problema, isso é um desafio. A gente não pode ficar criando um bolsão: “só pode estudar aqui quem mora aqui”. Não. O que é preciso, na verdade, é que cada prefeito, daqui para a frente, terá que aprender uma lição. Cada prefeito vai ter que ter cursos especiais para preparar o povo de sua cidade para entrar na universidade. Esse é um desafio extraordinário. Tem que ter cursinho especial, bancado pela prefeitura, para que quando se fizer o vestibular, tenha muitos alunos.

Aliás, se depender de mim, um dia nós vamos acabar com o vestibular. Está aqui o nosso companheiro do Ministério da Saúde. Na Universidade Federal de Santo André, já a partir do ano que vem, os alunos que acertarem 90% da prova do Enem não vão precisar fazer vestibular, vão entrar direto na Universidade. E eu não aceito o argumento de que “o aluno não está muito preparado”, se ele não gastou 3 milhões em um cursinho, por que está cheio de escolas, de cursinhos querendo que as coisas aconteçam como elas querem. Está cheio de gente que fala: “se não fizer um cursinho, não vai passar”. Estão lembrados de quando eu criei o ProUni? Estão lembrados do que diziam? “O Lula quer nivelar a educação por baixo, colocando o jovem da periferia, sem muito preparo e que estudava em escola pública, para fazer vestibular”. Qual é a realidade hoje? Em 15 áreas pesquisadas, os melhores alunos são do ProUni, são exatamente aqueles que não tinham oportunidade. É aquilo que o nosso companheiro falou, tem uma parcela da sociedade que já sabe que vai entrar na universidade, estudou em escola boa e se não conseguir passar no vestibular para uma universidade federal, o pai vai pagar a melhor universidade. Mas tem uma outra turma que nasce, que se não passar



na federal não vai estudar em outra, porque não pode pagar. Este é o dado concreto.

O que nós queremos fazer? Primeiro, nós queremos que todos tenham a melhor escola possível. É por isso que as novas universidades serão de qualidade, para servir de paradigma. A Universidade Federal do ABC, em pouco tempo estará entre as melhores universidades do mundo, entre as cem. A USP - só para vocês terem uma idéia - que é a grande referência das universidades do Brasil, está em 115º lugar, tem 115 universidades melhores do que a USP no mundo. Pois nós queremos que as nossas agora se preparem, para a gente ter muitas das nossas entre as 100 primeiras. É isso que vai dar qualificação para este país. O pré-sal é muito importante, mas o melhor do pré-sal que a gente pode dar ao Brasil não é apenas tirar o petróleo é, com o dinheiro do petróleo, formar milhões de jovens neste país, porque aí será uma energia positiva e para sempre, porque passará de pai para filho.

Por isso, estou satisfeito. Fui, na terça-feira, inaugurar o pré-sal. Vocês sabem a alegria – não vou falar a palavra que eu senti – de a gente pegar um petróleo que foi tirado a 4.300 metros de profundidade. Eu que tenho medo de mergulhar numa piscina de 2 metros, pegar no petróleo e saber que tem muito mais, e saber que o descrente fala assim: “Pegar de 4 mil é fácil, quero ver pegar de seis mil”. Eles não sabem que aqui no Nordeste a gente aprende o seguinte: “Para baixo todo santo ajuda”. Nós vamos tirar de 6 mil, se tiver de 7 mil, vamos tirar, se tiver de 8 mil, vamos tirar. O meu medo sabe o que é? É tirar um japonezinho, porque o buraco está cada vez mais fundo. De qualquer forma, só podemos fazer isso pelo grau de inteligência da Petrobras: grandes engenheiros, grandes geólogos, que se prepararam para chegar lá.

Então, companheiros e companheiras, hoje é um dia prazeroso. Queria terminar dizendo duas coisas para vocês. Primeiro, contar a história de um companheiro chamado Gilnei Costa Santos, tem 18 anos, é de Matuípe, na Bahia. Sua mãe é Edelsa Costa Rodrigues, ele é o mais novo dos seus sete



filhos e o único que estuda em universidade. Gilnei sempre estudou em escola pública, conta ele: “Para mim, foi uma proeza entrar na faculdade e para minha família, motivo de grande orgulho. Minha mãe vivia de cozinhar para fora, e também ganhava o Bolsa Família. Com esse dinheiro e mais 40 reais de doações, consegui freqüentar um cursinho pré-vestibular e pagar o transporte. Prestei o vestibular para Psicologia no ano passado e fui aprovado. Moro do lado de lá de Juazeiro e venho todos os dias a pé para a escola”. Ele quer ser professor de Psicologia. “Por enquanto, participo do programa Conexões e Saberes, junto com outros 43 bolsistas e ganho uma ajuda mensal de 300 reais”. Ele participa de sete projetos junto à comunidade, um dos quais é um cursinho pré-vestibular comunitário. “Minha proposta é transformar esse projeto de conexões em política pública”.

Uma outra história interessante é da Janaína Nunes dos Santos. Tem 20 anos – sem namorado, isso aqui é para os homens ficarem... Não está escrito aqui, não, isso já é invenção minha, quem sabe ela tenha namorado. Mas a Janaína é de Lagoa Grande, há pouco mais de 50 quilômetros de Petrolina. Estudou em escolas públicas e é aluna do 5º período de Psicologia. É filha de Carmosina Nunes dos Santos e irmã de Joabi, que é beneficiário do ProJovem. “Nossa educação foi sendo construída com o dinheiro que a minha mãe recebia do Bolsa Família. Agora são 96 reais. Meu irmão recebe 30 do ProJovem e eu não vejo a hora de ele completar a idade para prestar vestibular aqui na Federal do Vale do São Francisco. Minha mãe tem muito orgulho porque entrei na universidade, principalmente porque também trabalho na coordenação do Pré-Vestibular Popular. Isso me valeu uma bolsa de 300 reais do Projeto Conexões e Saberes. Mas faço ainda mais, porque participo do Projeto Euclides da Cunha de alfabetização no ensino público. Com isso, acho que aos poucos vou devolver” – Janaína, meus parabéns – “à comunidade aquilo que ela vem me proporcionando”. Cadê a Janaína? Janaína, me diga a verdade: está namorando ou não está? A Janaína termina, dizendo o seguinte:



“As pessoas dos grandes centros não sabem o que se passa por aqui. Elas não sabem, por exemplo, que no último Enade o curso de Psicologia foi considerado o primeiro do Nordeste e o 13º de todo o território nacional”.

Meus queridos companheiros governadores, deputados, senadores,

Quero terminar dizendo para vocês que governar é exatamente isso, é ver as coisas acontecerem a cada dia. O Brasil está vivendo o seu momento mágico nesses últimos 40 ou 50 anos, as coisas estão dando certo. Dizem que eu tenho muita sorte, e Deus queira que eu me levante todos os dias com mais sorte ainda, porque sem sorte a gente não arruma nem mulher, e nem a mulher arruma marido para casar. É preciso ter muita sorte na vida política, na vida administrativa e também é preciso ter muita sorte no amor porque senão a vida não vale a pena.

Um abraço. Parabéns. Nós voltaremos outra vez quando estiver totalmente pronta aqui e em Juazeiro. Companheiros da Bahia, quero dizer uma coisa para vocês. Há tempos estou com vontade de vir inaugurar a ponte. Já que ela não tem namorado e o Gilnei não tem namorada, quem sabe... Aqui é o programa “casamento no palanque”.

Só para terminar, a ponte de Juazeiro, estou para inaugurar há muito tempo. Entretanto, é importante que vocês saibam o que aconteceu. Nós tínhamos um projeto original da ponte de Juazeiro, onde ela terminaria em linha reta. O prefeito, junto com o Ministério Público e a comunidade modificaram o projeto e pediram para o Ministério dos Transportes fazer uma alça para entrar na cidade. Nós modificamos o projeto e tivemos que fazer nova licitação. Quando estava pronta a licitação, disseram que não queriam mais a alça porque atrapalharia o trânsito de Juazeiro. Fomos obrigados a voltar ao projeto original. Tem licitação neste mês de setembro para a gente poder terminar essa obra, e eu quero atravessar a pé junto com vocês.

Um abraço, meus queridos.

(\$211A)





**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de lançamento do Programa Saúde na Escola  
Recife-PE, 04 de setembro de 2008**

Boa noite.

Meu querido companheiro governador do estado de Pernambuco,  
Eduardo Campos, e sua companheira Renata,

Meu caro companheiro João Paulo, prefeito da cidade de Recife,

Ministros que me acompanham nesta viagem,

Companheiros secretários,

Deputados,

Prefeitos,

Vou ser muito rápido, porque hoje estou compreendendo porque São José às vezes manda chuva e às vezes não manda: a gente passa o ano inteiro pedindo para São José mandar uma chuvinha que tem que vir até 19 de março, ou começar. Mas quando vem um pinguinho, vocês saem correndo daqui. Nunca vi tanta gente pedir chuva e quando cai uma gotinha, já vejo gente correndo daqui, com medo de água.

Primeiro, quero agradecer aos pais e às mães que trouxeram seus filhos para esta escola hoje para ouvir, sobretudo, o nosso ministro Temporão falar da atuação dos médicos de família nas escolas. Acho que é muito importante cada um de vocês compreender o que estamos propondo.

O ministro Temporão assinou aqui alguns documentos, algumas portarias. Essas portarias vão permitir que o Ministério da Educação, a partir de agora, possa fazer licitação para comprar todos os equipamentos que vão ser colocados na escola. Ainda não compramos porque não tinha a autorização do Ministério da Saúde para que o Ministério da Educação pudesse fazer a



licitação. Licitação, para quê? Licitação para comprar os aparelhos que vão ser utilizados dentro da escola para fazer uma aferição na saúde da meninada deste país.

A partir de agora vamos comprar balança para pesar as crianças e, ao mesmo tempo, medir o tamanho delas, para saber se o peso e a altura estão combinando com a sua idade. Vocês não sabem, mas aquele jogador famoso, chamado Zico, que jogou no Flamengo, quando chegou ao Flamengo para jogar, era baixinho, tinha menos altura e menos peso do que precisava. Precisou todo um tratamento médico e com professores de educação física para fazer o Zico se transformar no jogador importante que ele se transformou. O que nós queremos fazer com as crianças é isso. Se a gente constatar que uma criança está menor do que a idade que ela tem, se ela está pesando mais ou pesando menos, temos que estabelecer para essa criança um tratamento, uma orientação para a família, para que essa criança tenha tempo de se recuperar e voltar a ser do tamanho normal.

Segunda coisa: muitas vezes uma criança tem problema de pressão. É difícil – mas você disse que ia ler a pesquisa feita nesta escola e não leu – é muito difícil uma criança ter problema de pressão, mas nesta escola aqui 3% das crianças, pela pesquisa feita, têm problema de pressão. Então, tem alguma coisa anormal em uma criança de oito anos, de dez anos ter problema de pressão. Eu, que tenho 62 anos de idade, meço a minha pressão todo dia de manhã, Temporão, e a minha é melhor do que a sua, porque a minha pressão é 11 por 7 todo santo dia de manhã. E você não anda, não corre, não faz ginástica e fica dando conselho para a gente.

Este aqui, quando era ministro da Saúde, eu dizia para ele: Humberto, os médicos brasileiros um dia vão aprender uma combinação perfeita. Quando uma mãe ou um pai se sentar na cadeira de um médico para fazer uma consulta, o médico tem que perguntar muitas coisas. Hoje não pergunta mais, porque já manda para uma máquina, é máquina disso, máquina daquilo, não é



isso? Antigamente o clínico-geral conversava muito com a gente: “Já foi ao banheiro? Já fez xixi? Não fez? Está comendo bem? O intestino está funcionando? Teve febre? Tomou vacina?” Perguntava tudo para a gente. Hoje, não.

Agora, eu falo para o Humberto e o Temporão: quando uma mulher e um homem vão ao médico... Eles podem dar o remédio para a pressão, não tem nenhum problema, tem que dar, mas na consulta tem que estar escrito o seguinte: Você tem que andar no mínimo 30 ou 40 minutos por dia. Levante o bumbum do sofá e faça alguma ginástica, faça alguma coisa para que a pressão melhore. Sou a prova viva de que você pode se levantar com a pressão 14 por 9, e depois que você andar durante uma hora e medir sua pressão, ela vai estar 12 por 7, porque isso acontece lá em casa, quase toda semana.

Então, Humberto, precisa andar e medir a pressão todo dia, porque não é só remédio. Imagine, Temporão, que eu tenho 62 anos de idade, vou fazer 63 em outubro – espero que você me dê um presente – e nunca tomei um remédio para a pressão. Eu ando, ando, ando, eu e a dona Marisa. Quando estou com preguiça, ela me empurra da cama e fala: “Vai andar”. Vou andar quase dormindo, mas ando. A gente só vai ficando esperto depois de 20 minutos de caminhada, até então a gente vai andando quase dormindo.

Mas não era isso que vim falar. Quero falar o seguinte: vocês ouviram o nosso Ministro dizer que a gente vai colocar dentista. A gente vai pegar, duas vezes por ano, mas não é para vir dois dias seguidos, é para vir um dia, fazer um primeiro exame no começo do ano e um segundo exame ao final do ano. A gente vai ver a boca de cada criança para ver se ela tem cárie. Se ela tiver cárie, nós temos que tratar. Nós temos que ensinar a escovar os dentes, temos que saber... Combinar com o prefeito, com o governador para colocar flúor na água, para que a água seja de qualidade e não estrague os dentes das crianças.



Sabe o que acontece? A minha preocupação é que rico não tem dor de dente. Agora, pobre é uma “desgrama”. Temporão, vou te contar uma coisa: quem tem dinheiro vai a um dentista particular e cuida dos dentes desde pequenininho, tem até dentista infantil para rico. Pobre não tem condições. Se a rede pública não oferecer, pobre não cuida.

O que acontece aqui? Aqui tem muita gente que já acordou de manhã, pegou algodão com álcool e meteu no buraco do dente para ver se parava. Tem uns que colocam gengibre, outros colocam pano quente, tem outros que colocam perfume, fumo, cachaça, alho. Quem coloca cachaça no dente sempre coloca um pouquinho a mais para beber a sobra. Mas é assim que pobre se cuida. Agora, com esse programa, queremos evitar que os nossos filhos passem pelos problemas que passamos quando tínhamos a idade deles.

Uma outra coisa importante: qual é a mãe que não acordou com o filho com dor de ouvido? Sabe o que fazemos? Pegamos óleo de cozinha quente e, às vezes, colocamos um pouquinho dentro do ouvido do filho, colocamos pano quente, alho, álcool. É quase uma prática de curandeiro. Leite de peito... Mas, se a mãe não tiver mais leite, não deixe o marido pegar emprestado.

Tem outro problema grave com as crianças: enxergar, a visão. A gente vai comprar aparelho e vai preparar a professora para que ela possa fazer o teste da tabela, para ver se a criança está enxergando, porque às vezes a gente pensa que a criança é burra e não é. Ela teve, quem sabe, um problema qualquer, ou então falta vitamina A no seu organismo e diminui a possibilidade de ela enxergar. E, aí, a gente pensa que ela é burra quando, na verdade, é inteligente como as outras. O que ela está precisando é de um tratamento, e, se tiver problema, tem que utilizar óculos. Não é um óculos daqueles que a gente vai à farmácia e compra, com qualquer grau, tem que passar... Vocês viram que o nosso Ministro da Saúde falou “oftalmologista”, eu vou falar oculista. Oculista é o nosso nome popular, aqui.

Então a criança vai ao oculista, se tiver um problema nos olhos, se tiver



um problema e não está enxergando... Temporão, me orienta aqui: às vezes uma criança tem um problema, mas como os olhos não doem, vai passando o tempo, a criança não reclama com a mãe, não reclama na escola, e aquele problema vai se agravando. Como ela tem dois, vai enxergando com um. Ela só vai descobrir que tem um problema na vista, às vezes, quando vai prestar serviço militar, quando é obrigada a fazer um exame mais rigoroso.

Nós queremos, assim que a criança entrar na escola, que ela seja supervisionada, para a gente evitar que siga com problema. Se ela tiver um problema nos olhos, a gente vai dar óculos de graça para ela usar e aprender como as outras crianças.

Também vai ter um médico que vai ver o coração das pessoas, vai contar aqueles “33” nas costas da gente, para que a gente comece a acompanhar a saúde das nossas crianças nas escolas.

Este ano nós vamos chegar a 600 escolas, porque ainda está numa fase de comprar todos os equipamentos. A partir do ano que vem, e até 2010, queremos chegar a 26 milhões de crianças atendidas pelos médicos de saúde da família.

Vejam que engraçado: quando eu tinha 10 anos, a gente tinha médico na escola, tinha dentista. Por que o País perdeu isso? A gente tinha, quando a gente era mais jovem. Todas as pessoas com mais de 40 anos, aqui, ou 50, tiveram. Agora, o que aconteceu é que também, naquele tempo, tinha menos gente na escola. Na medida em que você coloca todo mundo na escola, você precisa fazer mais escolas, e naquele tempo o governo não foi preparado para fazer isso. Nós estamos nos preparando, e queremos que as crianças sejam tratadas da creche até atingir a maioridade, e cuidar da sua vida por conta própria.

Foi esse anúncio que viemos fazer aqui. Foi esse anúncio que o nosso Ministro veio fazer e, a partir de agora, vamos começar a comprar todos os produtos para que a gente possa dotar a escola e fazer as consultas para a



meninada. Essa é uma coisa extremamente importante.

Uma outra coisa que eu queria dizer para vocês, é muito sério, sobretudo para os homens: estamos fazendo uma campanha de vacinação contra a rubéola. É importante que todo homem, de 20 a 39 anos, tome a vacina. Não seja irresponsável, porque se você for casado e engravidar a sua mulher, a criança vai sofrer as seqüelas da rubéola. A mulher também tem que tomar a vacina. Queremos vacinar 70 milhões de pessoas neste país, mas a gente não vai colocar a polícia para pegar ninguém na marra, a gente vai tentar conscientizar para que cada pessoa faça o seu exame, sobretudo jovens que têm 21, 22 anos e falam: “Eu não preciso”. Precisa, porque você pode passar para outra pessoa. Então, é importante fazer... Até quando vai a campanha, Temporão? Até o dia 12 de setembro. Quem já tomou vacina contra rubéola aqui? Pouca gente. Quem não tomou? Não, espera aí, vocês estão me enganando. Na hora que peço para levantar a mão... Levante a mão quem já tomou. Abaixa a mão. Quem não tomou, levante a mão.

Gente, vocês têm que tomar. É para o bem de vocês, é para o bem da família de vocês. Não, mas é de 20 a 39 anos. É só quem tem 20... Por exemplo, um velhinho como eu, não precisa mais. É só gente de 20 a 39 anos, são os adolescentes deste país. A terceira idade aqui não precisa mais. O Eduardo e a Renata precisam. O João Paulo, a cara dele engana a idade dele, ele já deve estar com uns 38 anos.

Bem, companheiros, uma outra coisa é o seguinte: tem homem aqui com mais de 40 anos? Levantem a mão os homens com mais de 40 anos. Vocês já fizeram exame de próstata? Se tem um bicho covarde é homem. Seria bom que um homem engravidasse, para saber quantos toques ele iria tomar.

Não tenho vergonha de falar, em cada lugar que vou, porque se o cidadão tem vergonha de ir ao médico fazer exame, às vezes com 50 anos ele pega câncer de próstata. Aí, ele não vai tomar um toque, vai ser virado do avesso, e às vezes morre. Já fui a enterro de companheiro com 52 anos.



É a mesma coisa o exame de mama, de mulher. É o exame mais dolorido, porque aquela máquina é incômoda, é horrível. Mas qual é o problema? Se a gente não fizer, mais horrível será a gente descobrir que tem câncer de mama. E aí aquela dor da máquina passa a não ser nada, porque a dor de uma cirurgia, a dor de um câncer é muito maior.

Portanto, meus companheiros e companheiras, quero dizer ao meu querido companheiro Eduardo Campos, a meu prefeito, que é um prazer imenso a gente vir a Pernambuco para dar uma boa notícia. Tenho fé em Deus que nos próximos anos as crianças deste país terão o respeito do governo que nunca deveriam ter perdido.

E, para terminar... Tinha umas companheiras levantando uma faixa, e vocês pensam que sou adivinhão: “Lula, socorre a gente”, “Lula, os cartórios”, “Lula, a Previdência”. Por favor, uma ou duas de vocês dêem a volta aqui atrás, para que eu saiba pelo menos o que é que vocês estão querendo.

Muito obrigado, gente. Boa sorte às crianças do nosso país.

(\$211A)





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de comemoração dos 100 anos do nascimento de Josué de Castro**

**Recife-PE, 05 de setembro de 2008**

Primeiro, vocês devem bater palmas para os companheiros Eduardo Campos e João Paulo, que retiraram a palavra, porque num ato em que a gente está comemorando os 100 anos de nascimento do Josué de Castro, a gente lembra de fome, lembra de luta. E às 3 horas da tarde, 3 e meia, sem ninguém ter almoçado ainda, penso que merecia um protesto. Pensava que vocês iam levantar e começar a gritar: “Pára, pára, pára”, para a gente poder ir embora.

Mas, meus queridos companheiros,  
Governador,  
Prefeito,  
Companheiros ministros,  
Meus companheiros convidados para este ato pelo Consea,  
Nossa querida Ana Maria Castro,  
Meus caros companheiros deputados,

Este gesto que o Consea resolveu fazer, de promoção de Josué de Castro, é uma coisa que penso que todos nós deveríamos aprender a fazer. Eu disse na UNE, quando fomos assinar o documento de recuperação do prédio da UNE: primeiro, muitas vezes ficamos chorando por companheiros nossos que morreram em batalhas, em enfrentamentos a regimes autoritários... Quando a gente fica lamentando, apenas reclamando de quem praticou a violência, a gente satisfaz quem praticou a violência. A grande vingança é transformar a vítima em personalidade maior do que aquele que praticou o



assassinato.

Muitas vezes nem lembramos dos companheiros que foram perseguidos ao longo da história política do nosso país, porque nos preocupamos tanto em criticar quem praticou os atos arbitrários, que esquecemos de valorizar aqueles que foram heróis, que lutaram, que foram presos, exilados e que morreram acreditando numa causa. Estes são heróis, mas nós, muitas vezes, nos esquecemos deles e ficamos xingando os outros. Querem xingar, xinguem, mas vamos valorizar as nossas pessoas.

Estou na vida política há mais de 30 anos, e é o primeiro ato importante, com a presença de muitas personalidades, que a gente faz para homenagear o nosso querido Josué de Castro, que há mais de 60 anos levantava essa questão da fome e da miséria. Se a gente aprender a fazer isso mais vezes, quem sabe a gente vai criando novos heróis no País.

Esta multidão de gente aqui, se eu perguntar para vocês: me dêem um herói brasileiro. Vocês vão falar: Tiradentes. Porque, na verdade, não cultuamos isso, não trabalhamos essas coisas direito. Então, a gente só lembra de Tiradentes.

Apenas para um lembrete da importância deste gesto, Renato: este gesto é muito forte, porque estamos aqui recuperando, para pessoas que nem conheciam muito quem era Josué de Castro, a importância que ele teve quando, antes de qualquer um de nós pensar em falar em fome, ele já dizia que era preciso criar uma política de renda mínima, pela qual o Suplicy tanto briga hoje, para garantir que todos tivessem direito de comer e sobreviver.

Se esses atos forem repetidos muitas vezes, a gente vai criando uma consciência política mais favorável àqueles que foram vítimas, senão eles terminam caindo no esquecimento.

Primeiro, parabéns, querido. A segunda coisa, meus companheiros e companheiras, não se assustem, que não vou ler. Eu mesmo já percebi que está muito grande e, também, porque muitas coisas que estão escritas no meu



discurso já foram ditas aqui. Eu poderia até repetir durante o improviso mas, lendo, seria uma chatice imensa repetir as coisas que já foram ditas aqui.

Quero dizer a vocês que nós estamos vivendo um momento no Brasil em que as coisas agora podem acontecer com muito mais facilidade. Parece que faz muito tempo que a gente está no governo. Certamente, a oposição está cansada e, certamente, alguns dos nossos acham que começamos hoje. A verdade é que se vocês olharem o tempo em que estamos no governo, vão perceber que em 2003, o primeiro ano de mandato, tivemos que fazer um sacrifício imenso. Talvez o maior ajuste fiscal que este país já conheceu foi feito no meu governo. E foi feito no meu governo porque eu tinha muito capital político e era preciso, no momento de fazer o ajuste, ter coragem de trocar o capital político do primeiro ano pelo ajuste.

Em compensação, foi esse sacrifício imenso que fizemos em 2003 que permitiu que a gente tivesse um crescimento econômico, em 2004, de 5,8% no PIB, o maior depois de muitas décadas. Por conta do sucesso do ajuste fiscal e do crescimento em 2004, a direita - que muitas vezes ensina a esquerda a fazer política, porque nós somos muito mais democráticos, somos muito mais palatáveis, e eles são mais nervosos, ficam mais irritados, são mais agressivos, às vezes falam muito mais inverdades e difamações do que a esquerda - em 2005 foi para cima do governo para não permitir que conseguíssemos ter um segundo ano de qualidade na administração. Quem está aqui sabe o que passamos em 2005. Eles chegaram à conclusão, meu caro Armando Monteiro, de que nós tínhamos acabado.

Eu me lembro de um jantar de um conjunto de pessoas, gente importante, que depois de um jantar comigo - eu estava muito otimista, falando da reeleição - uma pessoa falou assim para outra: "Puxa vida, mas o Lula está otimista, depois de apanhar tanto". Uma outra pessoa - eu já tinha saído da mesa - falou assim: "Isso é fingimento dele, ele não vai ter nem coragem de



colocar a candidatura dele, ele está acabado para a política neste país, ele está derrotado”.

O que nós fizemos, de novidade? Voltamos para a rua para conversar com o povo sobre o que estava acontecendo e, em 2006, nós nos reelegemos. E foi importante que tenha tido um segundo turno, foi muito importante que tenha tido aquele segundo turno, para a gente fazer um debate mais ideológico, um debate mais de idéias, para as coisas ficarem mais ou menos assentadas.

Vocês estão percebendo que, se nos primeiros quatro anos trabalhamos com muita dificuldade para consertar o País, hoje estamos remando com muito mais rapidez. As coisas estão fluindo com muito mais facilidade. Todo mundo aprendeu, as coisas acontecem com mais facilidade, aparecem mais dinheiro e mais projetos. Por exemplo, aconteceu a crise de alimentos, que causou uma inflação internacional: inflação na China, no Chile, na Índia, na Alemanha, nos Estados Unidos, em tudo quanto é lugar a inflação subiu muito. Todo mundo começou a ficar preocupado.

Qual foi a decisão que tomamos em menos de 30 dias? Construir um programa chamado Mais Alimentos. O que é o programa Mais Alimentos? Tomamos a decisão de financiar pelo BNDES, até 2010, 60 mil tratores e 300 mil implementos agrícolas para a agricultura familiar brasileira, para que a gente possa levar o avanço tecnológico para a agricultura não ficar apenas como no começo do século passado, tratando da agricultura de subsistência, quando se plantava uma macaxeirinha para comer, um milhozinho para comer. Não. Queremos que a pessoa plante em escala, possa ter tudo o que tiver para comer, possa ter mais para vender e possa ter dinheiro para começar a comprar coisas para levar para casa. É isso o que queremos.

Hoje a situação está permitindo que a gente possa criar um programa como o Territórios da Cidadania. O Territórios da Cidadania... Vou dizer para vocês uma coisa: milito desde 1969 no movimento sindical, portanto, já vou



para 40 anos. Já participei de todos os movimentos sociais neste país. Nunca conheci um programa tão perfeito como o Territórios da Cidadania. Se a gente conseguir implementar o Territórios da Cidadania, se a gente conseguir consolidar a participação da sociedade, a participação dos prefeitos, e a gente conseguir colher aquilo que está plantando no programa, estaremos fazendo uma pequena grande revolução nos hábitos da sociedade brasileira nos 1.200 municípios mais pobres do nosso país.

A terceira coisa que acho fundamental, e certamente outros companheiros pensaram nisso antes de nós, é que estamos conseguindo consolidar uma política de crédito a ponto de os bancos começarem a entender que os pobres também têm direito a ter acesso aos créditos. O crédito consignado começou há 3 anos e já tem quase R\$ 80 bilhões emprestados. Dilma, você que ainda não sabe se é mineira ou gaúcha, deixa eu lhe contar: aqui, nós, nordestinos, vimos que o BNB, o grande Banco do Nordeste, em dezembro de 2002, só tinha 260 milhões de crédito emprestado neste país. Este ano, meu caro Armando Monteiro, vai terminar com mais de 13 bilhões de dólares emprestados e com muito pequeno crédito.

Tudo isso vai possibilitar que a gente possa dizer no próximo encontro do Consea, ao falar de Josué de Castro: Josué de Castro, valeu a pena você morrer pelo que você acreditou porque graças à sua coragem, à sua bravura e à sua determinação, você mexeu com mentes e consciências, permitiu que depois de tanto tempo surgissem todos vocês participando do Consea, surgisse um Ministério de Combate à Fome. Tanta gente importante no Brasil, preocupada com as mesmas coisas com que Josué era preocupado, fazendo as mesmas coisas que ele tentava fazer, mas em um momento de liberdade quase único neste país, porque estamos vivendo o maior período de liberdade deste país, com a Constituição Cidadã, de 1988.

Meus companheiros, só posso dizer aos companheiros que vieram participar deste encontro do Consea que estejam certos de que, daqui para a



frente, só teremos que avançar. Não tem como retroceder, é só avançar. Para que a gente possa... Ao terminar o nosso mandato em 2010, que a gente tenha uma fotografia do Brasil como um todo, uma fotografia mais justa para a grande maioria do povo brasileiro.

Espero que a gente possa, depois do PAC, comer um caranguejinho, sem precisar estar comendo dejetos de quem está comendo o caranguejinho.

Um abraço e que Deus abençoe todos nós.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de início do corte de aço para construção dos dez primeiros petroleiros do Programa de Modernização e Expansão da Frota da Transpetro - Promef**

**Ipojuca (PE), 05 de setembro de 2008**

Meu querido companheiro governador do estado de Pernambuco, Eduardo Campos, e sua senhora, Renata Campos,

Minha querida companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff,

Meu querido companheiro ministro de Minas e Energia, Edison Lobão,

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Sergio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro José Múcio, ministro das Relações Institucionais,

Deputada Ana Arraes, deputado Inocêncio Oliveira, deputado Fernando Bezerra Coelho Filho,

Meu querido companheiro metalúrgico João Paulo Lima e Silva, prefeito da nossa querida capital de Pernambuco,

Meu querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu querido companheiro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Meu companheiro Paulo César Chafic Haddad, presidente do Estaleiro Atlântico Sul,

Companheira, também pernambucana, Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,



Meu companheiro Fernando Bezerra Coelho, secretário de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco e presidente de Suape,  
Meu caro Angelo Bellelis, vice-presidente do estaleiro Atlântico Sul,  
Meu caro companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da área de Abastecimento da Petrobras,  
Meu caro amigo Luiz Nascimento, do grupo Camargo Corrêa,  
Meu caro amigo Antônio de Queiroz Galvão, do grupo Queiroz Galvão,  
Meu caro amigo Ariovaldo Rocha, presidente do Sinaval,  
Nossa querida companheira Mércia Severo do Nascimento, representante dos trabalhadores, em nome de quem quero cumprimentar cada companheiro e cada companheira do Estaleiro Atlântico Sul,

Pensem num cabra feliz e olhem para cá: sou eu. Tenho vivido alguns momentos que só posso acreditar que tem o dedo de Deus apontando e nos empurrando para assistir e presenciar o que está acontecendo no nosso querido País. A história, muitas vezes, é dura, é contraditória e é engraçada. Quando fui candidato a presidente pela primeira vez, os empresários tinham medo de mim como o diabo tem medo da cruz. O mais incrível é que uma parte das pessoas pobres deste país também tinha medo de mim. Uma vez, aqui em Recife, visitando Casa Amarela, entramos num barraco e a mulher tinha lá um quartinho de 3mx3m. Da mesma forma que os empresários tinham medo que eu fosse tomar o patrimônio deles, fiquei assustado quando visitei esse barraco e perguntei para a mulher: por que a senhora não vai votar em mim? Ela falou: “Porque vocês são comunistas e vão tomar tudo o que eu tenho”. Eu fui embora para São Paulo com a cabeça pirada. O que eu podia tomar daquela mulher? Do Nascimento, da Camargo Corrêa, eu poderia tomar alguma coisa; do Queiroz Galvão, eu poderia tomar alguma coisa; de outras empresas, eu poderia tomar. Mas fiquei matutando: o que eu vou tomar dessa mulher? Ela não tem onde cair morta. Peguei o avião e fui para São Paulo. Aí eu fui





compreendendo que o nada que ela tinha, para ela tinha o mesmo significado de tudo que tem um grande empresário, porque aquele era o patrimônio dela, aqueles 3mX3m era o patrimônio dela.

Passado esse tempo todo, nós perdemos três eleições, vocês nunca me viram chorar ou reclamar de uma derrota, e nunca me viram falar mal de um adversário. Esse tempo serviu para nos preparar e para que a gente fosse aprendendo o que o Brasil precisava para dar o salto de qualidade que tanta gente reclamava. É verdade que eu mudei, é verdade que todos nós mudamos, e é verdade que os empresários mudaram muito.

Acabou-se o tempo em que se tinha representação de empresários quase só no papel, em que eles ficavam semanas e semanas entre um e outro copo de uísque, tentando tomar o dinheiro que o Estado arrecadava, que não dava nem para suprir as necessidades de atendimento à população. Hoje os empresários tomaram consciência e nós também, de que a única possibilidade de este país crescer é a gente dar as mãos, compreender que todos nós temos direitos e todos nós temos deveres. As pessoas sabem que podem tomar dinheiro emprestado no BNDES, mas sabem que precisam pagar. As pessoas sabem que precisam colocar a sua fatia; sabem que precisam procurar novos parceiros; e sabem que nós, que queremos fazer novos investimentos, precisamos apostar na melhoria da qualidade profissional dos nossos homens e das nossas mulheres, porque o mundo competitivo exige cada vez mais qualidade e sofisticação, e nós não estávamos evoluindo para isso.

É por isso, meus caros empresários, meus caros trabalhadores e meus queridos companheiros e companheiras da imprensa, que este país ficou 22 anos sem construir um alto-forno, praticamente produzindo a mesma quantidade de aço. É por isso, Nascimento, que este país ficou quase 18 anos sem produzir uma nova fábrica de cimento. É por isso que este país estava atrofiado e era proibido de crescer, porque passamos 20 anos da história deste país discutindo inflação e dívida externa, e ninguém parava para discutir o



acúmulo e a concentração de miseráveis que iam surgindo pela periferia deste país. Hoje nós vemos na televisão que um jovem daqueles, de 24 anos, está sendo preso porque cometeu um delito. Ele é menos criminoso do que aqueles que foram responsáveis pela política econômica e pela política de desenvolvimento deste país nos últimos 20 anos.

Eu fico pensando quando é que nós, brasileiros, vamos poder andar de cabeça erguida e ter, cada dia mais e cada vez mais, orgulho de sermos brasileiros. Neste país, o contingente de pobres que ia nascendo, cada vez mais... É um paradoxo: nascem mais pobres do que ricos. A classe média já aprendeu a fazer o seu planejamento familiar, e o outro lado, que somos nós, ainda não aprendeu. Já evoluímos muito, mas é exatamente nas famílias mais pobres que se tem 3, 4, 5, 6 filhos, e às vezes até mais. Essa contradição permitiu que fosse aumentando o contingente de pobres espreado pela periferia de Recife, de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Salvador e por toda a região metropolitana.

O que nós estamos vendo agora é o começo da reversão. No PAC, quando pensamos em 40 bilhões de reais para fazer investimentos nas regiões metropolitanas do País, para urbanizar favelas, levar casas, alargar ruas, colocar luz elétrica, colocar água encanada, colocar tratamento de esgoto, foi porque tomamos uma decisão: não é apenas a polícia que vai resolver o problema da violência. É a presença do Estado federal, estadual e municipal, levando esperança e oportunidades para as pessoas. E isso está combinado com esta obra aqui.

Se eu fosse conversar com o meu amigo José Sergio Gabrielli e ele conversasse comigo apenas pensando na lógica da Petrobras, certamente ele me diria: "Presidente Lula, fazer uma plataforma aqui no Brasil custa 100 milhões de dólares a mais do que importá-la da Noruega ou da Coréia". Do ponto de vista apenas da empresa, era verdade: importar ficaria mais barato. Da mesma forma que se eu fosse conversar com outra empresa qualquer, me



diriam: “Presidente, por que vou fazer uma coisa aqui se eu posso comprar lá fora mais barato?”

O que está acontecendo aqui hoje é histórico, dois dias antes de a gente comemorar a Independência do País, e quando se comemora 100 anos da morte do homem que pensou mais fortemente a fome neste país. Eu fico pensando: este estaleiro é um movimento de consciência do nosso país, porque a Petrobras está compreendendo que ela deixou de ganhar 100 milhões de dólares na compra de uma coisa qualquer, mas está gerando empregos, gerando consumo, gerando salários, gerando renda e, possivelmente, o que esses trabalhadores estão gastando no comércio, e o que a empresa Atlântico Sul comprou de matéria-prima aqui dentro do Brasil, valeram muito mais do que os 100 milhões de dólares que a gente ganharia se importasse uma plataforma.

Nós começamos a pensar no País, e começar a pensar no País é permitir que todas as pessoas sintam orgulho desta menina que falou aqui. Sabem por que eu coloquei esta camisa antes de saber que eu tinha que colocá-la? Porque quando ela começou a falar, eu me lembrei do meu primeiro macacão, em 1959. Lembrei-me do orgulho com que eu fui trabalhar na fábrica de parafusos Marte, lá na Vila Carioca, em São Paulo. Minha mãe consertou um macacão do meu irmão e me colocou para trabalhar.

Naquele tempo, eu ia trabalhar com um macacão de mangas compridas, e me achava o máximo. Andava dois quilômetros e passava na porta de uma quitanda que tinha uma loirinha de 13, 14 anos, e eu achava que só porque eu estava de macacão, ela estava olhando para mim. Nunca olhou para mim, coitadinho do metalúrgico aqui, que passava todos os dias. Foram quatro anos e meio naquela empresa. Cheguei na empresa... Naquele tempo mulher não podia ser soldadora, era trabalho insalubre. Ser soldador era trabalho para homem. Eu me lembro de que cheguei na fábrica e não sabia o que fazer. Mas eu tinha um orgulho tão grande, porque tudo o que eu queria ser na vida era



mecânico. Aí me colocaram para catar pedaços de ferro cortados em uma prancha, e eu já achava que aquilo era ser mecânico. Aí eu fiquei das 8h da manhã até o meio-dia catando. Apitou para almoçar. Eu fui almoçar, olhei as minhas mãos e falei: estou limpo. Que diabo de mecânico é esse? A visão que eu tinha de mecânico era de um irmão mais velho meu que consertava carros: ele tinha mais graxa na cara e nas mãos do que no macacão. E o meu espelho de mecânico era aquele sujo, cheio de graxa. Não tive dúvida: passei em um tanque de óleo, daquele de temperar peças, enfiei a mão, melequei todo o peito, passei no rosto e fui para casa, para a minha mãe olhar orgulhosamente o caçulinha dela, mecânico, na fábrica de parafusos Marte.

O orgulho que essa menina sentiu ao falar aqui foi o orgulho que eu senti naquele mês de janeiro de 1959, quando comecei a trabalhar em uma metalúrgica. De lá para cá, muitas coisas aconteceram e muitas coisas vão acontecer. O que nós estamos provando a este país é que não temos mais o direito de jogar nenhuma oportunidade fora, não temos o direito de desprezar o potencial extraordinário de criatividade que tem o povo brasileiro, não podemos desperdiçar a credibilidade que conquistamos com duro sacrifício. Aqui tem muitos companheiros metalúrgicos, Eduardo Campos. Certamente, no começo do meu mandato passado, eles desanimaram: “é mais um que não vai dar certo, é mais um que nos enganou”. Nós fizemos de 2003 o ano do sacrifício, eu precisava trocar o capital político por consertar este país. Hoje nós estamos colhendo aquilo que plantamos. Este país nunca gerou a quantidade de empregos que está gerando. Este ano nós chegaremos, certamente, a 2 milhões de empregos com carteira assinada, e a carteira assinada é o orgulho do trabalhador deste país.

Nós estamos investindo, em ciência e tecnologia, 41,5 bilhões de reais, até 2010. Nós estamos investindo, daqui para a frente, em pelo menos mais cinco siderúrgicas neste país, em cinco novas refinarias. Aqui, o José Sérgio Gabrielli só falou das que ele já fez, mas não está contando as que vai fazer:



uma aqui neste estado; outra, o Comperj, no Rio de Janeiro; outra no Maranhão; outra no Ceará e outra no Rio Grande do Norte. Este país não vai ficar exportando óleo cru do pré-sal. Nós vamos exportar produtos mais refinados, com valor agregado, para gerar riqueza para o povo brasileiro e não em outros países.

Por exemplo, José Sergio, o México tem petróleo, mas exporta o petróleo cru para os Estados Unidos e depois importa a gasolina e o óleo diesel. Este país aprendeu o sabor da liberdade, e aprendeu que muito mais livres seremos no dia em que cada pai de família puder levar para casa, com o sustento do seu trabalho, o pão de cada dia da sua mulher e dos seus filhos. Este país será muito mais livre e muito mais independente no dia em que cada pai puder, no aniversário do filho ou da filha, comprar uma lembrancinha, por menor que seja. Este país será mais livre e mais independente no dia em que cada trabalhador puder, no dia de Natal, comprar um presente para o seu filho e para a sua mulher.

Eu sei porque vivi, na crise de desemprego de 1975, um ano e seis meses desempregado. Tenho noção do que é uma mãe, sentada à uma mesa de cozinha com quatro ou cinco filhos, olhando para um fogão apagado porque não teve dinheiro para comprar gás, porque não tinha feijão, se levantar de manhã e não ter café. E este país crescia durante 30 anos, como a maior economia em crescimento do mundo. Entretanto, a riqueza enchia apenas o bolso de poucos e não era distribuída para que a gente pudesse partilhar o resultado da nossa competência, do nosso crescimento. Parece-me que neste país os pobres só tinham valor em época de eleição. Em época de eleição, pobre é a coisa mais paparicada do mundo. Época de eleição é época de político falar mal de banqueiro, de falar mal de empresário, de falar mal de magnata, e é época de falar bem do pobrezinho, do miserável, do que mora no barraco. Até beija as criancinhas. Depois da posse, dá uma banana para os pobres e vai almoçar e jantar com os ricos durante todo o seu mandato, e só



volta a pensar nos pobres quatro anos depois.

É por isso que a gente tem que ter orgulho de Recife ter um prefeito como João Paulo, e Pernambuco ter um governador como o companheiro Eduardo Campos, que têm história de vida e, portanto, não prometem, fazem. E tratam bem as pessoas antes, durante e depois. É esse tipo de gente que nós queremos consagrar no País.

Por isso, estamos investindo em educação, e muito. Aqui em Pernambuco, além da Universidade do Vale do São Francisco que fomos inaugurar ontem, tem cinco novos campi. Vamos ter universidades em Caruaru, Vitória de Santo Antão, Garanhuns, Serra Talhada e Petrolina, para que os jovens do interior possam estudar sem precisar se dirigirem à capital. No ensino técnico nós temos duas unidades, em Floresta e Ipojuca, e estamos criando mais cinco em Afogados do Ingazeira, Caruaru, Garanhuns, Ouricuri e Salgueiro. Só em Recife tem 4.257 mil jovens fazendo universidade pelo ProUni. O estado de Pernambuco inteiro tem 6.544 mil jovens que, se estivessem à espera de uma universidade do governo, não iriam estudar. Nós criamos o ProUni, inventamos. As universidades particulares (inaudível) imposto, trocamos por bolsas, e esses jovens hoje estão cursando universidade. No ProJovem, que é para a gente tirar jovens de 15 anos a 29 anos que pararam de estudar, só em Recife temos 17.952 mil jovens que já tinham desistido da escola, e nós pagamos uma ajuda de custo para eles voltarem a estudar, aprenderem uma profissão e pegarem o caminho do bem, o caminho que todo pai deseja para os filhos. Em Pernambuco nós temos 22 mil jovens matriculados no ProJovem.

Essas coisas, meus companheiros, são apenas o começo. São o começo de uma coisa que nós aprendemos a fazer a partir de uma história de vida. Hoje eu tenho certeza de que os empresários não têm mais medo do Lula. E é bom que tenham respeito, pelo respeito que tenho por eles. Os trabalhadores já não têm mais medo do Lula. Pelo contrário, eles me enxergam



como se fossem eles que estivessem governando este país, provando que trabalhador pode chegar onde ele quiser, se tiver determinação.

Graças a uma equipe de governo extraordinária, graças à nova safra de governadores eleitos neste país, a gente pode, sim, dizer: este é o estaleiro virtual, tão virtual que ele não foi pensado apenas no papel. Este estaleiro traz mais do que o papel, traz um pouco da nossa alma, um pouco da nossa crença, traz o sentimento de um presidente que é capaz de chorar quando vê um vídeo das pessoas pobres desta região. Esta empresa foi capaz de transformar cortador de cana em soldador, em montador. Esta empresa foi capaz de transformar deserdado da periferia em cidadão de cabeça erguida, orgulhosamente vestindo um macacão e com a sua carteira assinada, para levar para casa o pão, o leite e o feijão que fazem os nossos bacuris crescerem, e crescerem muito.

Por isso, meu caro Haddad, meu caro governador Eduardo Campos e meu caro prefeito, hoje é um dia extremamente feliz. Aliás, esta semana, para mim, foi... Vocês estão lembrados que eu disse que Deus está no Brasil. Ele estava viajando por aí e parou aqui. Parou aqui e fez a gente descobrir o pré-sal, depois ele fez com que a gente começasse a inaugurar as universidades.

Ontem nós viemos a Recife lançar um programa para levar médico, dentista, oftalmologista, clínico-geral às escolas, para a gente olhar se as crianças, quando entram na escola, têm problemas de ouvido, de garganta, de olhos, se têm problemas no coração. Vocês sabem que na escola em que nós fomos 3% das crianças têm problemas de pressão? Significa que nós precisamos começar a cuidar dessas crianças enquanto são pequenas. Se a gente cuida das crianças, se está cuidando da juventude, se começa a cuidar dos trabalhadores e dos empresários, só a nós, políticos, falta cuidarmos de nós mesmos, senão todos vão para a frente e nós ficamos para trás.

Quero terminar dizendo uma coisa para vocês: o Brasil vive o seu mais extraordinário momento. Não falo isso para me vangloriar. Falo isso porque na



semana passada, alguns empresários aqui presentes participaram de um evento lá no Palácio do Planalto. Normalmente, alguns setores da imprensa não cobrem o que é feito. Parece que a imprensa tem uma certa ojeriza a escrever as coisas corretas, porque se falar bem do governo, dará a impressão de que é chapa branca. Então, de vez em quando a moda é falar mal. Recebo empresários todos os dias. Todos os dias vão empresários: “Presidente, vamos investir 1 bilhão, 2 bilhões, 500 milhões”. Aí, o empresário desce com o ministro para dar entrevista. No dia seguinte eu leio, e nada.

Então, eu resolvi juntar todos os empresários, colocar dentro do Palácio do Planalto para que a gente pudesse dar uma radiografia do que vai acontecer no Brasil até 2012. Até 2012, este país já tem contratados e compromissados investimentos da ordem de 1 trilhão e 400 bilhões de reais, que já estão consagrados.

Agora em setembro, eu vou fazer um (encontro) de políticas sociais. Vou convidar todos os movimentos sociais: sem-terra, sem-teto, sem-casa, sem-dente, sem-carro. Vou chamar todos a Brasília para fazer uma avaliação das coisas que aconteceram neste país, para as pessoas perceberem que quando eu disse “pensem num cabra feliz”, é quando vejo manchetes: “A classe média cresce. As pessoas da classe E e D passam para a classe C. O salário do trabalhador cresce. Nove milhões e meio de pessoas ficam menos pobres. Vinte milhões de pessoas ascendem de classe. Mais gente vai para a escola. Mais gente aprende uma profissão. Mais gente ganha mais salário. Noventa por cento dos acordos que os trabalhadores estão fazendo nos últimos cinco anos são todos com aumento real de salário”.

Passei 20 anos no Sindicato e nunca consegui um aumento real de salário, apesar das greves que eu fazia. Está todo mundo compreendendo, o empresário sabe que a empresa dele está ganhando mais e que pode pagar um pouco mais. O trabalhador sabe que a empresa está produzindo mais e que ele pode pedir um pouco mais, mas não pode pedir a ponto de levar a empresa





a ter prejuízo. Essa maturidade de equilíbrio entre trabalhadores e empresários, entre governo e trabalhadores, entre governo e empresários, entre 190 milhões de brasileiros, é que me permite dizer para vocês: meus queridos companheiros, ainda faltam dois anos e quatro meses para terminar o meu mandato na Presidência da República. Podem ficar certos de que daqui até 2010, estaremos apenas colhendo aquilo que plantamos.

Àqueles que torcem contra, àqueles que ficam o tempo inteiro rezando para que as coisas dêem errado, àqueles que ficam acreditando que as coisas não podem dar certo porque vai prejudicá-los nas eleições que vêm, eu queria dizer: por favor, podem xingar o presidente o quanto quiserem, podem xingar os ministros o quanto quiserem, mas na hora em que estiverem em jogo os interesses deste país e os interesses do povo, pelo amor de Deus, sejam pelo menos humildes, decentes e dignos. Façam discursos contra o governo, mas votem nas coisas que vão beneficiar o trabalhador brasileiro, as donas-de-casa, as crianças e todo o nosso País.

É esse o apelo que eu faço, porque não quero que o sucesso do Brasil seja apenas o sucesso do meu governo. Não quero que o sucesso dos empresários seja apenas o sucesso dos empresários do Atlântico Sul. Não. Eu quero que todos, mas todos, indistintamente, tenham oportunidades, e que a nossa querida Petrobras ache cada vez mais petróleo. Daqui a pouco vai estar todo mundo andando com aquele negocinho na cabeça, como se fosse sheik do petróleo. Daqui a pouco o José Sergio vai querer ir para a Opep, porque as pessoas vão ficando grandes e importantes.

Só tenho medo de uma coisa que falo para o José Sergio: a Petrobras está encontrando petróleo tão fundo, que o meu medo é que ela crie um problema internacional. De tanto fazer buracos, cada vez mais fundos – eu já disse duas vezes – daqui a pouco ela vai trazer um japonês grudado na sua broca, e aí vai ter um problema diplomático com o Japão, que vamos ter que resolver na diplomacia. Há dez anos, 100 metros era fundo, não é, José



Sergio? Depois passamos para 300, para 500 e depois para 600. Hoje – só para vocês que estão produzindo navios e que, logo, logo vão produzir sondas que vão procurar petróleo lá embaixo – são 3 mil metros de água, 3 mil metros de rocha, e depois 2 mil metros de sal.

Pensem numa coisa dessas e imaginem a sensação que eu tive quando coloquei a mão num petróleo saído de 4 mil metros de profundidade. Alguns dizem: “As coisas estão acontecendo porque o Lula tem muita sorte”. Graças a Deus, e que me dê muita sorte, porque sem sorte nem homem e nem mulher arrumam mulher e marido. Precisamos de sorte para sermos felizes no amor, para o nosso time ser campeão, para vivermos bem a nossa vida, para termos emprego. Se alguém, um dia, quiser um presidente azarado, não contem comigo. Se quiserem alguém com sorte, podem ficar certos de que eu vou ajudar a eleger.

Um abraço, e que Deus abençoe todos os trabalhadores e o povo deste estado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar em comemoração aos 60 anos do Grupo Pão de Açúcar**

**São Paulo-SP, 05 de setembro de 2008**

Meu caro amigo governador do estado de São Paulo, José Serra,  
Meu caro amigo Abilio Diniz, presidente do Grupo Pão de Açúcar,  
Ministra Dilma Rousseff,  
Ministro Nelson Jobim,  
Senador Aloizio Mercadante,  
Prefeito Gilberto Kassab,  
Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, meu caro Abilio Diniz, imaginei que discurso em jantar, fosse só em campanha política e, pelo que sei, você não está candidato a nada neste momento. Segundo, o Serra e eu ficamos sabendo que tinha discurso quando os nossos assessores nos entregaram o discurso para ler. Você viu que dispensei o meu discurso. Terceiro, quero dizer três coisas, Abilio. Primeiro, quando o Serra o visitou, quando você foi seqüestrado, o meu partido estava sendo culpado por tê-lo seqüestrado. Segundo, eu penso que uma empresa como o Pão de Açúcar é o retrato mais fiel para medir o que está acontecendo na economia de um país.

Quero, aqui, fazer duas confidências sobre o Pão de Açúcar e sobre o nosso querido Abilio. O Abilio virou quase o meu lbope, porque há alguns anos, quando apareciam na imprensa muitas críticas ao governo, o Abilio me ligava e falava: "Presidente, não acredite, porque nós estamos vendendo muito mais do que já vendemos em qualquer outro momento. O povo está comprando, Presidente. As lojas estão cheias". Isso veio se confirmando até que virou quase unanimidade, que o povo brasileiro está tendo muito mais poder de



compra hoje do que tinha um tempo atrás. Certamente, para uma cadeia, para uma empresa como esta crescer é preciso que tenha poder aquisitivo na sociedade para vender cada vez mais.

A segunda coisa é que nos momentos difíceis da política - e todo mundo aqui já teve momentos difíceis - eu posso dizer para vocês que o Abilio Diniz sempre se portou - e eu não o conhecia - como um companheiro solidário, que só aparecia para conversar comigo nos maus momentos, sem nunca me pedir absolutamente nada, mas sempre oferecendo a sua solidariedade. Na última vez em que me encontrei com o Abilio, fiz um desafio: penso que você deveria ser um pouco mais ousado, que deveria começar a fazer algumas viagens por alguns países africanos e começar a tentar expandir o Pão de Açúcar. Sugeri que ele fosse para Angola, e ele me falou: "Presidente, aos 46 anos de idade, casado com uma mulher de 30 anos, com um filho de dois, estou pensando mais em cuidar da minha vida do que em aumentar a quantidade de horas que tenho que trabalhar".

Quando você saiu, Abilio, eu fiquei pensando: realmente, aos 46 anos de idade... Aos 46 anos, porque eu, aos 50, pareço mais velho do que ele. Quando o Abilio saiu, fiquei pensando que tem o tempo de trabalhar, tem o tempo de descansar, mas eu acho que não tem volta para o crescimento do Pão de Açúcar. Eu acho que essas 575 lojas que você tem certamente irão crescer muito mais, porque outras regiões do Brasil que até então não eram merecedoras de atenção de grandes empresas como o Pão de Açúcar para se instalarem lá, agora você tem consciência de que em quase todo o País raramente se encontra um estado que não tenha condições, em que não esteja crescendo o consumo, em que não esteja crescendo o poder de compra da sociedade.

Penso que lá fora ou aqui, você vai continuar se expandindo, até porque parece que é uma consequência da matriz biológica dos Diniz. O seu pai, que veio de Portugal para cá, conseguiu montar uma doceria e, dessa doceria,



conseguiu construir este, digamos, império. Eu penso que se as coisas continuarem, os seus filhos e os seus netos com a mesma competência e capacidade, e o Brasil continuar crescendo, vocês irão fazer muito mais lojas. Quero também - eu sei que a sua mãe não pôde vir aqui - dizer para vocês que faço aniversário quase junto com a doceria Pão de Açúcar, que foi criada em 1948, porque eu nasci em 1945. Certamente um pouco antes de você, Serra, e um pouco depois do Abilio Diniz.

Eu vim de Pernambuco para cá, Abilio. Quero pedir desculpas às pessoas que estão aqui desde as 9 horas esperando a comida que o Abilio prometeu e que não saiu ainda, e dizer para vocês que é com muito orgulho... É o primeiro jantar do qual eu participo desde que tomei posse na Presidência da República, e é o primeiro jantar que não posso jantar, porque tenho que pegar o avião no aeroporto de Congonhas e não posso sair depois das 11 horas, senão o Serra me denuncia, e eu não posso ser vítima disso agora.

No mais, meu querido Abilio, parabéns, que Deus continue lhe protegendo e protegendo a família, para que esta empresa continue crescendo e o povo brasileiro tenha mais facilidades de comprar cada vez mais e mais barato. Um abraço e parabéns pelos 60 anos.

(\$211A)



---

**Pronunciamento do Presidente da República**

---

**Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia nacional de rádio e TV, por ocasião das comemorações do Dia 7 de Setembro**

**Brasília-DF, 07 de setembro de 2008**

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Feliz é o povo que, no dia de sua Independência, pode olhar com orgulho para o passado e com esperança para o futuro. Principalmente, quando essa esperança está firmada na realidade, e não é apenas um sonho vago e distante.

Neste 7 de Setembro, o Brasil não só vive um momento excelente, como está reunindo todas as condições para que as próximas décadas sejam muito melhores.

Eu tive o privilégio de ter um vislumbre deste futuro, em pleno mar aberto, na última terça-feira, na costa do Espírito Santo. Vi com os meus olhos e senti nas minhas mãos, na Plataforma P-34 da nossa querida Petrobrás, o petróleo que começou a ser produzido no pré-sal.

O que assisti ali – e faço questão de dividir esta emoção com vocês - foi o início de um dos enlaces mais simbólicos da vida deste País. A abertura de uma ponte direta entre riqueza natural e erradicação da pobreza. E fico muito feliz de explicar esta história para vocês, justamente no dia em que a gente comemora a nossa Independência.

O chamado pré-sal são jazidas gigantescas de petróleo e gás, situadas entre cinco e sete mil metros abaixo do nível do mar. Não se pode ainda dizer, com certeza, quantos bilhões de barris ela acrescentará às reservas brasileiras. Mas já se pode dizer, com toda segurança, que o pré-sal colocará o Brasil entre os maiores produtores de petróleo e gás do mundo.

---

Mas aqui começa a diferença: os recursos das jazidas do pré-sal serão canalizados, prioritariamente, para a educação e a erradicação da pobreza. Vamos aproveitar esta grande quantidade de recursos para pagar a imensa dívida que o nosso país tem com a educação.

Agindo dessa forma, estaremos dando um dos mais vigorosos passos da história para diminuir a pobreza no Brasil. E iremos transformar uma riqueza perecível, como o petróleo e o gás, em fonte de riqueza perene e inesgotável para o povo brasileiro.

Esta descoberta, que vai colocar o Brasil num novo patamar no cenário mundial, não seria possível sem a Petrobrás. E a exploração destas jazidas será mais um desafio tecnológico que esta empresa, que é o maior símbolo da criatividade e competência dos brasileiros, irá vencer.

Uma comissão de Ministros está estudando a melhor forma de exploração do pré-sal. Dei a ela algumas diretrizes.

Primeira: o Brasil não quer ser um mero exportador de óleo cru. Ao contrário, queremos agregar valor ao petróleo aqui dentro, exportando derivados, que valem mais. Vamos aproveitar a riqueza do petróleo, que Deus nos deu, para produzir mais riqueza ainda com o nosso trabalho.

Vamos constituir uma poderosa e sofisticada indústria petrolífera, consolidar o renascimento da nossa indústria naval e acelerar o desenvolvimento tecnológico da nossa petroquímica. Vamos reforçar a nossa Petrobrás.

Vamos encomendar - e produzir aqui dentro - milhares e milhares de equipamentos, gerando emprego, salário e renda para milhões de brasileiros. Só nos próximos anos serão construídas no Brasil cinco novas refinarias, dezenas de sondas e plataformas, e centenas de navios.

Segunda diretriz: não vamos nos deslumbrar e sair por aí gastando o que ainda não temos ou torrando dinheiro em bobagens. O pré-sal é um passaporte para o futuro. Sua principal destinação, repito, deve ser a educação das novas gerações e o combate à pobreza. Vamos investir esses recursos naquilo que temos de mais precioso e promissor: nossos filhos e nossos netos.

Dentro de algumas semanas, a Comissão Interministerial me entregará suas sugestões e aí abriremos uma discussão ampla com a sociedade. Esse debate, decisivo para o futuro do nosso País, interessa de perto a todos os brasileiros.

---

Queremos uma política energética voltada para a paz, o progresso e a solidariedade, e não para alimentar disputas e conflitos.

Quero dizer a vocês que a descoberta do pré-sal não poderia chegar em hora mais apropriada. O País vive o melhor momento econômico e social de sua história. Estamos assistindo ao coroamento de uma política exitosa de crescimento com distribuição de renda e inclusão social.

Vivemos, ao mesmo tempo, na era do maior movimento de ascensão social e na época do maior montante de investimentos da história do Brasil. É por isso que, a cada dia, mais brasileiros estão mais confiantes no país que estamos construindo: um Brasil maior para mais brasileiros.

Viva o Brasil!

Viva o 7 de Setembro!

Viva o povo brasileiro!

Boa noite.

(\$213)

---

**07/09/2008**





**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do Dia 7 de Setembro, publicada no jornal El Mercurio, do Chile**

**Publicada em 7 de setembro de 2008**

Por ocasião de um novo 7 de Setembro, data da Independência do Brasil, recordamos que o Brasil e o Chile tem mantido, historicamente, relações exemplares, sempre marcadas por interesses convergentes e propósitos comuns, tanto na política doméstica como em nossas relações internacionais.

O desempenho econômico positivo de nossos países e a crescente complementaridade alcançada por ambas as economias têm dado um forte impulso ao intercâmbio comercial e aos investimentos bilaterais.

As relações econômicas entre o Brasil e o Chile têm tido nos últimos anos um extraordinário dinamismo, associado, entre outros fatores, ao desempenho favorável de ambas as economias, ao bom nível das relações entre nossos respectivos Governos e aos crescentes vínculos existentes entre os setores empresariais dos dois países.

Igual dinamismo marca nossa relação no plano político, impulsionada por um projeto de integração regional firmemente assentado sobre os valores comuns da democracia e da justiça social, projeto que encontra na UNASUL - cuja Presidência pro tempore é atualmente exercida, com determinação e vigor, pela Presidenta Michelle Bachelet - seu marco fundador.

Ao renovar, uma vez mais, minha saudação fraternal ao povo chileno, reitero a disposição do Governo brasileiro de seguir trabalhando pelo aprofundamento dos vínculos históricos que unem o Brasil e o Chile.

(\$212)



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do Dia 7 de Setembro, publicada nos jornais El País e El Observador, do Uruguai**

**Publicada em 7 de setembro de 2008**

O Brasil comemora, no dia 7 de setembro, o 186º aniversário de sua independência. Esta data representa para todos os brasileiros a reafirmação de importantes conquistas na construção de um país mais justo, democrático e estável.

Temos vivido um momento único de avanços sociais e de consolidação de importantes reformas econômicas, que se têm refletido em maior inclusão social e níveis de vida mais elevados para os brasileiros. Temos orgulho de dizer que o Brasil vem-se tornando um país melhor.

Ao celebrarmos essas realizações e os valores cívicos da data nacional, queremos também compartilhar nossos sentimentos com os países amigos do Brasil, sobretudo aqueles, como o Uruguai, com os quais desfrutamos fronteiras terrestres, uma amizade histórica e sólidos laços de cooperação.

Com os uruguaios e com o Governo do Presidente Tabaré Vázquez, temos trabalhado intensamente para levar adiante nossos ideais e objetivos comuns de defesa da democracia, proteção dos direitos humanos, busca do crescimento sustentado, compromisso com o combate à fome e à pobreza e integração do nosso Continente, tendo como eixo central o Mercosul.

São esses valores comuns “presentes na dinâmica, próspera e exemplar fronteira dos nossos países, onde brasileiros e uruguaios vivem com serenidade a realidade cotidiana da integração” que nos dão a certeza de que Brasil e Uruguai estão no caminho certo.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Quero, nesta data, compartilhar com todos os brasileiros residentes no Uruguai e com todos os uruguaios amigos do Brasil o anseio de que a nossa amizade e os nossos laços de cooperação se aprofundem ainda mais.

Luiz Inácio Lula da Silva  
Presidente da República Federativa do Brasil

(\$212)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o almoço em homenagem à presidente da Argentina, Cristina Kirchner**

**Palácio Itamaraty, 08 de setembro de 2008**

Excelentíssima senhora Cristina Fernández de Kirchner, presidente da nação argentina,

Meu caro companheiro José Alencar, vice-presidente da República,  
Senador Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,

Ministro Gilmar Mendes, presidente do Supremo Tribunal Federal,  
Minha companheira Marisa,

Doutor Enrique Taiana, ministro das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República argentina,

Embaixador Celso Amorim, ministro de Estado das Relações Exteriores,  
Senhoras e senhores ministros e integrantes da delegação argentina,

Senhoras e senhores companheiros ministros e ministras do Brasil,  
Senhores Embaixadores,

Senhores deputados, senadores,

Meus amigos e minhas amigas,

Ontem tive a honra de contar com a presença da presidente Cristina Fernández de Kirchner nas comemorações de nossa data nacional. Hoje e sempre celebramos a Independência que nossos povos alcançaram no século XIX, mas também a que estamos logrando agora, quase duzentos anos depois. Estamos nos libertando de pesada herança: estagnação econômica, desigualdade social, ceticismo político, renúncia de soberania.

Consolidamos democracias comprometidas com o desenvolvimento e a justiça para todos em um continente de paz e prosperidade. Junto aos parceiros do Mercosul, unimos forças para enfrentar os desafios de um mundo



competitivo e turbulento. Estamos construindo uma união sul-americana baseada na solidariedade para garantir presença soberana no mundo.

Minha cara presidenta Cristina,

O Brasil sabe que conta com a amizade e o compromisso do seu governo. Valorizamos nossa aliança estratégica e queremos coordenar mais ainda nossas iniciativas. Temos de aproveitar este momento muito especial da relação de nossos países.

A Argentina se destaca entre nossos sócios comerciais e o Brasil é o primeiro parceiro da Argentina. Nosso intercâmbio anual se aproxima de 30 bilhões de dólares – dez vezes mais do que uma década atrás. Estamos tomando medidas para que esse intercâmbio seja equilibrado e reforce cadeias produtivas binacionais.

Hoje, 70% do que a Argentina vende para o Brasil são produtos manufaturados, de alto valor agregado. Os mais de trezentos empresários brasileiros que me acompanharam a Buenos Aires são testemunhas da aliança que estamos forjando. Nossos países vêm seus desenvolvimentos nacionais a partir da lógica da integração binacional e da coesão regional.

Por isso lançamos, em fevereiro passado, o Mecanismo de Integração e Coordenação Argentina-Brasil. Por meio dele, acompanhamos os projetos que aprofundam o caráter estratégico de nossa parceria. Para garantir nossa segurança energética, vamos acelerar o cronograma de construção da hidrelétrica de Garabi e intensificar a cooperação ambiciosa em matéria nuclear.

Por meio de consórcios produtivos, vamos unir nossas forças e competências para viabilizar o extraordinário potencial de setores, como a indústria naval, que passa por acelerada ampliação e modernização. A Argentina pode e deve participar da construção da grande infraestrutura necessária à exploração do petróleo brasileiro na camada pré-sal. Alegro-me ver os progressos que temos tido nas áreas estratégicas da cooperação



espacial, nuclear e na área de defesa.

Ainda este ano, deveremos concluir o desenho técnico do satélite conjunto Sabiá-Mar. Além dos 30 projetos conjuntos para uso pacífico da energia nuclear, decidimos avançar nas discussões para a constituição da empresa binacional de enriquecimento de urânio. No campo da defesa, esperamos iniciar, em 2009, a produção do veículo militar "Gaúcho". Estão igualmente avançados os entendimentos para que a Fábrica Militar de Córdoba forme parceria com a Embraer na produção de aviões.

Também no eixo da inovação científica estamos forjando sinergias por meio de escolas binacionais de nanotecnologia ou pela cooperação no campo da TV digital, decisiva para o desenvolvimento industrial e para a democratização da informação.

A integração que almejamos exige maior capacidade de financiar investimentos produtivos plurinacionais. A cooperação entre o BNDES, o Banco Nación e o Bice já é uma realidade em importantes obras de infraestrutura na Argentina.

Com o funcionamento, a partir deste mês, do sistema de pagamentos em moeda local, damos o passo inicial para uma futura integração monetária regional. Logo veremos os primeiros resultados, na forma de queda dos custos de exportação e importação, sobretudo para as pequenas e médias empresas brasileiras e argentinas.

Amiga Presidente,

Após anos de retrocesso, nossos países reverteram um quadro dramático de exclusão e injustiça. Estamos estendendo a todos os direitos cidadãos fundamentais. Isto não é possível sem forte crescimento, aliado à geração recorde de empregos nos dois países.

A ampliação do mercado interno garante um ciclo virtuoso de prosperidade. A estabilidade dos fundamentos macroeconômicos, que conquistamos com méritos próprios, reduziu nossas vulnerabilidades e abre



caminho para o crescimento racional e responsável.

Em momento de acirrada competição global pelo acesso à energia, nossos países apresentam condições ideais para desenvolver energias renováveis e também para explorar juntos a vasta riqueza de nossos países em matéria de gás e petróleo.

Argentina e Brasil estão articulando políticas agrícolas, industriais e tecnológicas para confirmar nossa vocação como celeiros do mundo. Por essa razão, consideramos fundamental eliminar distorções e barreiras ao comércio internacional. Elas inibem o potencial agrícola de muitos países e contribuem para aumentar a fome no mundo. Seguiremos empenhados em concluir a Rodada de Doha. Argentina e Brasil certamente têm muito a ganhar. Já os prejudicados por um fracasso serão os países mais pobres e mais vulneráveis do mundo.

Senhores e senhoras,

Não devemos temer divergências. Elas serão sempre menores do que o que temos em comum. Insisto em que a resposta para os problemas do Mercosul é mais Mercosul. Precisamos continuar a aprofundar nossa integração para consolidar nosso Bloco. Com flexibilidade e atenção às preocupações de cada sócio, a Presidência brasileira do Mercosul se empenha para consolidar nossa União Aduaneira. A eliminação da dupla cobrança da tarifa externa comum dará outra qualidade ao bloco comercial. Permitirá adotarmos poderoso mecanismo de distribuição da renda aduaneira.

Junto com o FOCEM, ajudará na tão necessária correção das assimetrias entre os sócios do Mercosul. O Fundo de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, aprovado na Presidência argentina, trará ganhos para as economias menores.

Estamos também empenhados em finalizar a adesão da Venezuela ao Mercosul, de forma a ampliar os horizontes de integração produtiva e dar dimensão continental ao nosso Bloco. Vamos realizar sessão especial do



Conselho do Mercado Comum com a participação dos Ministros da área social do Bloco, inclusive dos países associados.

O amadurecimento institucional em nossos países renovou as expectativas sobre o Mercosul. Prova disso é nosso Parlamento regional, que começa a debater temas fundamentais para a construção de um espaço de prosperidade e bem-estar compartilhado.

Minha cara amiga Cristina,

No momento em que nos preparamos para retomar negociações com outros blocos, é fundamental que o Mercosul possa falar com uma só voz no mundo. Vamos redobrar esforços para concluir um acordo com a União Européia e aprofundar as discussões com outros agrupamentos de importância estratégica, como a SACU, o Conselho de Cooperação do Golfo e a ASEAN. Isto sem falar no diálogo em curso com Rússia, Índia e Turquia.

O fortalecimento do Mercosul torna mais sólida a integração sul-americana e consolida nosso patrimônio latino-americano. Temos acordos de livre comércio com praticamente todos os nossos vizinhos. Nosso diálogo com o conjunto da América Central e com os países do Caribe ganhou uma nova densidade. Foi este sentimento, compartilhado pela presidente Cristina, que me animou a propor a realização, em dezembro, de uma reunião de Cúpula de toda a América Latina e Caribe sobre Integração e Desenvolvimento.

Amiga Cristina,

Será um prazer recebê-la na Bahia, terra de adoção daquele que foi, talvez, o mais brasileiro dos argentinos: o nosso artista plástico Carybé. Homem de duas pátrias, amigo e ilustrador da obra de Jorge Amado, Carybé retratou o cotidiano e a alma da Bahia com os olhos do homem do Prata e nos ajudou a vermos a nós mesmos. Com este sentimento de compreensão e entendimento mútuo e com este mesmo olhar solidário, trabalhamos hoje, argentinos e brasileiros, em benefício de nossos dois países e do conjunto da região.





**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Dito isso, eu gostaria de convidar a todos para que pudéssemos, de pé, fazer um brinde à presidenta Cristina e ao povo da Argentina.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no jantar de abertura da Semana da Academia Internacional de Televisão**

**Rio de Janeiro-RJ, 08 de setembro de 2008**

Quero cumprimentar o governador Sérgio Cabral e o Arlindo Chinaglia, cumprimentando-os, estarei cumprimentando todos que estão aqui à mesa, que não são muitos. Se fosse uma campanha eleitoral, certamente teria muito mais gente no palanque. Não se assustem com o discurso, porque as letras são muito grandes e são poucos minutos. Também, se forem muitos... Eu não conheço uma grande parte de vocês e vocês não me conhecem, então ficamos nos conhecendo a partir de hoje.

A televisão ocupa um papel central na vivência democrática, na cultura e no cotidiano de praticamente todas as nações do mundo. No Brasil, isso é talvez mais forte ainda do que em outros países. Somos um povo apaixonado pela televisão. Estamos acostumados a ver, nas telas de TV, os fatos mais significativos do dia de todo o País e de todo o mundo, e é na TV que procuramos encontrar a nossa imagem como povo e como nação. Em um período de grandes transformações, como o que estamos vivendo no Brasil, a sintonia entre a televisão e os anseios de toda a população ganha ainda mais relevância.

Peço, então, licença para lhes apresentar – principalmente aos nossos visitantes estrangeiros – um pouco do que está acontecendo no nosso país nos tempos atuais. Depois de duas décadas e meia de estagnação, retomamos o desenvolvimento, recuperando a nossa capacidade produtiva, com geração de empregos e distribuição de renda. Crescemos há 25 trimestres consecutivos com inflação baixa e sob controle. De 2003 para cá, criamos 11 milhões e 500 mil novos empregos, 9 milhões e 500 mil formais, com carteira profissional assinada. Conseguimos uma redução rápida e consistente nos índices de



pobreza. Nos últimos anos, 20 milhões de brasileiros ingressaram na classe média. Estamos vencendo a batalha contra a fome e a miséria.

Poucos países conseguiram realizar transformações econômicas e sociais de tal envergadura nos marcos do que é mais sagrado na vida de uma nação: o exercício da democracia. Quando digo democracia, digo livre e pleno funcionamento da imprensa em todos os níveis. Tenho consciência de que sem liberdade de imprensa jamais teria chegado à Presidência da República. Tenho certeza também de que, sem liberdade de imprensa, nosso povo não poderia estar comemorando as importantes conquistas dos dias atuais.

Às vezes, há jornais ou noticiários de televisão que se excedem, que desprezam os fatos e embarcam em campanhas, que muitas vezes divulgam inverdades. Aprendi a conviver tranquilamente com isso, porque tenho a certeza de que, havendo liberdade de imprensa e democracia, mais cedo ou mais tarde a verdade termina prevalecendo, por uma razão muito simples: os leitores, os ouvintes e os telespectadores são perfeitamente capazes de separar o joio do trigo, a informação da desinformação, a notícia da campanha, a verdade da eventual manipulação. Afinal de contas, telespectadores ou leitores são críticos implacáveis e juízes muito severos. Quem não os trata com respeito e não mostra consideração pela sua inteligência, termina por perder credibilidade.

Por isso mesmo, estou entre aqueles que acham que não há nada melhor para os eventuais excessos cometidos por qualquer órgão de imprensa do que mais liberdade de imprensa.

Minhas amigas e meus amigos,

É importante dizer que o Brasil desperta, hoje, a curiosidade do mundo sobre temas que vão muito além do carnaval e do futebol. Não me canso de constatar isso em minhas viagens internacionais. Não estou falando de um país que já tenha resolvido os seus problemas básicos, ou no qual tudo esteja correndo bem. Sabemos que ainda estamos longe disso e que ainda temos um



longo caminho para trilhar. Estou falando de uma sociedade que tem aprendido, com muita luta e sacrifício, a superar de forma democrática as conseqüências maléficas de séculos de dominação e injustiça.

É nesse novo contexto que se abre para o Brasil uma oportunidade que temos que aproveitar: a de ocupar o espaço que nos cabe na esfera cultural. Temos uma população alegre, criativa, e também receptiva às mais diferentes formas culturais. Poucos países no mundo guardam um tesouro cultural tão rico como o nosso. Em cada região do País, em nossas grandes cidades ou nas comunidades mais distantes do imenso território brasileiro, se multiplicam expressões de arte genuinamente brasileiras. Além disso, as novas tecnologias de comunicação, cada vez mais acessíveis a amplos segmentos de nossa sociedade, aumentam a importância histórica do momento que estamos vivendo.

A TV digital já iniciou suas transmissões no País. Já temos 45 milhões de internautas ativos e estamos levando a internet em banda larga a todas as nossas escolas públicas urbanas. Some-se a tudo isso o forte crescimento do poder aquisitivo no Brasil e estará composto um cenário em que poderemos nos tornar um mercado muito mais amplo e sólido de produção e de consumo cultural. Queremos ter acesso a mais filmes, a mais programas de televisão, a mais espetáculos produzidos no exterior. Mas queremos também, incentivar a nossa própria produção e levar ao mundo aquilo que de melhor realizamos aqui no Brasil.

Nossas telenovelas já influenciam o cotidiano de vários países em que são exibidas. A produção audiovisual brasileira cresce em importância e tem sua qualidade cada vez mais reconhecida. O Emmy internacional, que esta Academia promove, atesta esse reconhecimento. Em 2005, tivemos três indicações ao prêmio; em 2006, foram cinco; na última edição, concorreremos em sete categorias. É bom lembrar que, em mais de uma dessas indicações, os programas tiveram o forte apoio de nossas políticas públicas. Foi o caso do



Menino Maluquinho, produzido pela nossa TV pública e premiado no Japão, e da série Mandrake, uma co-produção entre produtores independentes brasileiros e a norte-americana HBO, com incentivos estatais. Acredito que há, nesse sentido, um forte interesse comum em defesa da cultura nacional e da ampliação dos mercados para os nossos produtos e serviços culturais.

Estou falando da necessidade de reforçarmos, cada vez mais, o papel da produção cultural no nosso modelo de desenvolvimento, de uma combinação de forças nacionais e internacionais, privadas e públicas, que possibilitem não apenas abrir as portas do mundo para o Brasil, mas também manter as portas do Brasil abertas para intensas produções artísticas internacionais.

No âmbito doméstico, isso passa por abrirmos cada vez mais espaços na própria televisão brasileira para diversas culturas regionais, para as produções independentes, com todo o seu potencial renovador, para o cidadão comum, que quer se enxergar de forma cada vez mais autêntica e democrática nos meios de comunicação.

Estou convencido – e as experiências internacionais demonstram isso – de que o incentivo a essas novas iniciativas ajudará cada vez mais o desenvolvimento da sólida e competente indústria brasileira de bens culturais.

Por isso, quero dar os parabéns aos organizadores deste evento que, pela primeira vez, ocorre em um país da América do Sul e no Brasil. Quero dar os parabéns à Academia Internacional de Ciências e Artes da Televisão, e quero dizer para vocês que a democracia neste país não é uma dádiva de ninguém, é uma conquista deste povo e, por isso, ela será cada vez mais forte.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211A)



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de abertura da IV Feira Internacional da Amazônia - Fiam 2008**

**Manaus-AM, 10 de setembro de 2008**

Meu caro companheiro e amigo governador do estado, Eduardo Braga,  
Meu caro companheiro ministro Alfredo Nascimento, e cumprimentando  
o Alfredo, cumprimento todos os ministros que me acompanham nesta viagem,

Meus queridos amigos e amigas governadores dos estados aqui  
presentes, nosso companheiro Anchieta, de Roraima; nossa companheira Ana  
Júlia, do Pará; nosso companheiro Marcelo Miranda, do Tocantins; me parece  
que estão faltando alguns governadores da região Norte,

Companheiros senadores da República,

Deputados federais,

Nossa companheira diretora da Suframa,

Empresários e empresárias presentes,

Meu caro Ênio Candotti, eu estava te vendo aqui e estava me  
perguntando “o que o Ênio está fazendo aqui?”. Me falaram que você fez uma  
opção pela Amazônia, que está dando aula aqui, agora. É uma coisa prazerosa  
saber que um grande cientista, com jeito de paulista, está aqui na Amazônia  
dedicando um pouco do seu saber para desenvolver esta região. Parabéns.

Meus amigos e minhas amigas,

Na verdade, se eu tivesse a certeza de que chegando em casa com  
duas horas e meia de atraso, eu fosse falar com a d. Marisa e ela batesse  
palmas para mim como vocês bateram para a Dilma, eu não estaria tão  
preocupado como estou, porque na hora em que eu chegar... estava previsto  
para eu chegar às 11h30 da noite em casa, vamos chegar às 2h30, 3h da  
manhã. Na hora em que eu for contar a história de nuvens no aeroporto, de  
atraso de helicóptero, Deus queira que não tenha um pau de macarrão atrás da



porta, para que eu possa voltar a visitar a Amazônia sem um galo na cabeça. Mas eu estava ouvindo os companheiros falarem e fiquei pensando no que falar. Meu discurso é longo, eu queria falar muitas coisas, mas vou resumir, por mim e por vocês.

Eu penso que o que foi feito até agora pelo estado do Amazonas se deve não apenas ao mérito do governo federal, mas também à parceria civilizada e republicana que foi construída com a sua presença no governo do estado do Amazonas, companheiro Eduardo Braga. Deve-se também à sensibilidade dos empresários, que tiveram sempre a disposição de discutir com o governo federal, também de forma republicana, enfrentando adversidades, enfrentando estados e pessoas que não gostam da Zona Franca de Manaus. Em nenhum momento aumentamos o tom da nossa voz para fazer com que prevalecesse o direito de ser diferente o processo de industrialização e desenvolvimento desta região aqui.

Quando citei você, meu amigo Ênio, foi por uma razão muito simples. Nesta região do País, e também no Nordeste brasileiro, era muito difícil a gente encontrar um doutor. Os bons deixavam os seus estados e iam trabalhar nas universidades do Centro-Sul do País. Quando eu vejo algumas pessoas, como você, vindo para cá, eu digo: valeu a pena a gente acreditar no estado do Amazonas, valeu a pena a gente acreditar no Nordeste brasileiro. As pessoas estão se dando conta de que a forma mais justa de este país retribuir as aspirações do seu próprio povo é ele se desenvolver de forma mais equânime, é diminuir as desigualdades regionais.

Hoje, em Coari, nós fomos inaugurar um campus da Universidade Federal do Amazonas, oito ou nove cursos que fomos inaugurar. Depois fomos inaugurar um Cefet, que vai ter, para o ano que vem, mil e poucos alunos estudando lá. As universidades com os seus laboratórios, o Cefet com os seus laboratórios, serão mais cinco campi avançados e mais cinco Cefet espalhados pelo interior. E isso é para todo o País.



Isso vai permitir que a gente possa ter o horizonte da certeza dita aqui pelo ministro Lobão, que com o gasoduto e com a linha de transmissão Tucuruí-Manaus, não vamos ter mais problemas de energia elétrica neste estado, definitivamente. Segundo, dito aqui também pela companheira Dilma e pelo companheiro governador, estamos resolvendo os problemas de infraestrutura urbana deste estado e deste país. Eu estou vendo ali o começo da ponte que vai ligar para o crescimento industrial e também populacional do estado do Amazonas. E, para isso, temos que ver o seguinte: nós não vamos ter apenas energia, não vamos ter apenas o gasoduto, não vamos ter apenas água potável.

Tudo isso é importante, mas tão importante quanto tudo isso é que nós estamos preparando este estado para daqui a dez anos, quinze anos, ter gente da maior qualidade intelectual, formada aqui neste estado, com raízes neste estado e trabalhando por este estado. Isso está acontecendo em todos os estados brasileiros, sem distinção. É por isso que num pronunciamento que eu fiz domingo à noite, sobre a questão do pré-sal, fiz questão de dizer que – eu não sei quanto de petróleo tem no pré-sal, só ouço dizer que é muita coisa – só pelo fato de alguém dizer que é muita coisa, já aumenta o meu otimismo.

O que mais me agrada no pré-sal – e quando o Lobão vem aqui e fala que encontraram mais hoje, anunciaram na Bolsa de Valores – quanto mais falam de pré-sal, mais eu olho para a educação. Quanto mais falam do pré-sal, mais eu vejo que é a oportunidade para que, através da educação, a gente possa tirar este país da pobreza secular a que foi submetido durante mais de um século. Penso que todos nós hoje temos clareza de que o Brasil encontrou o seu rumo, finalmente o Brasil encontrou o seu rumo.

Alguém me disse uma frase hoje no avião que guardei na cabeça e vou plagiar até que a pessoa que disse me diga: “Fui eu quem disse, cite o meu nome, porque eu tenho direito autoral”. Alguém me disse o seguinte: “Presidente, sabe o que aconteceu no Brasil? Nós terminamos a Era dos





economistas governarem o País e entramos na Era de os engenheiros voltarem a governar o País, de pensar em industrialização, em desenvolvimento, em infra-estrutura, de pensar “gasto” em infra-estrutura como “investimento” e não como gasto. Se a gente for pensar apenas no que sai e não pensar no retorno que vamos ter depois de a obra concluída, ninguém vai deixar de levantar de cima do dinheiro.

Todo mundo fala: “Vai fazer universidade? Vai. Ah, não posso porque custa caro”; “Vai investir na educação técnica? Ah, não pode, porque custa dinheiro”; “Vai fazer a BR-319? Não dá porque custa dinheiro”; “Vai fazer a ponte aqui, que o nosso governador está fazendo com a ajuda do BNDES? Ah, é muito caro, não dá”. Ora, um país que pensa que tudo é caro e que tudo não pode, está predestinado a ser um país miserável e pobre, olhando o mundo rico se desenvolvendo. É uma coisa alucinada.

Eu me lembro de que passamos dois anos construindo a engenharia financeira para fazer a Transnordestina, uma ferrovia que liga o porto de Suape, em Pernambuco, ao porto de Pecém, em Fortaleza, e que passa por Eliseu Martins, no Piauí, para pegar a soja do Piauí. Sabe o que me diziam, meu caro Phellipe Daou? Diziam assim: “Mas, como? Você vai colocar dinheiro lá? Ela não é rentável, não é economicamente viável”. Ora, ela não é economicamente viável porque não existe. Se eu só investir onde é economicamente viável, vou investir na Avenida Paulista, na Avenida Copacabana ou em Boa Viagem.

Existem lugares que já possuem um desenvolvimento grande, mas que nós precisamos levar mais infra-estrutura, para melhorar a capacidade de escoamento daquela riqueza produzida. Ninguém discute isso. Agora, tem outros lugares em que, se não fizermos a infra-estrutura primeiro, não vai haver desenvolvimento. Perguntem para o governador do Tocantins o que está acontecendo naquele estado com a ferrovia Norte-Sul. Vocês devem estar lembrados que a ferrovia foi pensada em 1987, pelo ex-presidente Sarney. O



ex-presidente Sarney conseguiu fazer 115 km dela. Depois do Sarney, foi o Collor. Depois do Collor, o Itamar, depois do Itamar, o Fernando Henrique Cardoso. Em todo esse tempo, fizeram mais cento e poucos quilômetros. Nós, agora, vamos fazer mais de 1.000 km dessa ferrovia, até terminar o meu mandato. Se não der para acabar, terá sido por culpa do Alfredo, mas dinheiro tem, está no PAC, e nós queremos acabar. Vamos fazer a ferrovia Leste-Oeste na Bahia, chegando até a ferrovia Norte-Sul, para a gente integrar o País e dar várias opções para as nossas exportações e importações.

Então, para nós, está claro que o País, depois do Governo Geisel, que foi o último governo que investiu em infra-estrutura – em uma situação diferente da nossa, porque quando o Geisel investiu, tomou muito eurodólares emprestado, era muito barato o dinheiro na Europa, veio muito dinheiro para o Brasil e a gente se endividou. O Roberto Simonsen dizia para o Geisel: “Presidente, não pode gastar tanto, isso vai nos custar caro”. Mas o dinheiro estava fácil, foi pegando dinheiro... É verdade que fez muita coisa. Depois, veio o aumento de juros da política americana, a nossa dívida aumentou muito e nós, então, ficamos de 1980 a 2002 atrofiados, como se estivéssemos em estado de coma, deitados em uma cama, sem lembrarmos quem éramos, para onde íamos e de onde tínhamos vindo. Esta é a história real do nosso país.

O que está acontecendo neste instante? Estamos estabelecendo uma política de desenvolvimento sem endividamento externo. Nós não estamos tomando dólares ou euros emprestados para fazer as nossas coisas. Estamos utilizando o potencial de investimento que o Estado brasileiro construiu, e é por isso que pensamos até 2010 e até 2012. Nós estamos pensando no potencial de financiamento do BNDES, que pulou de R\$ 48 bilhões para R\$ 100 bilhões, que vamos atingir este ano. Estamos pensando no potencial da capacidade de endividamento que as empresas brasileiras têm para pegar dinheiro no exterior a juros mais baratos. Então, previmos o número que a Dilma falou: até 2012 e 2014, R\$ 1,4 trilhão para fazer investimentos em infra-estrutura neste país.



Nunca aconteceu isso, porque o Brasil nunca foi pensado na sua totalidade. O Brasil era pensado apenas em função das regiões que determinavam a ordem econômica do País.

Eu quero que São Paulo continue crescendo, eu quero que o Rio de Janeiro continue crescendo, eu quero que o Rio Grande do Sul continue crescendo, que Goiás continue crescendo, mas eu quero que Roraima cresça, que o Pará cresça, que Rondônia cresça, que o Amazonas cresça, que o Amapá cresça, que o Nordeste cresça. Quanto mais crescerem estas regiões, mais vamos ter poder de compra para que os nossos consumidores possam comprar dos outros estados aquilo que não conseguem produzir aqui.

Eu disse isso para dizer a vocês o seguinte: empresários da região Norte do País, empresários e empresárias da Zona Franca. Hoje o governador, não disse aqui por gentileza, mas ele me falou: “Presidente, posso falar de um decreto de agosto de 2008 que causou um probleminha com algumas empresas daqui?”. Eu falei: “Meu filho, aproveita e me cobre no palanque”. Mas ele me elogiou tanto que depois ficou sem jeito de cobrar. Depois de falar tão bem de mim, me cobrar alguma coisa era ruim, mas ele me alertou que tem um decreto assinado por mim que teve alguns problemas aqui. Ele vai comigo hoje, amanhã vamos encontrar o ministro Guido Mantega, vamos ver por que foi feito o decreto nas condições em que foi feito e se for possível, fazer a mudança. Você sabe que eu não vacilo em fazer qualquer sacrifício para que esta região consiga se desenvolver.

Eu queria dizer aos empresários e aos trabalhadores que não tem volta para o Brasil, não tem volta. O Brasil assumiu a responsabilidade de se transformar em uma grande economia, e nós não vamos errar no passo. Podem ter certeza de uma coisa: eu não vou cometer os erros que os outros cometeram, por causa de eleição, “tem eleição não pode fazer isso, tem eleição, não pode fazer aquilo, tem eleição..., deixa a inflação voltar mais um pouquinho que não tem problema, um pouquinho só não vai fazer falta”. Mas



quando ela volta um pouquinho, volta outro pouquinho, outro pouquinho, e na hora em que chegar a dois dígitos, a gente perdeu o controle da inflação. Eu vivi neste país com inflação a 80% ao mês e sei que quem perde é quem não tem dinheiro, que é o povo pobre deste país, que não tem conta bancária remunerada, que não tem como especular.

Eu vi este país quebrar no Plano Cruzado porque não tomamos posição no tempo certo e vi o Real fracassar porque a gente não tomou decisão no tempo certo. Hoje, um companheiro disse: “Lula, mas aumentou os juros outra vez?” Falei: “aumentou, meu filho, aumentou”. É sempre chato aumentar os juros, como é chato quando a gente está com a família dentro do carro, em uma estrada, vem uma curva, e a gente diminui a velocidade. Os filhos ficam, atrás: “Corre pai, corre pai, corre pai”. Tem até gente que fala: “Tem cachorro fazendo xixi na roda, corre”. Às vezes, uma corrida a mais é uma vida ceifada.

Eu quero dizer para vocês que este país, no dia 31 de dezembro de 2010... quero me preparar para entregar este país a quem vier me suceder. Quero entregar um país com a economia equilibrada, com a inflação altamente controlada, com a indústria crescendo, com a agricultura crescendo, com os pobres menos pobres, com os trabalhadores ganhando mais salário, com os empresários fazendo mais investimentos, porque a partir daí nós estaremos colocados em condições de nos transformarmos na quinta ou sexta maior economia do mundo.

Este país só não alcançou isso porque durante muito tempo a cabeça da elite que governava este país era uma cabeça colonizada. Nós nos sentíamos menores, mais pobres, mais impotentes. Eu aprendi, na minha vida, muito novo, que não existe nenhum interlocutor que respeite outro interlocutor, se ele não se respeitar. A mulher jamais respeitará o marido se ele não se respeitar, o marido jamais respeitará a sua mulher se ela não se respeitar; o empresário jamais respeitará o trabalhador se ele não se respeitar, e o trabalhador jamais respeitará o empresário se ele não se respeitar; o eleitor jamais acreditará em



um governo que se não se respeite. Então eu penso que o Brasil, durante muito tempo, não se respeitou, durante muito tempo a gente foi subserviente, durante muito tempo a gente virou as costas para quem não deveria virar as costas e abriu os braços demasiadamente para quem não deveria abrir. Eu estou seguro de que isso mudou, estou seguro.

Mesmo essa crise americana que há muitos meses está assustando o mundo, e ainda não sabemos o tamanho do buraco... Mas a verdade é que todo dia eu discuto a crise americana e cada vez mais eu estou convencido de que ela vai passar longe do nosso país, porque o nosso sistema financeiro não estava metido no *subprime*, porque nós temos 200 bilhões de dólares em reservas, porque não dependemos mais das nossas exportações apenas para um ou dois blocos. Hoje, com a Argentina, nós vamos chegar este ano a 33 bilhões de dólares; com a China vamos chegar a 35 bilhões de dólares; com a Venezuela chegamos a 6 bilhões de dólares. Nós hoje podemos dizer que conquistamos um pouco mais de liberdade.

Agora, com o pré-sal, eu acho que se a gente souber utilizar corretamente essa riqueza exuberante que Deus colocou bem pertinho de nós, vamos transformar este país. Lembrem-se que eu dizia sempre que os Estados Unidos ganharam o século XX, a Europa ganhou parte do século XIX e o século XX, a China ganhou o final do século XX e o começo do século XXI. O século XXI tem que ser dos países que não ganharam nada nos séculos XIX e XX. Isso depende única e exclusivamente de nós, não depende de ninguém. Depende da nossa crença, da nossa auto-estima, depende de ajudar a nossa pequena e média empresa, depende de acreditar nos pequenos empreendedores deste país.

Eu dizia agora para o governador que o dia em que a gente for capaz de levar uma feira de artesanato da Amazônia para a Avenida Paulista, em São Paulo, ou para o Rio de Janeiro, certamente a gente vai dar dimensão a um mercado que pode crescer de forma extraordinária, levando onde tem mercado



para comprar os produtos. Eu falava para o Eduardo: as feiras do Nordeste são feitas no Nordeste, as feiras do Amazonas são feitas no Amazonas, mostrando o Amazonas para quem já conhece o Amazonas, mostrando o Nordeste para quem já conhece o Nordeste. Os outros estados não, vão para Frankfurt, para Vancouver, e nós ficamos mostrando para nós mesmos. Nós precisamos ser mais ousados. Falei para o governador que o nosso Ministério do Desenvolvimento, o nosso Ministério do Turismo, a Petrobras, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal serão parceiros para que no próximo ano a gente faça uma grande feira da Amazônia lá no centro do capitalismo brasileiro, que é a capital paulista.

Um abraço, boa sorte e boa Feira.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante inauguração do campus do Médio Solimões da UFAM e da Unidade de Ensino Descentralizado de Coari**

**Coari-AM, 10 de setembro de 2008**

Quero começar pedindo desculpas a vocês, mais uma vez. Esta, Prefeito, parece que é a terceira vez que venho a Coari, e normalmente nós estamos fazendo os nossos atos ao meio-dia. Eu sei que vocês estão acostumados, mas o sol está quente para caramba. Vejam a diferença entre vocês e os jornalistas que vieram de outros lugares do Brasil. Não sei se vocês perceberam um jornalista passando bronzeador, com medo de se queimar. Para nós que viemos de São Paulo, do Rio de Janeiro, este sol aqui é de queimar, é de fritar ovo. Nós íamos chegar um pouco mais cedo, mas como teve uma nuvem no aeroporto, a gente não pôde chegar mais cedo. Então, eu quero pedir desculpas a vocês pela coincidência de fazer atos aqui só ao meio-dia. O dia em que o Prefeito me convidar para dormir aqui, nós faremos um ato à noite.

Quero cumprimentar o meu amigo e companheiro Eduardo Braga, e dizer para vocês que é verdade que o governo federal está fazendo muitas coisas no estado do Amazonas. Isso só é possível quando a gente tem um governador com o mesmo ideal da gente, com o mesmo compromisso e com a mesma visão de sociedade. Por isso, eu quero dizer que o companheiro Eduardo Braga é um parceiro de primeira hora, nos bons e nos maus momentos. Por isso, obrigado, companheiro Eduardo Braga.

Quero cumprimentar a minha companheira Dilma Rousseff,

Quero cumprimentar um companheiro e quero agradecer a vocês por terem cedido ele para ser meu ministro dos Transportes, o companheiro Alfredo Nascimento. O Alfredo é daquelas pessoas que valem por duas, porque



ele foi eleito senador e eu pensei que eu tivesse um senador. Aí, ele foi convocado para o Ministério e eu ganhei, de graça, um outro senador, que é o nosso companheiro João Pedro. Mesmo em pé, vocês perceberam que ele é pequeno. Quem não estava enxergando, pensando que ele estivesse sentado, ele ficou em pé e vocês não o enxergaram do mesmo jeito.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro ministro de Minas e Energia, Edison Lobão. Podem ficar certos de que ele vai ajudar, definitivamente, a resolver qualquer problema de energia elétrica no estado do Amazonas.

Quero cumprimentar o meu companheiro Franklin Martins. Aquele moço que vocês viam no Jornal da Globo fazendo comentários sobre política, agora está trabalhando conosco.

Já cumprimentei o João Pedro, e agora vou cumprimentar o senador Jefferson Praia, que está aqui presente, e não é tão maior do que o João Pedro.

Quero cumprimentar a deputada federal Vanessa Grazziotin,

Quero cumprimentar o deputado federal Ronaldo Leite,

Quero cumprimentar os deputados e deputadas estaduais aqui presentes,

Quero cumprimentar o meu querido locutor Eliezer Moreira Pacheco, secretário de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Melo, secretário de governo do Amazonas,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Manoel Adail Pinheiro, prefeito de Coari,

Quero cumprimentar prefeitos e prefeitas da região,

Quero cumprimentar o professor Hidembergue da Frota, magnífico reitor da Universidade Federal do estado do Amazonas,

Quero cumprimentar o professor Paulo Jacob São Thiago, diretor do





Instituto de Saúde e Biotecnologia, em nome do qual saúdo professoras, professores, alunas, alunos, funcionárias e funcionários do campus do Médio Solimões da UFAM. É importante dizer que o professor Paulo Jacob é dessas pessoas que marcam a vida de outra. Ele era diretor na Universidade Federal, lá em Manaus. Quando começamos a funcionar esta universidade, ele não mediu esforços para sair de Manaus e vir para cá ajudar a gente a ajudar as pessoas do interior. Obrigado, professor.

Quero cumprimentar o João Martins Dias, nosso companheiro diretor-geral do Centro Federal de Educação Tecnológica-Cefet,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Elaine de Lima Vasques, secretária de Educação de Coari,

Quero cumprimentar a senhora Maria do Perpétuo Socorro Conceição da Silva, diretora da Unidade de Ensino Descentralizado de Coari, em cujo nome saúdo professoras e professores, alunas e alunos, funcionárias e funcionários desta Unidade.

Quero cumprimentar a Elaine Cumiero, professora da Unidade de Ensino Descentralizado,

Quero cumprimentar a nossa querida Ana Maria Oliveira da Silva, aluna da Universidade Federal, que fez uso da palavra aqui,

Quero cumprimentar meus companheiros e minhas companheiras de Coari,

Vou ser rápido, porque temos que pegar o helicóptero para visitar, numa clareira lá no meio da selva, o gasoduto. Queria agradecer a essas jovens e a esses jovens da terceira idade que estão aqui. Todos eles têm mais de 40 e estão mais animados do que vocês, que têm menos de 20.

Governador, quero ser muito rápido, e dizer para vocês que o Brasil está fazendo por vocês aquilo que não fez por mim e por outros aqui, quando tínhamos a idade que vocês têm. Este país já poderia ser um país altamente



desenvolvido se, ao longo de todo este tempo de Proclamação da República, cada presidente tivesse cuidado um pouco de fazer escolas, universidades e escolas técnicas. Certamente não iremos fazer todas que o Brasil precisa, porque não há tempo. Mas, certamente, iremos criar um outro patamar, um outro paradigma de investimento na educação brasileira.

Governador, nós saímos de 20 bilhões de reais em 2003, para 48 bilhões de reais em 2008, de investimentos em educação. O Eliezer disse bem: em praticamente 96 anos o Brasil construiu apenas 140 escolas técnicas. Em oito anos, nós vamos construir 214 escolas técnicas. Alguém poderia perguntar como um governo pode fazer, em oito anos, uma vez e meia a mais do que foi feito em 100 anos. O problema não era dinheiro e não era que eles não sabiam. O problema é que quem governou este país já tinha feito a sua universidade e, portanto, não estava ligando para aqueles que ainda não tinham feito. Eu, por não ter feito e por saber as condições pelas quais não fiz universidade, não quero que as pessoas do interior deste país passem pelo que eu passei. Não quero que as pessoas, quando estiverem adultas, sintam falta de uma educação que deveriam ter tido na sua adolescência, e sintam até ódio por não terem tido oportunidade, quando todos os jovens precisam ter oportunidades.

Por isso, é com muito orgulho que, além desta que estamos inaugurando aqui, vamos inaugurar Maués e Figueiredo no (1º) semestre. Depois vamos inaugurar Lábrea, Parintins e Tabatinga. Eu sei, meu caro diretor-geral, quando a gente olha no mapa o tamanho do estado do Amazonas e as distâncias entre as cidades, e quando sobrevoa de avião e vê uma centena de comunidades às margens do rio, precisamos ter consciência de que aqueles jovens que nascem às margens do rio têm tanto direito de cursar uma escola técnica e uma universidade quanto aqueles que nascem em berço de ouro, na principal rua de São Paulo ou de Manaus.

É por isso que no nosso governo tomamos uma decisão: não se fala



mais a palavra gasto quando estamos discutindo educação. Educação é investimento, e é o investimento mais produtivo que o País pode ter, porque cada um de vocês bem-formado, bem-profissionalizado, vai colocar não apenas um produto para ser vendido internamente ou para ser exportado. Vocês vão colocar a coisa mais importante que um país pode ter, que é o chamado conhecimento, adquirido através de boas escolas, com bons professores, bem-remunerados, para fazer com que os professores sintam prazer em dar aula e os alunos sintam prazer em estar estudando. Tenho consciência, como pai de cinco filhos, de que não tem legado mais sagrado para uma mãe ou um pai do que saber que o seu filho está aprendendo uma profissão e que ele vai ter um futuro seguro e garantido na sua vida. Esse é o desejo maior.

Por isso, em se tratando de universidade, nós também estamos aqui... Além do campus de Coari, vamos fazer Benjamin Constant, Humaitá, Itacoatiara e Parintins. Certamente, como o reitor reivindicou, o nosso companheiro Governador, os nossos senadores e os nossos prefeitos pelo Brasil vão continuar reivindicando. Tem uma coisa que eu digo: não tenham medo de reivindicar, porque o governo federal só trabalha na medida em que tem sentimento e conhecimento das coisas que precisam ser feitas neste país. O fato de eu entrar numa escola técnica ou numa universidade e ver um jovem de 17, 18 anos num laboratório, aprendendo a fazer a sua pesquisa, eu volto para Brasília com a consciência tranqüila. Ainda não demos oportunidade para todos os jovens, mas já demos mais oportunidades do que qualquer outro presidente deu, na história deste país, para os jovens que precisam.

Além dessas universidades, só do ProUni já temos, este ano, 385 mil jovens que estudam em universidades e mais 100 mil que vão entrar no vestibular deste ano. O nosso reitor sabe que o Reuni... Já assinamos a Portaria regulamentando os vestibulares. Para o ano de 2009, Governador, tenha em conta um número... Em 2003, quando entrei no governo, abríamos,



por ano, 113 mil vagas nas universidades federais brasileiras. Em 2009, vamos abrir 227 mil novas vagas nas universidades federais deste país, escola federal gratuita para que os filhos dos pobres tenham acesso e sejam doutores tanto quanto os filhos dos ricos. Houve um tempo em que se ia a um berçário visitar uma criança recém-nascida e, pela origem social, já se sabia quem ia terminar o ensino fundamental, quem ia fazer curso técnico e quem ia fazer universidade. Hoje, não mais.

A Dilma foi comigo a Petrolina, em Pernambuco, na semana passada, e lá nós vimos dois meninos fazendo Psicologia na Universidade Federal. Sabe do que viviam esses meninos? Eram meninos que viviam do programa Bolsa Família neste país. Significa que nós estamos entrando numa fase em que a gente quer garantir oportunidade para todos, não queremos prejudicar ninguém. Queremos que o rico continue estudando, queremos que aqueles que têm dinheiro continuem estudando. Não queremos causar a eles um milímetro de problema. A única coisa que nós queremos é que os filhos dos mais ricos tenham uma boa escola, mas que os filhos dos mais pobres possam ter a mesma escola, a mesma oportunidade e a mesma qualidade de ensino. É este país justo que até antes parecia impossível...

Quantas de vocês aqui, as nossas queridas jovens da terceira idade (já disseram): “Meu filho não tem sorte, meu filho é pobre, ele não vai conseguir”. Pois agora, vai conseguir. Agora as crianças não entram na universidade pela qualidade da maternidade em que nasceram ou pela qualidade do berço em que dormiram. Elas vão entrar na universidade porque têm direito e é obrigação do Estado brasileiro garantir que todos que queiram estudar tenham possibilidade.

Parabéns, meu amigo governador Eduardo Braga. Parabéns, Prefeito, e parabéns ao povo de Coari. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante comemoração do 106º aniversário de nascimento do presidente Juscelino Kubitschek e inauguração da exposição “Um Certo Navio Brasileiro”**

**Brasília-DF, 12 de setembro de 2008**

Meu caro amigo José Roberto Arruda, governador do Distrito Federal,  
Dom Lorenzo Baldisseri, núncio apostólico,  
Meu caro Juca Ferreira, ministro da Cultura,  
Meu caro Carlos Minc, ministro do Meio Ambiente,  
Minha companheira Marisa,  
Meu caro Paulo Octávio, vice-governador do Distrito Federal,  
Meu caro amigo Joaquim Barbosa, ministro do Supremo Tribunal Federal,  
Senhora Anna Christina Kubitschek Pereira, presidente do Memorial JK,  
Senhoras e senhores deputados federais e distritais,  
Senhor (inaudível), gerente da Petrobras no Espírito Santo e representante da Gerência-Geral da unidade de negócios,  
Senhores e senhoras membros do corpo diplomático,  
Meus amigos e minhas amigas,

Antes de mais nada, quero expressar minha alegria em homenagear Juscelino Kubitschek, neste evento que marca os 106 anos de seu nascimento. Tive a oportunidade, durante a campanha presidencial de 2002, de participar do centenário de JK em Diamantina, onde tudo começou. Foi ali, num lar de cômodos estreitos, despido de conforto e sem qualquer luxo que o menino, órfão de pai, viveu parte da infância, sempre amparado pela mãe resoluta e trabalhadora que foi dona Júlia. A casa e a infância pobre moldaram seu desassombro para enfrentar e vencer adversidades com o sorriso generoso e



otimista que o Brasil nunca esquecerá.

Nelson Rodrigues definiu bem: Juscelino foi o presidente que devolveu a gargalhada à política. Pessoalmente, acrescento que foi JK também quem conscientizou o País de que o desenvolvimento nacional é uma prerrogativa intransferível de um povo, e que, sobretudo com ousadia e planejamento, é possível fazer do amanhã algo muito além de uma simples repetição do presente.

De alguma forma, a sigla “JK” incorporou-se à consciência nacional como sinônimo de “Um Certo Brasil”, um Brasil orgulhoso de si mesmo, confiante no seu futuro, decidido a construí-lo em paz e com democracia. Peço licença pela adaptação que fiz com o título desta exposição que acontece em hora tão oportuna. Mais que a história de “Um Certo Navio”, creio que ela interliga a rota do governo Kubitschek à retomada do desenvolvimento em nossos dias.

“Um Certo Brasil” ressurgiu nessa travessia histórica. Trata-se de um Brasil “à moda de JK”, de um país que reconquistou a auto-estima da sua juventude, hoje uma das mais otimistas do mundo, não porque ignora a realidade e os nossos desafios, mas porque lhe foi devolvido algo de essencial que havia sido confiscado. Estou falando da certeza de que é possível transformar a sociedade, como estamos fazendo, através do trabalho, da escola e do crescimento voltado para a justiça social.

A reconciliação com os valores do desenvolvimento é, talvez, a mais bela homenagem que o Brasil presta a JK nestes 106 anos do seu nascimento. O desassombro de Juscelino Kubitschek nos ensinou que as vantagens comparativas de um país são frutos de uma construção histórica, e não apenas de uma dádiva da natureza.

Em junho de 1956, quando criou o Grupo Executivo da Indústria Automobilística, fabricar carros no Brasil era uma ousadia reprovada pelos defensores da vocação agrícola nacional. Importávamos, então, 90% do



petróleo consumido, praticamente não havia mão-de-obra qualificada e o sistema financeiro e de crédito apenas engatinhavam.

Hoje somos auto-suficientes em petróleo. Treze mil e quinhentos veículos saem das linhas de montagem por dia. Mais de 300 mil brasileiros trabalham nas montadoras e no setor de autopeças. Do chão da fábrica saiu também um presidente da República, em mais uma evidência da sementeira generosa promovida pelo desassombro de JK.

Juscelino, como se sabe, sempre procurou se cercar de ministros e assessores que pensassem, como ele, o Brasil em todas as suas dimensões. Foi assim, por exemplo, quando soube reconhecer a importância do talento e das contribuições de Celso Furtado, foi assim quando decidiu criar a Sudene para iniciar a redenção do Nordeste. Uma marca de sua administração, desde o primeiro cargo de relevo – prefeito de Belo Horizonte, em 1940 – foi a atitude de vanguarda na cultura e nas artes. Vem daí as relações fortes, que se prolongaram por toda a vida, com Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Burle Marx e tantos outros intelectuais e artistas brasileiros.

Minhas amigas e meus amigos,

Qual teria sido o futuro se o ceticismo predominasse na condução do interesse nacional? O navio Juscelino Kubitschek ilustra, em ferro e aço, a resposta otimista que, felizmente, predominou nessa trajetória. Os mais velhos não de se recordar que a meta número 11 do Plano de Metas de Juscelino era a renovação da Marinha Mercante brasileira. A meta número 28 previa a implantação de uma indústria naval condizente com nossa riqueza costeira e oceânica. Na década de 70, o Brasil já exibia a segunda maior indústria naval do mundo, perdendo apenas para a do Japão. Os estaleiros nacionais empregavam quase 40 mil pessoas.

Governador Arruda, é importante esse dado. Na década de 70, os estaleiros brasileiros tinham por volta de 40 mil trabalhadores. Éramos a segunda frota, a segunda indústria naval do mundo e só perdíamos para o



Japão. Quando eu tomei posse, em 2003, essa indústria que, em 70, tinha 40 mil trabalhadores, estava com apenas 1.600 trabalhadores, e o estaleiro brasileiro praticamente falido.

Hoje, graças a Deus, já temos novamente 40 mil trabalhadores trabalhando na indústria naval brasileira. Com a descoberta do petróleo, nós certamente iremos ter muito mais do que os 40 mil que temos hoje. Só navios contratados pela Petrobras, serão mais de 200; sondas, serão inicialmente 38; e plataformas, serão algumas dezenas. Portanto, eu acho que Juscelino, lá de cima, estará rindo pelo que está acontecendo na indústria naval brasileira.

Outra coisa importante, a engenharia brasileira distinguia-se no mundo como referência em grandes projetos, desde navios a hidrelétricas e barragens. Engenheiros do resto do mundo vinham aprender com os nossos. Em 1986, as embarcações de bandeira verde-amarela já transportavam 25% de nossas cargas.

O que aconteceu a partir de então? Renunciamos ao comando do nosso destino. A engenharia pesada e a naval foram asfixiadas. Os estaleiros reduziram-se a uma montanha desordenada de ferro e ferrugem. Quebrou-se a cadeia produtiva do setor e passamos a importar até âncoras. O transporte de carga, com frota naval própria, caiu a 4%, elevando em mais de 8 bilhões de dólares a conta de serviços que o Brasil tem (inaudível).

Em 2003, decidimos reverter esse desmonte programado. Tomamos a decisão soberana de devolver aos estaleiros brasileiros o espaço que lhes cabe na engrenagem do desenvolvimento. Começamos pela nacionalização da plataforma P-52. Hoje, só o Programa de Modernização de Frota da Transpetro, o Promef, inclui uma lista de encomendas de 49 grandes navios, com geração de mais 40 mil empregos. E temos ainda tudo o que eu já falei de plataformas, para que a gente possa tirar esse petróleo e transformá-lo em riqueza para o nosso povo.

O importante – e isso é muito simbólico – é que eu fui a Jubarte, no





Espírito Santo, na semana passada. Eis que o destino permitiu que o velho renovado navio JK, que tanta utilidade prestou à Petrobras e ao Brasil, fosse exatamente o navio que tira o primeiro poço de petróleo do pré-sal. Aliás, é importante a diretoria da Petrobras, se não trouxe ainda, trazer um daqueles barrizinhos de petróleo que ganhei de presente para colocar aqui no Memorial, como lembrança da importância daquele navio.

De tudo isso, a melhor notícia é que o Brasil reaprendeu a crescer, e o faz hoje em condições de grande consistência. Lembrem-se de que, na década de 50, Juscelino fez Brasília e construiu um parque automotivo sem dispor ainda de uma indústria madura de bens de capital.

Hoje, o setor de máquinas e equipamentos cresce a uma taxa acumulada de 18% ao ano. A produtividade cresce em toda cadeia industrial, proporcionando ganhos não-inflacionários aos trabalhadores. A expansão com estabilidade é garantida pela grande locomotiva do investimento, que cresce três vezes mais que a média do PIB.

Estamos ampliando a capacidade de oferta para acomodar o aumento da demanda sem gerar gargalos ou desequilíbrios. Neste sentido, as descobertas do pré-sal figuram como uma nova locomotiva que dá ainda mais força a um comboio que já está em marcha consistente. Tivesse emergido em outros tempos, talvez esse patrimônio fosse alienado na voragem das liquidações impostas pelo estrangulamento interno. Felizmente, já não mais adotamos uma opção dependente de crescimento. Deixamos de ser um Estado avesso ao planejamento estratégico. Decidimos no presente a construção do futuro que sempre almejamos coletivamente.

É por esse motivo que erraram de novo os que minimizavam a relevância e o efeito multiplicador da nova fronteira de riqueza e soberania presentes nas reservas do pré-sal. Elas trarão investimentos que vão fortalecer muito mais o rumo que já estamos dando ao Brasil. O nosso país, finalmente, está realizando o seu destino. Nossa meta-síntese é destinar uma fatia dessa



prosperidade à redenção da escola pública brasileira, promovendo um salto de cidadania na vida do nosso povo.

Já estamos fazendo uma revolução na educação. Com os recursos do pré-sal, poderemos acelerá-la e concluí-la muito mais rapidamente. O que estamos realizando, portanto, é maior do que todas as ofertas que nos foram propiciadas pela história. Mais que nunca, impõe-se a responsabilidade de não apequenar as nossas escolhas, como não hesitou Juscelino ao planejar e construir Brasília.

Cabe à nossa geração transformar a saudável nostalgia dos anos dourados de Juscelino, como estamos fazendo, na alvorada definitiva da justiça social na vida de 190 milhões de brasileiros.

Um grande abraço e que Juscelino esteja cada vez mais clareando e iluminando a mente daqueles que passarem pelo governo federal. Não é possível este país dar certo sem ousadia, sem planejamento, sem uma visão de soberania do papel do Estado brasileiro e, sobretudo, não é possível este país dar certo se você não juntar o coração e a cabeça para pensar ao mesmo tempo com o cérebro e com o coração, para que todos sejam felizes em igualdade de condições.

É com muito orgulho que venho aqui hoje dizer à família do nosso querido JK, que eu penso que se todos os brasileiros que disputam cargos eletivos tivessem a delicadeza de ler e acompanhar um pouco a história de JK, certamente as pessoas errariam muito menos. Mais importante, ainda, JK nos dá uma lição extraordinária. Poucos políticos, na história deste país, foram tão achincalhados como JK; poucos políticos foram agredidos verbalmente dentro do Congresso Nacional como JK; poucos políticos foram ofendidos como foi JK. Entretanto, esse homem nunca levantou a voz, nunca perdeu o tom da responsabilidade daquilo que ele tinha que fazer neste país.

A história – como Deus escreve certo por linhas tortas – precisou de algumas décadas para que começássemos a fazer justiça de verdade ao que



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

representou Juscelino em nosso país. É preciso também fazer justiça ao que representou Getúlio Vargas, porque acho que os dois, definitivamente, foram os maiores estadistas que governaram o nosso país. Então, penso que a lembrança deles é a oportunidade de o povo brasileiro ter um paradigma, pensando em eleger sempre o melhor e nunca o pior.

Um abraço, e viva Juscelino.

(\$211A)

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Centro Federal de Educação Profissional e  
Tecnológica (Cefet/RJ) - Unidade de Petrópolis**

**Petrópolis-RJ, 13 de setembro de 2008**

Meu caro companheiro e amigo Sérgio Cabral, governador do estado do  
Rio de Janeiro, e sua companheira Adriana Cabral,

Minha querida companheira Marisa,

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Luiz Barretto, ministro do Turismo,

Meu caro Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Deputados federais Hugo Leal, Leandro Sampaio e Jorge Bittar,

Meu caro Rubens Bomtempo, prefeito de Petrópolis, e sua senhora  
Luciane Bomtempo,

Senhor Eliezer Pacheco, secretário de Educação Profissional e  
Tecnológica,

Senhor Miguel Badenes, diretor-geral do Cefet do Rio de Janeiro, por  
meio do qual saúdo todos os professores do Cefet aqui presentes,

Meu caro Carlos Henrique Figueiredo Alves, vice-diretor do Cefet do Rio  
de Janeiro,

Meu caro Carlos José, companheiro presidente do Sindicato dos  
Metalúrgicos de Petrópolis,

Meu caro Paulo Bittencourt, diretor do Cefet de Petrópolis,

Nosso querido amigo dom Filippo Santoro, bispo de Petrópolis,

Nossa querida Sumara Brito, secretária municipal de Educação,

Nossa futura candidata a alguma coisa, aqui, a Tainara, pelo discurso  
que fez está (inaudível),

Empresários,

Trabalhadores que contribuíram com a recuperação deste prédio que

abriga o Cefet,

Meus amigos e minhas amigas,

Recebi agora uma recomendação médica de que preciso encurtar o discurso, porque falar com o estômago vazio faz mal à saúde. Como o meu está vazio e o de vocês (também), vou tentar ser rápido.

Quero começar falando de duas emoções. A primeira emoção foi com o coral “Meninas Cantoras de Petrópolis”, quero dar os parabéns ao maestro Marco Aurélio Xavier. Eu ouço o Hino Nacional pelo menos umas duas, três vezes por dia, e nas viagens internacionais muito mais ainda. Quero dizer para vocês que foi uma das coisas mais extraordinárias que ouvi, o Hino Nacional brasileiro aqui. Ao maestro, também, cuide bem dessas meninas, porque elas têm futuro.

A outra coisa importante é aquela meninada ali, com a roupa do Cefet. Não vou mais citar nenhum número da Educação, porque o Fernando Haddad e o diretor do Cefet já falaram. Mas quero dizer para vocês o significado de um curso, sobretudo quando se trata de um curso em que se aprende uma profissão.

Eu digo, Sérgio, toda vez que encontro com adolescentes, que devo o que sou hoje a um curso profissional que fiz, lá pelos idos de 1960, no Senai, quando aprendi a minha profissão. Um homem ou uma mulher com uma profissão vale muito mais no mercado de trabalho do que um homem ou uma mulher sem uma profissão.

É importante dizer, sobretudo para a juventude: tenho oito irmãos, sou o caçula dos homens da minha família e fui o primeiro a conseguir meu diploma primário, fui o primeiro a conseguir um diploma do Senai. E, por conta desse diploma do Senai, fui o primeiro a trabalhar numa grande empresa, o primeiro a ter uma geladeira, um carro, uma televisão, e o único a chegar à Presidência da República. Por conta desse curso, arrumei emprego numa fábrica grande, virei presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, depois fundei uma Central Única, fundei um partido político, e agora cá estou eu.

Por que estou dizendo isso? Porque eu vivi crises de desemprego neste país e sei o que é um jovem sair para procurar emprego, sem profissão. E sei também o que é uma menina sair para procurar emprego, sem uma profissão.

Quando a gente não tem profissão e chega numa loja, num banco ou numa fábrica e pede emprego, e as pessoas perguntam o que a gente sabe fazer, se a gente disser que sabe fazer tudo, elas já sabem que a gente está mentindo, não vão pegar a gente; se a gente disser que não sabe fazer nada, elas vão pedir para a gente voltar depois, mas nunca mais vão nos atender. Se a gente disser que tem uma profissão, certamente elas vão ao computador fazer o nosso currículo, pegar endereço, porque em algum momento elas vão chamar a gente.

Neste país, em que passamos 22 anos – é muito tempo – em que a economia não crescia, os trabalhadores sabem que em nenhuma fábrica neste país tinha uma placa dizendo: “Precisa-se”, acabou essa placa. O que vimos, nos últimos 20 anos, foi diminuir a cada dia o número de trabalhadores com carteira profissional assinada neste país, e aumentar o número de trabalhadores na economia informal.

Agora que a economia começou a crescer durante 25 trimestres consecutivos, o que está acontecendo aqui em Petrópolis, na cidade do Rio de Janeiro, na cidade de São Paulo, nas capitais todas deste país? Está com falta de pedreiro, de ajudante de pedreiro, de azulejista, de soldador, de metalúrgico, de engenheiro e de muitas profissões. Grande parte das profissões deste país rareou no momento em que a economia começou a crescer.

Então, o nosso trabalho agora, do governo federal, do governo estadual, do governo municipal, dos empresários, é formar a quantidade de gente necessária que a gente não formou nos últimos 20 anos, porque não tinha mercado de trabalho para essas pessoas.

Quando vejo vocês com um avental, aprendendo um curso de telecomunicação, na área da TV digital – serão os primeiros técnicos do Brasil formados em TV digital aqui em Petrópolis, para o Brasil inteiro – eu acho extremamente importante. Vocês vão perceber que a vida de vocês vai mudar. Já mudou quando vocês entraram aqui, e vai melhorar muito mais quando vocês puderem se apresentar no mercado de trabalho dizendo: “Eu tenho um curso técnico feito no mais bonito Cefet do Brasil, que é o Cefet de Petrópolis”.

Para a mulher, o curso é ainda mais importante. Vocês sabem que a mulher, ao ter uma profissão, se valoriza muito mais, porque ela conquista

independência no mercado de trabalho, mas também sua independência na relação dentro de casa, com os pais e com o próprio marido.

Se a mulher tem uma profissão, entra no mercado de trabalho e pode partilhar com o seu marido as dívidas da casa, as compras das coisas da casa, ela tem um tom de liberdade. Se essa mulher não tem uma profissão e fica dependendo do seu marido apenas, pode sofrer coisas incoseqüentes, e às vezes não tem nem coragem de brigar, com medo do marido largá-la. Com uma profissão, essa mulher vai poder andar de cabeça erguida na rua, mas vai andar de cabeça erguida também dentro de casa, para dizer para o companheiro: “Olha, nós estamos juntos porque nos amamos, nos gostamos, porque queremos estar juntos, não estamos juntos por submissão econômica e não estamos juntos por medo”. É por isso que todas as vezes que as mulheres evoluem no mercado de trabalho, há uma evolução substancial no grau da independência da mulher no Brasil e no mundo. Portanto, parabéns às meninas que estão fazendo esse curso.

A última coisa. Por que nós resolvemos investir em educação? Na verdade, o que estamos fazendo, numa parceria com o governador Sérgio Cabral e com os outros governadores do Brasil, é fazer pelos filhos do Brasil e pelos filhos do Rio de Janeiro aquilo que nas últimas três décadas não foi feito.

Eu, particularmente, quero que o povo brasileiro tenha as oportunidades que não tive. Porque não consegui estudar o que acho que era preciso, quero que os jovens de hoje estudem. Fui aprender uma profissão e logo fui trabalhar. Então, quero que a juventude de hoje tenha a oportunidade que eu não tive. Possivelmente, muitos doutores que governaram este país, por já terem o seu diploma, não se importavam que os pobres ficassem sem diploma.

E aqui, Sérgio, merece uma menção honrosa a engenhosidade e a criatividade do ministro Fernando Haddad, quando ele me apresentou a proposta do ProUni. Na verdade, ele não era ministro ainda, era secretário-executivo do ministro Tarso Genro, mas a proposta era dele, que tinha apresentado no primeiro ano do meu governo e não foi possível colocá-la em prática. O que era o ProUni? O Estado não tinha dinheiro para fazer todas as universidades que precisava fazer, mas nós tínhamos muitas universidades particulares com vagas. Acontece que o povo mais pobre prestava vestibular, passava, e quando ia, em fevereiro, começar as aulas, a mensalidade custava

mil, mil e duzentos, mil e trezentos reais. E esse jovem voltava para casa; não tinha passado na Federal e não tinha dinheiro para pagar. Esse jovem se prostrava no sofá e estava determinado, na sua consciência, que ele seria um jovem sem futuro.

Pois bem, o ProUni, num acordo com as instituições privadas de ensino, fez uma isenção de impostos. E, por conta desse imposto, o valor equivalente ao que eles deixam de pagar para o governo, dão em bolsas de estudo. Aí é que é a grande revolução, Sérgio.

Hoje nós temos, no Brasil... eu vou dar aqui o número exato, porque esse é um dos meus motivos de orgulho como presidente da República deste país. Pode parecer ironia do destino, mas exatamente o presidente da República que não tem diploma universitário é o que mais vai fazer universidades e o que mais vai colocar gente na universidade.

Uma coisa importante, Sérgio. Tínhamos, no começo do ano, 385 mil jovens fazendo o ProUni. No 1º semestre entraram mais 48 mil alunos, portanto, já vai para 435 mil. E para o ano que vem vão entrar mais 100 mil alunos na universidade. Nós vamos chegar a mais de 500 mil alunos do ProUni, jovens da periferia, todos estudantes de escolas públicas que não teriam condições de estudar numa escola particular, porque não poderiam pagar. Quarenta por cento desses alunos são negros, para a gente recuperar a dívida histórica que temos com a segregação dos negros neste país. E só aqui no Rio de Janeiro, no começo do ano, já tínhamos quase 30 mil jovens no ProUni.

Nós, agora, para não ficarmos para trás, criamos o Reuni. O Reuni é um programa em que as universidades federais, as existentes e as novas, em vez de terem, em média, 12 alunos por professor, vão ter 18 alunos por professor, vai ter curso noturno. E a nossa expectativa é aquilo que o Fernando disse: em 2003 a gente colocava 113 mil jovens na universidade; no ano que vem vamos colocar 227 mil alunos, porque a cada ano nós vamos renovar essas vagas.

Essa é uma coisa prazerosa. E por que é prazerosa? É prazerosa porque este país só vai ser uma economia respeitada no mundo, grande, e vamos fazer parte dos países ricos, no dia que tivermos capacidade de exportar conhecimento e inteligência. Para isso, temos que investir na educação.



Uma outra coisa importante, Sérgio. Aqui no Rio de Janeiro temos 42 mil jovens matriculados no ProJovem. No Brasil todo são 238 mil jovens no ProJovem. O que é o ProJovem? É um programa em que a gente pega um jovem que tem de 15 a 24 anos, que já tinha desistido da escola, trazemos de volta para a escola, pagamos uma ajuda de custo, e ensinamos a ele uma profissão. Ele aprende o que não aprendeu na escola, porque desistiu, e ao mesmo tempo aprende uma profissão. Essa é, na minha opinião, a melhor arma para a gente combater a violência, o crime organizado e o narcotráfico em qualquer lugar do Brasil.

Estou extremamente feliz porque, nesses dois anos de mandato, em parceria com o companheiro Sérgio Cabral, vocês estão percebendo que nós estamos fazendo mais pelo Rio do que foi feito nos últimos 30 anos. Essa é uma coisa extraordinária porque quando dois governantes colocam na cabeça que foram eleitos para governar, que não foram eleitos para brigar, que foram eleitos para fazer as coisas para o povo, e a gente começa a levantar quais os problemas que tem em cada estado, qual a possibilidade de a União ajudar, qual a possibilidade de o governo do estado colocar uma parte, tudo fica mais fácil. É como passar manteiga no pão se a manteiga estiver mole, se ela estiver dura, de vez em quando fica difícil.

Mas aqui a manteiga está mole. Trabalhar com o Sérgio Cabral, assessorado pelo Pezão... sinceramente, eu não recebo um tratamento desses todo dia na minha casa, porque de vez em quando a dona Marisa engrossa comigo, mas o Cabral e o Pezão nunca engrossam. Talvez porque eu seja presidente e ele governador. Mas a relação que nós estamos tendo é uma relação que o Rio de Janeiro nunca viveu. É quase uma profecia que estamos cumprindo, quando fizemos um acordo em 2002. Eu dizia para o Sérgio: Sérgio, nós vamos fazer a mais extraordinária parceria entre o governo do Rio de Janeiro e o governo federal que já existiu em toda a história do Rio de Janeiro. Estamos fazendo e vamos fazer muito mais, porque já aprendi muito mais, ele já aprendeu muito mais. As coisas agora vão andar muito mais rápido.

Nós sabemos que o Rio de Janeiro pode ter condições, no governo deste menino, de dar um salto de qualidade extraordinário e fazer com que o povo do Rio receba do governo federal aquilo que ele tem direito, porque o Rio

de Janeiro, bonito como foi feito por Deus, com essas praias excepcionais, foi praticamente destruído por algumas pessoas, que permitiram que o Rio fosse administrado de forma desordenada.

Estamos recuperando isso. São muitos investimentos nas favelas do Rio de Janeiro que nós, amanhã, não queremos mais chamar de favelas. Queremos que quando a imprensa for lá não fale “Favela do Pavão-Pavãozinho, Favela de Manguinhos, Favela do Complexo do Alemão”. Nós queremos que ela fale: “O bairro de classe média do Pavão-Pavãozinho, o bairro da Rocinha”, porque é assim que nós precisamos sonhar o futuro dessas pessoas. Se a gente não der essa esperança, essas pessoas, sem perspectiva, não terão motivação, não terão auto-estima, e serão presas fáceis na mão da bandidagem.

Portanto, vai ser a nossa presença lá dentro, com educação, com saúde, com cultura, com lazer, com trabalho, com biblioteca, que vai ganhar do crime organizado, em alguns lugares do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Brasil afora.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, quero dizer para vocês... vocês estão percebendo que estou com uma camisa “Rio 2016”. É porque estou muito otimista que o Rio de Janeiro vai ganhar de Tóquio, de Chicago e de Madri, para sediar as Olimpíadas de 2016. Penso que hoje – essa é uma conquista que não é minha, é uma conquista nossa – o mundo já olha para o Brasil com mais respeito. O mundo, hoje, já olha para o Brasil sabendo que este país tem auto-estima, que o povo pobre está melhorando, que nós estamos crescendo mas estamos distribuindo aquilo que é o resultado do nosso crescimento.

E aí, Sérgio, entra a história do pré-sal. A descoberta da Petrobras, da jazida de petróleo a 6 mil metros de profundidade. Não sei se vocês sabem, são 2 mil metros de lâmina d’água, depois tem 3 mil metros de rocha, depois tem 2 mil metros de sal. Então, a 6 e 7 mil metros de profundidade encontramos petróleo e gás, muito petróleo e muito gás. Nós só temos um pequeno problema: a Petrobras está furando cada vez mais fundo, e se a gente não tomar cuidado, qualquer dia desses vem um japonezinho na broca da Petrobras. Então, temos que tomar cuidado para não agredir os outros.

Tenho dito aos companheiros que, com esse dinheiro do petróleo, a

gente vai fazer algumas coisas importantes. Primeiro, não vamos exportar petróleo cru, vamos exportar derivados, e, por isso, o Comperj, no Rio de Janeiro, já faz parte desse processo. Segundo, vamos recuperar a indústria naval brasileira e vamos fazer a indústria petrolífera brasileira ser uma das mais modernas do mundo. Terceiro, a gente vai recuperar a indústria petroquímica brasileira.

Agora, tem uma coisa sagrada, a mais sagrada de todas: é que uma parte desse dinheiro do petróleo será para investimento na educação e no combate à pobreza deste país.

Obviamente que isso não vai acontecer no meu governo. O processo todo de exploração do pré-sal começou agora, no Espírito Santo, vai começar em março no Poço Tupi, mas tem um tempo de maturação. A gente só vai começar a explorá-lo comercialmente mesmo, eu acho que lá para o final de 2010, 2011. E aí, que Deus abençoe quem vier depois de mim, para que faça muito mais e melhor do que nós fizemos. Esta é a grande chance que o Brasil tem, depois da sua independência: conquistar, definitivamente, junto com a sua independência política, a sua independência econômica e virar uma grande nação, porque penso que merecemos.

No mais, quero sair daqui com essa imagem maravilhosa, combinada com aquela imagem dos meninos e meninas maravilhosos. Cada vez que participo da inauguração de uma escola, saio dizendo que “eu saio mais brasileiro do que entrei aqui”.

Muito obrigado. Que Deus abençoe todos vocês, e que a gente continue fazendo as coisas de que o povo necessita.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Hospital Municipal Doutor Moacir Rodrigues  
do Carmo**

**Duque de Caxias-RJ, 13 de setembro de 2008**

Meu querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro,  
Sérgio Cabral,

Meu querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,

Meu querido companheiro Luiz Fernando de Souza Pezão, vice-  
governador do estado do Rio de Janeiro,

Deputado Jorge Picciani, presidente da Assembléia Legislativa do Rio de  
Janeiro,

Deputado federal Jorge Bittar,

Sérgio Côrtes, secretário estadual de Saúde do Rio de Janeiro,

Nossa querida companheira Benedita da Silva, secretária estadual de  
Assistência Social e Direitos Humanos,

Regis Fichtner, secretário estadual e chefe da Casa Civil,

Wilson Carlos, secretário estadual de Governo do Rio de Janeiro,

Oscar Berro, secretário municipal de Saúde de Duque de Caxias,

Meus queridos companheiros e companheiras de Duque de Caxias,

Meu presidente Roberto Dinamite,

Meu querido Jairzinho, o nosso “furacão” da Copa de 70,

Altair, jogador importante no Fluminense,

O Silva foi mais importante quando jogou no Corinthians,

O Roberto Miranda também foi importante quando saiu do Botafogo e foi  
jogar no Corinthians. Você sabe que tenho até hoje um gol de voleio que você  
marcou no Corinthians, logo no começo da sua carreira?

Meu caro Jair Marinho,



O Amarildo - que os jovens não se lembram - teve a incumbência de substituir o Pelé na Copa de 1962, no Chile e, junto com o Garrincha, ganhou aquela Copa. Ele já estava jogando no Milan quando veio jogar com o Santos, aqui, o título Mundial Interclubes, que o nosso querido Almiro (inaudível) deu uma patada nele logo no começo do jogo. O Milan havia ganho de 4 a 2 do Santos, lá na Itália, e, aqui, ganhamos de 4 a 2 e, depois, ganhamos de 1 a 0. Esses dias, conversei com o Pepe e lembrava os dois gols de falta que ele fez.

Quem falta cumprimentar? O Jair Marinho, nosso querido Jair Marinho. Todos eles passaram pela Seleção brasileira. Só não teve sorte de jogar no Corinthians o Roberto Dinamite, porque foi para o Barcelona, e depois não cabia mais no time do Corinthians. Volta e marca cinco gols contra o Corinthians, aí é demais...

Estou dizendo isso porque falar com jogadores tão importantes, que a gente conseguia ver só pela televisão... A gente pensava que eles eram maiores do que são, mais fortes. O Jair Marinho, com aquele tamanhinho, não sei como jogava bola.

De qualquer forma, acho importante vocês assistirem aos jogos da Seleção brasileira e, de vez em quando, dar palpite, para ver se os nossos jovens... Muitas vezes, o artista, que é o jogador de bola que está dentro do campo, não tem dimensão do que pensa a gente humilde deste país que está assistindo a um jogo. Ganhar ou perder é consequência. O torcedor não fica nervoso se seu time perde, mas vê o jogador suando a camisa, ele vai para casa satisfeito. Por isso é que quando tem um jogador que corre e que se mata, a torcida aplaude. Agora, duro são aqueles que ficam o tempo inteiro esperando a bola chegar no seu pé, e quando perdem a bola, acham que a responsabilidade de tirar a bola é da defesa, e não dele.

Não sei se vocês trabalham com escolinha de futebol, mas é importante que essa meninada toda que está treinando hoje aprenda uma coisa: jogar é extremamente importante, ganhar dinheiro é extremamente importante. Fico



feliz da vida quando um jovem pobre fica famoso e ganha dinheiro. Mas é preciso que a gente saiba que na nossa vida profissional tem alguém que, ou vai ao estádio com muito sacrifício, ou às vezes fica na frente de uma televisão depositando toda a sua expectativa naqueles companheiros. E colocar o coração, para jogar bola, é uma coisa extremamente necessária, porque o povo sente isso do outro lado da tela, ou sente no estádio.

Lamentavelmente, o Brasil não tem mais o melhor futebol do mundo. Ainda somos o grande produtor de grandes jogadores mas, se quisermos ver um jogo de times importantes, temos que ligar a televisão – quem tem televisão a cabo – e ver o campeonato espanhol, o italiano, o inglês, que todos os atletas do mundo estão jogando lá. Os melhores da África, do Brasil, da Argentina, os melhores de todos os países estão jogando nesses países. Então, não praticamos mais aqui, nos nossos clubes, o melhor futebol do mundo, porque os times não têm dinheiro para agüentar um jogador aqui e competir com o preço do jogador lá fora.

Isso tem sido preocupação minha, porque acho que futebol é uma paixão nacional. Então, tenho feito o possível para ajudar os times de futebol. Mas é muito difícil competir com o peso econômico do dinheiro inglês, do dinheiro espanhol, do alemão. A molecada nasce, e quando chora, já falam: “Esse vai ser craque, vou levar”. Não pode contratar o menino, contrata o pai, leva para trabalhar lá fora. E nós vamos perdendo jogadores. De vez em quando, a gente vê convocar para a Seleção um grupo de jogadores que eu nunca tinha visto jogar no Brasil, e acho que nem vocês. São pessoas que se formaram lá fora e, portanto, o Brasil continua sendo essa máquina extraordinária de criar talentos e exportar. Esses dias eu fui ao Gabão – se vocês olharem o mapa da África, vão ver o Gabão. Quando chego lá, sabem quem eu encontro? O Jairzinho, técnico da seleção do Gabão.

Na verdade, eu não queria falar de futebol, mas como hoje é sábado, não é dia de conversa muito séria, e estamos em frente a um hospital, a gente



precisa ficar muito tranqüilo para não ter um chilique e ser o primeiro a ficar internado. Todos vocês estão felizes com este hospital. Agora, tenho certeza de que nenhum de vocês quer ser internado no hospital.

Isso me lembra uma piada que o Pezão me contou agora. Dizem que o padre estava muito entusiasmado numa igreja e falou: “Quem quer ir para o céu?” Todo mundo levantou a mão. Ele falou: “Quem quer ir agora?” Todo mundo baixou a mão. Então, isso vale para o hospital. O hospital é maravilhoso, mas a gente só quer vir aqui visitar alguém, a gente não quer ser internado. Eu peço a Deus que, aquelas camas maravilhosas, eu nunca tenha que utilizá-las.

Mas, meus companheiros, acabou a brincadeira. Vou dizer para vocês uma coisa séria: quando eu vim aqui, em 2006, já no segundo turno da campanha, e vim estabelecer uma aliança política com o Sérgio Cabral – porque nem ele, nem eu tínhamos ganhado as eleições no primeiro turno – eu disse ao Sérgio que tínhamos a possibilidade de construirmos a melhor parceria da história do estado do Rio de Janeiro e do Brasil, entre o governo do estado do Rio e o governo federal.

Eu dizia isso porque, se não houver parceria, quem perde é o povo. Se o Sérgio briga com o prefeito daqui, ou se o prefeito não gosta dele, ou ele não gosta do prefeito porque o prefeito pertence a um outro partido político; se eu não gosto do Sérgio e ele não gosta de mim e, por conta disso, a gente não constrói parceria, não fazemos projetos conjuntos, não fazemos acordos como este aqui, no fundo, no fundo, essa briga mesquinha dos governantes tem uma vítima no meio, e não são os governantes, a vítima é o povo.

Eu acompanho muito a história do Rio de Janeiro, porque o Rio é um estado extremamente importante politicamente, economicamente e culturalmente. Não tenho medo de dizer para vocês – e ele não tem nem dois anos de mandato ainda – que o Sérgio pode passar para a história como o melhor governador que este estado já teve.



Sabem por quê? É muito bom conversar com pessoas desprendidas, é muito bom fazer parceria com alguém que não está fazendo disputa menor, a disputa mesquinha das próximas eleições, de quem vai ser prefeito agora, de quem vai ser governador daqui a dois anos, de quem vai ser presidente. Não fomos eleitos para brigar e para fazer coisa pequena. Quando o povo votou na gente, votou acreditando que a gente ia fazer as coisas para melhorar a vida do povo.

É isso que o Sérgio tem feito nessa parceria com o governo federal. Está certo que, às vezes, ele exagera no pedido de dinheiro. E quando ele percebe que exagera, ele manda um tal de Pezão, que cada vez que chega a Brasília com um pacote debaixo do braço eu já preparo a Dilma: cuidado, que vai sair dinheiro.

Agora, é uma coisa boa. Graças a Deus, posso dizer para vocês, para o Sérgio, que temos hoje uma relação com os governadores do Brasil que nunca tivemos. E aqui, no Rio de Janeiro, vocês sabem o que passei no primeiro mandato. Vocês sabem quem governou este estado durante muito tempo.

Quando tem uma pessoa azeda, uma pessoa que não quer conversar, que pensa pequeno, a vítima nós sabemos quem é: é o povo pobre de cada cidade, de cada estado, e o povo pobre do País.

Aqui na Baixada Fluminense, eu também não tenho medo de dizer que desde que existe a Baixada Fluminense nunca houve a quantidade de investimentos em saneamento básico como está havendo agora. Só nesta cidade, sem o dinheiro do governo federal, sem o dinheiro do governo estadual, mas de financiamento para as prefeituras, só aqui em Duque de Caxias e em Nova Iguaçu temos mais de 700 milhões de reais em obras, além do dinheiro do estado e do Orçamento Geral da União. E eu nunca perguntei a que partido pertence o prefeito, se ele é amigo do Sérgio ou não. O que queríamos saber era se a cidade tinha problemas.

Eu dizia para o Sérgio: estou cansado de ver a Baixada Fluminense





aparecer na imprensa apenas nas páginas policiais, não é possível! Você abria as páginas dos jornais, a Baixada aparecia com crime e com desgraça. Não é possível! Primeiro, porque o povo é trabalhador. Segundo, porque ninguém no Rio de Janeiro, ninguém vai me convencer que aquelas notícias que vendem todo santo dia, que criam até um terrorismo para quem não é do Rio de Janeiro... Eu fico imaginando um turista espanhol, tentando convencer a namorada: “Vamos para o Rio de Janeiro, vamos lá na praia de Copacabana, vamos em Ipanema, é maravilhoso, não sei das quantas, lá tem um governador assim e assado”. Aí, pega um jornal brasileiro e está lá: “Não sei o quê, de violência no Rio de Janeiro”. O cara fala: “Bom, não vamos mais”. Não é que a gente não deva contar. A gente tem que anunciar o fato sem fazer apologia. Alguns dizem que vamos resolver o problema da violência no Rio com a polícia. Eu, particularmente, não acredito que a polícia, por si só, resolva o problema da violência.

Por isso estamos fazendo os investimentos na Baixada, por isso estamos fazendo investimentos em Pavão-Pavãozinho, na Rocinha, no Complexo do Alemão, em Manguinhos. Por que estamos fazendo investimentos? Porque acredito que quando o governo federal, o governo estadual e a prefeitura chegarem nos bairros mais pobres deste país levando escola, luz elétrica, água potável, coleta de esgoto, área de lazer, cultura, levando possibilidade de trabalho, escola para formar profissionalmente as pessoas, tenho certeza que vamos ganhar do crime organizado, porque estaremos oferecendo oportunidades ao povo deste país. Sem oportunidade, não se leva as pessoas a terem esperança.

Passamos 20 anos em que a economia brasileira não crescia, a construção civil só desempregava, a indústria só desempregava, foram 20 anos. Vinte anos é uma geração inteira que se perdeu neste país. Esses jovens de 30 anos que a gente vê presos – se cometeram crime, têm que ser presos mesmo – são resultado do abandono a que foram submetidos pelas políticas



públicas dos governos. Qual era a oportunidade que eles tinham?

Agora, qual é a vantagem, Sérgio? Este ano, só este ano, vamos criar mais de 2 milhões de empregos com carteira profissional assinada. Vocês sabem o que significa 2 milhões de empregos gerados em um ano? É mais do que os oito anos passados, em apenas um ano. As coisas estão acontecendo. Construimos uma relação de amizade com os governadores e com os prefeitos, estamos construindo as coisas conjuntamente, aprendemos a governar melhor no segundo mandato, pensamos o PAC.

Construir um hospital como este aqui, numa região como esta, antigamente era impensável. Os lá de cima, os que moram no andar de cima, acham que os que estão no andar de baixo não precisam ter direitos: mulher pobre não tem que ter um parto decente, não tem que ter exame naquelas máquinas chiques em que só os ricos faziam. Agora tem aqui para vocês. Aquela quantidade de máquina que a gente não sabe nem falar o nome agora, em que só grã-fino fazia, agora tem aqui, para a pessoa mais rica de Duque de Caxias fazer, mas também para a pessoa mais pobre fazer. Até porque, quando a gente está num leito de hospital não tem rico, nem pobre. Nós todos descobrimos, num leito de hospital, o quanto somos frágeis.

Então, eu quero dizer para vocês da minha alegria. Tem mais coisas para fazer aqui. O Hospital de Queimados já era para estar pronto. Depois que fomos anunciar teve um problema no terreno, demorou muito para desapropriar. O hospital ortopédico, lá na ex-sede do Jornal do Brasil, também já era para estar pronto. Levamos muito tempo para legalizar aquela situação. Mas, este ano, estarei vindo aqui para a gente inaugurar o Hospital Sara Kubitschek lá em Jacarepaguá, que vai estar pronto em novembro, então vamos inaugurar.

Quero dizer a vocês que estamos levando daqui, do Rio, uma coisa importante, que são as unidades de pronto-atendimento, a famosa UPA. No governo federal, vamos construir 500 no Brasil, até 2010.



Estou vendo aqui o Cesário, está ali em pé, foi presidente do Sindicato dos Petroleiros aqui. Quero dizer o seguinte: o Brasil está vivendo um momento, eu acho, maravilhoso. Lógico que temos uma dívida secular, e essa dívida secular a gente não consegue pagar do dia para a noite, é um processo em construção.

Mas agora descobrimos mais petróleo, e cada dia um pouquinho mais. E tenho dito publicamente: com uma parte desse dinheiro do petróleo nós vamos resolver o problema da pobreza e da educação neste país. Para uma mãe pobre e para um pai pobre não existe legado mais extraordinário para deixar para um filho. A gente gostaria de deixar uma casa para o filho, um carro, uma série de coisas. Mas se a gente deixar o nosso filho com uma profissão, se ele chegar à universidade, então, é uma coisa extraordinária que estaremos permitindo que aconteça neste país.

Tenho certeza de que essa parceria tão extraordinária que estamos construindo aqui no Rio de Janeiro com o governador Sérgio Cabral... eu tenho mais dois anos e quatro meses, ele tem mais dois anos e quatro meses de mandato, eu do meu segundo, e ele do primeiro... a gente aprendeu e vai fazer cada vez mais.

Peço a Deus que nenhum de vocês precise utilizar este hospital. Mas ele está aqui para quê? Para que, se as pessoas precisarem, não tenham que morrer na rua por falta de hospital ou por falta de atendimento. Ele está aqui como se fosse um seguro de vida. Nós estamos torcendo para que vocês nunca precisem. Obviamente que esse não é o pensamento dos médicos, porque senão eles perdem o emprego, os médicos estão querendo que vocês venham.

Agora, isto aqui é uma espécie de seguro de vida. Se alguém tiver uma dor de barriga, não tem mais que pegar um ônibus e ir para a capital. Aqui mesmo vai ter um hospital de excelência onde vocês poderão ser tratados como sou tratado no Sírio Libanês, lá em São Paulo, como sou tratado no



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Einstein, em São Paulo, ou seja, nos melhores hospitais deste país.

É isso que vocês merecem porque, independentemente da cor, da religião, do sexo e da origem social, vocês são brasileiros e brasileiras, e precisam ser respeitados.

Um abraço e boa sorte!

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de lançamento do programa Turismo nos Parques**

**Petrópolis-RJ, 13 de setembro de 2008**

Sérgio, para mostrar que não quero falar muito, leve o discurso. Eu vou ser muito breve, porque eu e o Sérgio comentávamos que o Barretto e o Minc já disseram o que tinha que dizer aqui hoje.

Apenas um dado que considero importante. Quando o Minc assumiu o Ministério do Meio Ambiente, assumiu no lugar da companheira Marina, que é um ícone, para nós, na defesa do meio ambiente. Todo mundo que conhece a Marina sabe o que a Marina representava para nós, do governo, para o Brasil. Chegou um momento em que ela decidiu, então, que estava na hora de deixar o governo, e muita gente ficava apreensiva se nós iríamos conseguir colocar no lugar alguém que tivesse o mesmo prestígio da companheira Marina.

Eu me lembro de que no discurso da posse, fiz uma comparação entre o Pelé e o Amarildo. Aliás, Sérgio, hoje encontrei o Amarildo. Encontrei vários jogadores, dentre eles o Amarildo. E eu lembrava que o Pelé foi à Copa do Mundo de 1962, no Chile, como a grande esperança do Brasil para a gente ser bicampeão, e quis o destino que ele se machucasse. De repente, entrou o Amarildo. E o Amarildo fez aquilo que as pessoas esperavam que o Pelé fosse fazer. Ele e o Garrincha nos trouxeram o título da Copa de 1962.

O Minc tem dado um ritmo à questão ambiental que é uma coisa extremamente importante. Eu confesso a vocês que é muito difícil para um presidente. A gente briga muito com governador, com deputado, com senador, quando a gente demarca uma área. Dependendo do estado em que a gente demarca uma área de reserva, tem empresários locais brigando com a gente, tem o governador às vezes contra, tem, às vezes, o prefeito da cidade contra, uma série de pessoas. Não é apenas o ato bonito de assinar aqui. É o ato



bonito de assinar aqui, depois a gente vai à cidade e encontra o pessoal com faixa protestando contra você.

Eu acho que até então a gente cometia uma coisa que não era muito boa. Assinávamos um ato de preservação de um parque, e só ficávamos sabendo eu, o ministro que assinava e as pessoas que estavam ali. A sociedade não sabia. As pessoas dos locais mesmo, não sabiam. A gente, então, adotou a política de “vamos preservar e vamos proibir”. Essa coisa de proibir me lembra muito a idéia de uma mãe que faz um monte de brigadeiros, o filho vendo-a fazer. Depois ela coloca os brigadeiros na geladeira e fala para o filho: “Não come”. Só tem um jeito do moleque não comer: colocar um guarda para tomar conta da geladeira ou a criança ser educada de que não pode comer aquele brigadeiro.

Preservar uma área e apenas dizer, na lei, que é proibido fazer qualquer coisa e não ter uma orientação, não ter uma utilização e não ter guarda, vai acontecer como está acontecendo nos parques nacionais: desmatamento selvagem, queimadas e outras coisas mais. Não se cria incentivos para aquilo ser utilizado de forma correta, proíbe-se.

No centro de uma cidade está escrito: “Não pise na grama”. É um convite para pisar. Imagine a 2 mil quilômetros de distância da sede do Ministério do Meio Ambiente, que não tem ninguém, às vezes não tem um carro do Ibama. E quando tem carro, não tem gasolina, quando tinha gasolina não tinha motorista. Foi assim que encontramos este país.

Consertar este país e permitir que ele chegue ao estágio em que estamos hoje é o começo da construção de uma nação. Uma nação começa a se formar não quando somos um amontoado de pessoas morando numa determinada área geográfica. Ela começa a se formar quando tem um conjunto de pessoas que começam a acreditar que juntos podemos construir uma série de coisas para o bem comum daqueles que vivem em determinada região.

Hoje nós estamos vivendo esse momento. Vocês viram aqui os acordos



assinados entre o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério do Turismo. Tudo o que temos de bonito e de bom, temos que criar as condições para que todo mundo saiba que é bonito e bom. E para a gente dizer que isso é bonito e bom, precisamos abrir uma pousadinha no lugar.

Por que é proibido fazer uma pequena pousada ou algumas pousadas espalhadas ao longo de um parque? Fazer picadas para que as pessoas possam percorrer aquilo? Permitir que as pessoas façam pesca ecologicamente correta - sem aquela fisga no anzol que machuca o peixe - que pega o peixe e volta?

Como é que a gente vai convencer as pessoas a irem lá se não podem fazer nada? Você chega num parque e tem uma placa: "Proibido tudo". O cara não vai ou vai fazer picada por conta própria, quebrar, desmatar. Como no Parque da Água Mineral, em Brasília, em que as pessoas levavam xampu para tomar banho no Parque, na água mineral. É assim, na cara da gente, na capital, imagine no meio do mato...

Então, Minc, quero dar os parabéns a você e ao Luiz Barretto, porque penso que estamos apresentando à sociedade brasileira uma coisa que a Marina falava: não basta apenas proibir. É melhor a gente dizer como fazer o melhor possível e dar utilidade às coisas.

Eu ando pelo Brasil. A quantidade de parques que nós temos, a quantidade de mata que estamos preservando... Eu acho que tem mais para ser preservado ainda. Só tem sentido se a gente permitir que a sociedade brasileira possa adentrar esse... Gostou do adentrar? É uma palavra ambientalmente correta. Se a gente permitir que as pessoas possam adentrar o desconhecido e começar a fazer divulgação... Nós não utilizamos a televisão para fazer propaganda disso. As pessoas não sabem que esses parques existem, os estados não fazem propaganda em outros estados, o que é um absurdo. Se o governador Sérgio Cabral quer que alguém de um outro estado venha aqui conhecer alguma coisa, cabe a ele – que sempre vai pedir um



dinheirinho para nós – colocar na televisão daquele outro estado a coisa boa do Rio de Janeiro. Como cabe aos outros estados colocarem aqui, no Rio de Janeiro, a publicidade sobre as coisas boas do seu estado. Senão nós vamos para Miami, para a França, vamos para qualquer lugar que sabemos que existe. Como não sabemos que as nossas coisas existem, nós não visitamos.

Essa coisa que eu acho que é forte, e que nós precisamos fazer cada vez mais: gostar de nós mesmos. Essa é uma palavra que eu acho que é mágica: nós, brasileiros, aprendermos a gostar das coisas que temos e fazer o melhor uso possível delas, coisa que não fazemos.

O Minc sabe de uma coisa. Quando eu o convidei para ir para o Ministério, ele estava querendo, não querendo... Sabem aquele cara que fala: “Eu não quero, mas eu quero”. Eu sabia que ele era necessário, já sabia. Há muitas décadas conheço o Minc, não sabia dessa parceria dele com o Luiz Barretto, mas eu o conhecia perfeitamente bem. E eu tinha consciência de que o Minc iria trazer para a questão ambiental uma mentalidade carioca, uma coisa alegre, uma coisa boa.

Ao mesmo tempo em que o Minc aparece nos jornais parecendo que vai detonar o mundo, no dia seguinte ele está negociando com a pessoa que ele criticou. Ele toma iniciativa, vai lá e faz acordo com uma visão extraordinariamente construtiva, o que é bom para o País, o que é bom para o turismo.

Apesar dos números que o Barretto disse aqui, não me sinto satisfeito por um país do tamanho do Brasil receber apenas 5 milhões de turistas. Célio, você que é um homem de comunicação, é difícil receber turismo aqui, quando a gente vê os canais de televisão do Brasil, lá fora, falando de morte, de assalto, de bala perdida, de estupro. O noticiário que passa para nós aqui, você assiste lá fora.

Qual é a política que nós temos para mostrar que este país tem coisas mais importantes? A coisa mais importante que nós temos não é a Serra da





Capivara, a Serra do Anzol, a Serra não sei das quantas. A coisa mais importante que nós temos é que não existe no mundo um povo com a alegria do povo brasileiro. Em todas as pesquisas que nós fazemos, o índice, a coisa que aparece com melhor qualidade para os turistas estrangeiros é exatamente o jeito de ser dessa gente humilde do nosso País. Esse é um cartão postal extraordinário.

Agora, essa gente deve estar no parque, para receber os turistas. A gente, ao demarcar um parque, não tem que expulsar os índios de lá, não tem que expulsar os camponeses de lá. A gente tem que transformá-los em guardas daquele parque, em guardiões da nossa preservação ambiental.

Eu acho que é um grande começo, Minc. Estou satisfeito. Acho que vou aproveitar este momento para dizer para vocês da parceria que estamos estabelecendo neste momento com o governador Sérgio Cabral. Eu acho que o Rio de Janeiro precisava disso, acho que o Brasil precisava disso. O Rio de Janeiro e o Brasil se dando bem, é muito mais fácil todo o conjunto do Brasil se dar bem.

Toda vez que você elege um prefeito, e ele quer fazer um *bunker* contra o governador; ou você elege um governador que quer fazer um *bunker* contra o governo federal; ou você elege um governo federal que não quer nem conversa com os governadores e com os prefeitos, nós já sabemos, de cara, quem é o prejudicado: é o povo que elegeu o prefeito, o governador e o presidente da República.

Na hora em que a gente constrói um entendimento de que juntos, cada um colocando um pouco daquilo que pode colocar, a gente pode construir o todo que o povo necessita, a gente percebe que as coisas começam a andar. O povo está num clima de otimismo, no Brasil, muito importante. As coisas estão acontecendo nos 27 estados da Federação. Se vocês visitarem o Brasil, hoje, em mais de 5.200 municípios deste país tem obras do governo federal, em parceria com os governos estaduais, em parceria com os municípios. Se



vocês visitarem o País, hoje, vão perceber que em todos os estados tem uma extensão universitária, tem algumas escolas técnicas.

O País começou a perceber, no seu conjunto, que as coisas estão acontecendo para todo mundo. E isso só é possível porque a safra de governadores eleitos em 2006 é de governadores de qualidade, são pessoas despojadas de ódio político, são pessoas despojadas de disputas menores.

A minha relação com os governadores, hoje, é a melhor que acho que um presidente da República já teve. Não apenas com meus companheiros, com o Sérgio Cabral, com os companheiros do PT. Não. Com os do PSDB também. Pode chegar em qualquer estado, Sérgio Cabral, ou em qualquer prefeito que seja do PSDB ou do PFL. Ele recebeu tanto ou mais dinheiro que os companheiros aliados. Quando a gente chega à Presidência da República, ao governo do estado, a gente não tem que ficar com mesquinha de atender apenas os amigos, tem que atender o povo, onde ele estiver. Eu acho que isso tem dado um resultado extraordinário.

Eu estava dizendo para o Sérgio, agora há pouco, que faço uma reunião toda santa semana com um grupo de economistas. Faço reunião para analisar o que vai acontecer nos próximos dois anos, nos próximos três anos. E eu não vejo possibilidade de nenhum governador de estado deste país fracassar, até 2010.

O Rio de Janeiro tem hoje, em andamento, obras que nos últimos 40 anos não teve. Você pode sair daqui para Manaus, é a mesma coisa; você pode sair daqui para o Piauí, é a mesma coisa; você pode ir para Roraima, é a mesma coisa; você pode ir para o Rio Grande do Sul, que é governado por uma governadora do PSDB, é a mesma coisa; você pode ir para São Paulo, que é do PSDB, é a mesma coisa. Em todos os estados deste país e em todas as capitais tem um volume de obras que nos últimos 40 anos não tivemos.

A nossa geração política está predestinada ao sucesso. Teve gerações antes de você, Sérgio, que não conseguiram um real do governo federal. Teve



geração de prefeitos, antes de você, que não conseguiu um centavo do governo estadual e do governo federal, era uma miséria. O prefeito daqui, o Bomtempo sabe, reinava a miséria e a disputa pequena neste país.

Hoje, graças a Deus, o momento que o Brasil vive é tão significativo que eu posso dizer, sem olhar para a cara do Bomtempo, que nunca antes, na história deste país, os prefeitos foram tratados com a dignidade e tiveram o tanto de dinheiro que têm, como estão tendo agora. Duvido que em algum momento houve isso.

Da mesma forma que os governadores de estado. Eu duvido, qualquer um pode pesquisar, que algum governador do PSDB tenha recebido do governo do PSDB o que estou dando aos governadores do PSDB. Pode pegar em qualquer estado. Por quê? Porque a situação está boa e porque eu sou republicano. Eu sou tão republicano que, às vezes, o PT reclama que eu dou mais para os outros do que para eles.

Agora, eu acho que nós temos que ensinar este país a ser republicano: as pessoas perceberem que nós, individualmente, não somos donos de nada, que é importante a gente repartir. Como o Brasil está bem, nós estamos repartindo.

E quero aqui dizer, meu caro Sérgio Cabral, que se eu e você continuarmos mais dois anos construindo as parcerias que estamos construindo, efetivamente o Rio de Janeiro vai fazer jus ao famoso título de Cidade Maravilhosa, porque acho que nós vamos reconstruir o Rio de Janeiro.

Um abraço. Parabéns, Minc. Parabéns, Luiz Barretto, por esses acordos.

(\$211A)



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por telefone, por ocasião da inauguração do Centro Logístico Volkswagen Caminhões e Ônibus**

Bom dia, meu caro Roberto Cortes,

Bom dia, meu caro Stephan Schaller, presidente da Volkswagen,

Bom dia, trabalhadores,

Quero dizer para vocês que é com muita tristeza que estou aqui em Santa Cruz desde as 9h da manhã, tentando sair e o helicóptero não pôde levantar vôo. Por isso, eu e o governador Sérgio Cabral não pudemos estar aí com vocês, participando deste momento extraordinário da Volkswagen do Brasil, momento em que ela cresce, momento em que ela vende e momento em que ela faz a expansão da sua fábrica – o terceiro turno de caminhões e de ônibus – numa demonstração de que o Brasil continua crescendo, as empresas vão crescer junto, vão produzir mais caminhões, gerar mais empregos, e distribuir renda.

Por isso, eu quero dar parabéns a todos pela construção desse Centro de Logística que vocês estão montando, pelos investimentos que a Volkswagen Caminhões está fazendo no Brasil, por acreditar no Brasil e, sobretudo, porque a Volkswagen sabe que os trabalhadores brasileiros são imbatíveis em criatividade e em produtividade.

Um grande abraço para vocês. Se Deus quiser, um dia desses visitarei a fábrica em Resende para pagar essa dívida.

(\$212)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita oficial ao Brasil do primeiro-ministro do Reino da Noruega, Jens Stoltenberg**

**Palácio Itamaraty, 16 de setembro de 2008**

Meu caro amigo Jens Stoltenberg, primeiro-ministro da Noruega,  
Senhora Stoltenberg,  
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, em nome de quem saúdo os demais ministros aqui presentes,  
Senhora Ana Amorim,  
Meus amigos e minhas amigas,

A primeira vinda ao Brasil do primeiro-ministro da Noruega, Jens Stoltenberg, consolida uma parceira voltada para os desafios do século XXI. Já estamos colhendo os frutos do compromisso que assumimos há exatamente um ano, por ocasião de minha visita de Estado a Oslo, a primeira de um presidente brasileiro. O Brasil é, hoje, o maior parceiro comercial da Noruega na América Latina, e a Noruega tornou-se o principal destino das exportações brasileiras para os países nórdicos.

Desde 2003, nosso comércio dobrou para mais de um bilhão de dólares anuais. A Noruega investe mais no Brasil do que na China. Mais de cem empresas norueguesas estão aqui. Na outra direção, a Vale desenvolve importante projeto de mineração de ferro-manganês na Noruega.

Os empresários que acompanharam Vossa Excelência no Rio de Janeiro puderam conhecer de perto o momento excepcional por que passa a economia brasileira. Uma economia cujos fundamentos sólidos nos resguardam do agravamento da crise financeira internacional.

No Brasil, para tornar sustentável esse ciclo virtuoso de expansão da



produção, das exportações e do mercado consumidor, lançamos um ambicioso plano de modernização da infra-estrutura e da logística do País. Energia, indústria naval e serviços marítimos são estratégicos nesse esforço. São também setores de reconhecida competência e tradição da indústria norueguesa.

Para que se tenha uma idéia da dimensão das oportunidades à frente, nos próximos anos a Petrobras vai construir cinco novas refinarias. Para explorar as novas reservas de petróleo do pré-sal, vai contratar a construção de 200 navios e de 28 sondas de grande profundidade, sondas que custam 700 milhões de dólares cada uma.

Quero reiterar o convite para que nossos amigos noruegueses apostem também em outras áreas nas quais o Brasil vem ganhando competência e escala, como papel e celulose, e alumínio. Um esforço de investimentos que, entre iniciativas já contratadas e compromissos, alcançará 1 trilhão e 400 bilhões de reais.

Caro Primeiro-Ministro,

De minha visita à Escandinávia trouxe a convicção de que nossa ambiciosa parceria pode ir além de nossas fronteiras. Podemos enfrentar juntos desafios verdadeiramente globais, tais como a mudança do clima, a proteção do meio ambiente e a luta contra a fome e a pobreza. Só assim, asseguraremos níveis superiores de bem-estar e prosperidade sem excluir ninguém nem hipotecar o futuro das próximas gerações.

Noruega e Brasil são pioneiros na exploração de óleo e gás natural, mas também estamos entre os grandes produtores de energia hidrelétrica. Possuímos matrizes energéticas dentre as mais limpas do mundo. Entretanto, podemos fazer muito mais.

O mundo vive o desafio de uma crescente competição por energia. A exitosa experiência brasileira com os biocombustíveis mostra que é possível multiplicar, sobretudo em países em desenvolvimento, os benefícios de uma



fonte de energia renovável, mais limpa e barata que os combustíveis fósseis. Tal como o Brasil, a Noruega investe nessas fontes renováveis, mostrando compromisso com a mudança dos padrões globais de consumo energético.

O apoio da Noruega ao Fundo Amazônia é mais uma expressão de nossa parceria inovadora em favor do uso sustentável dos recursos naturais. Estamos conciliando a preservação ambiental com o desenvolvimento humano e social em região habitada por milhões de pessoas que aspiram aos benefícios do acesso a crédito, conhecimento e tecnologia. Por meio do acordo hoje firmado, vamos repartir essa experiência com outros países tropicais.

Senhoras e senhores,

Num momento em que os altos preços dos alimentos ameaçam os avanços globais no combate à fome, Noruega e Brasil têm uma responsabilidade especial. A Noruega é líder na pesca e na aquicultura, bem como na indústria de fertilizantes e químicos, insumos fundamentais para a expansão do potencial agrícola mundial.

Já o Brasil possui vasta fronteira agrícola e instituições de excelência na pesquisa agropecuária para multiplicar sua produtividade. Apoiamos mecanismos inovadores de financiamento e mantemos cooperação triangular para implementar as Metas do Milênio na África. Também no Haiti, estamos reafirmando nosso compromisso com a transformação das condições sociais indispensáveis ao desenvolvimento com paz e segurança.

Todos esses esforços poderão ser em vão se fracassar a Rodada de Doha. É preciso rever padrões de comércio que inibem o potencial agrícola de muitos países mais pobres. Caso contrário, milhões de pessoas continuarão a sobreviver na incerteza e na dependência.

A reforma das Nações Unidas está no centro de nosso compromisso com transformações das instâncias decisórias multilaterais. Por isso, somos reconhecidos pelo apoio da Noruega para tornar o Conselho de Segurança mais representativo da realidade contemporânea.



Meu caro Primeiro-Ministro,

Descobertas de formidáveis reservas de petróleo e gás poderão alçar o Brasil ao grupo dos grandes produtores mundiais. Queremos que essa riqueza, enterrada a mais de 7 mil metros de profundidade, nos ajude a construir uma sociedade mais justa e menos desigual. Se investirmos esses recursos com sabedoria e prudência, poderemos emancipar o Brasil definitivamente das duas mazelas que ainda hoje retardam nosso avanço: educação, saúde de qualidade para todos e, ao mesmo tempo, combater a pobreza.

Ao mesmo tempo, teremos condições de transformar o Brasil em pólo de desenvolvimento industrial e tecnológico no setor energético, com ressonância em toda a cadeia produtiva da América do Sul. A valiosa experiência da Noruega na administração de sua riqueza petrolífera é uma referência fundamental nesse debate.

Na perspectiva das oportunidades de cooperação e diálogo que se abrem, convido todos a erguerem um brinde à saúde do primeiro-ministro Jens Stoltenberg, à prosperidade do povo amigo do Reino da Noruega, e ao contínuo fortalecimento das relações entre nossos povos.

Muito obrigado.

(\$211A)





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de sanção da Lei do Turismo**

**Palácio do Planalto, 17 de setembro de 2008**

Meu caro Luiz Barretto, ministro do Turismo,  
Meu caro Juca, ministro da Cultura,  
Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia,  
Dulci, da Secretaria-Geral,  
Companheiro José Múcio, da Secretaria de Relações Institucionais,  
Meu caro Paulo Octávio, vice-governador do Distrito Federal,  
Senadora Lúcia Vânia, presidente da Comissão de Desenvolvimento  
Regional e Turismo do Senado Federal,  
Meu caro senador Adelmir Santana,  
Meu caro deputado Albano Franco, presidente da Comissão de Turismo  
e de Esportes da Câmara dos Deputados, por meio de quem cumprimento os  
demais deputados federais aqui presentes,  
Meu caro Antonio Oliveira Santos, presidente da Confederação Nacional  
do Comércio,  
Paulo Okamoto, presidente do Sebrae Nacional,  
Meu caro Bismarck Maia, presidente do Fórum Nacional de Secretários  
Estaduais e Dirigentes de Turismo,  
Meu caro amigo Walfrido, ex-ministro do Turismo,  
Empresários,  
Meus amigos e minhas amigas,

Eu não vou fazer o discurso para não repetir o que o Luiz já falou aqui.  
Fique tranquilo, Jackson Barreto, que não vou ler, vou guardá-lo aqui. Só  
queria dizer para vocês algumas palavras de agradecimento. Primeiro, ao



companheiro Walfrido, que foi o primeiro ministro do Turismo a existir no Brasil e que pôde despertar, junto ao setor empresarial, dentro do próprio governo e junto a setores da imprensa, que valia a pena a gente criar o Ministério do Turismo. Hoje, penso que nem os mais cétricos críticos daquele momento podem dizer que foi errado criar o Ministério do Turismo. O errado foi não tê-lo criado 20 anos atrás, para que a gente pudesse ter desenvolvido.

Quero lhe agradecer, Walfrido, pelo trabalho extraordinário que você prestou enquanto esteve à frente desse Ministério. Não saiu por minha vontade, não saiu por sua vontade, saiu porque as circunstâncias assim o exigiram.

Também agradecer, na própria ausência, à companheira Marta Suplicy. Lembro de que quando fui colocar a Marta como ministra algumas pessoas falavam: “Será que a Marta?” “A Marta tem dimensão de ser ministra do Turismo?” Hoje penso que todo mundo tem clareza do trabalho excepcional que a ministra Marta Suplicy fez no Turismo.

O terceiro é dizer para vocês que já estou cansado de ver o nosso querido ministro ser interino. Penso que vamos... No próximo ato que eu participar com vocês aqui, já vou poder... Vocês viram que não li “interino”, já falei ministro. É porque quero aproveitar a presença de vocês para não apenas comemorar a Lei, ele vai se tornar ministro definitivo. Vocês perceberam que se eu fosse colocar em votação, ele seria aprovado.

Eu penso que essa é uma área em que nós ainda precisamos nos descobrir mais. Essa é uma área que teoricamente é tão fácil de trabalhar, que teoricamente parece tão simples, mas penso que ainda precisamos descobrir algumas coisas que acho que ainda não fizemos.

Eu viajo muito para os estados e acho, Barretto, que uma coisa que precisa-se fazer é convencer os nossos companheiros governadores que ainda não se convenceram, ou os nossos prefeitos, sobretudo das cidades que têm ponto turístico, a trabalhar essa coisa mais fortemente. Porque uma pessoa só



sai para visitar um lugar se ela tiver boas informações, se o lugar que vai visitar tiver alguma novidade, alguma coisa agradável, e se tiver facilidade para chegar neste lugar.

Se ficarmos imaginando que apenas o governo federal, através do Ministério, pode fazer tudo... É muito difícil. Ainda falei no tempo do Walfrido, quando começamos a colocar *fingers* nos aeroportos, que enquanto a gente estivesse passando no *finger*, tivesse as imagens das coisas mais bonitas de cada estado. A gente ainda não conseguiu, em muitos lugares.

É obrigação de cada governador, de cada prefeito das capitais onde têm aeroportos. Não custa nada contratar três, quatro, cinco, dez rapazes e moças, vestidos com roupas do local, entregando um folderzinho para o turista que está chegando: quais são os melhores restaurantes, os melhores hotéis, qual é a melhor praia, o melhor salão de baile, quais são as melhores coisas que têm. A verdade é que as pessoas saem do aeroporto, se trancam num hotel e ficam, às vezes, à mercê da falta de informações, podendo até comprar gato por lebre. Essa coisa não é apenas do Ministério, tem que ser uma coisa do principal interessado.

Não vou falar que só a Bahia faz, porque a Bahia, graças a Deus, é o único estado que fazia isso com perfeição. Eu me lembro que o governador de Santa Catarina criou um passaporte do turismo em Santa Catarina. Penso que é um movimento que deve ser de mobilização nacional para a questão do turismo neste país. As pessoas precisam perder o medo de viajar. A imprensa, certamente, vai colaborar de forma extraordinária, falando de lugares mais bonitos e de menos violência. Quem sabe isso ajude um pouco.

O dado concreto é que estamos no caminho certo. Penso que já andamos bastante, mas tenho certeza de que nem o Walfrido, nem a Marta e nem o Barretto ainda estão contentes com o que atingimos, apesar dos números serem altamente positivos, se a gente ficar comparando com um passado recente ou mais distante. O dado concreto é que a Lei é mais um



passo. Agora, é preciso muita publicidade e é preciso transformar os lugares... O Sebrae pode contribuir, gastar um pouquinho de dinheiro nessas coisas, não para fazer apenas um pequeno turismo, mas para fazer um grande turismo. Penso que se fizermos isso, poderemos colher a nossa meta para 2010. É pouca gente que vem ao Brasil ainda.

Acho que o Luiz Barretto precisa, junto com outros ministros, procurar os canais de televisão do Brasil que têm programação no exterior e conseguir colocar as coisas boas do Brasil nesta televisão. Apenas com bala perdida, com crime noticiados lá fora, é difícil trazer um turista para cá. Nós sabemos que tem tudo isso aqui e sabemos que tem nos outros países também, mas aqui, muitas vezes, nós só divulgamos o que é ruim. O que é bom fica para depois. Diferentemente de um ex-ministro que disse “nós só divulgamos o que é bom, o que é ruim a gente esconde”, aqui no Brasil, às vezes, divulgamos apenas o que é ruim e o que é bom se esconde.

Eu queria, Luiz, que fosse criado, nesses dois anos que nos faltam, mais do que um movimento: um processo de mobilização para ver o que falta a gente fazer concretamente para que nós nos conheçamos melhor, para que os brasileiros conheçam o Brasil, para que o cidadão, dentro do seu estado, conheça as suas cidades. E acho que nós poderemos gerar a quantidade de empregos que todos sonhamos criar neste setor que já formou, praticamente, 150 mil pessoas, e acho que poderemos formar muito mais.

Por exemplo, se alguém aqui nesta sala quiser saber o que tem de bonito em Aracaju, vai ter que perguntar para você ou para o (inaudível), porque não tem nada aqui que diga o que é Aracaju. Se quiser visitar Garanhuns, não tem uma propaganda de Garanhuns. Penso que estamos com ausência de uma boa política para a praia do turismo que diga respeito à motivação da sociedade. Quanto mais gente quiser viajar, mais vai ter novas agências de turismo, novos hotéis e mais pousadas.



Essa questão dos parques, que assinamos domingo em Petrópolis. Não adiantava mais ficar construindo parque nacional, reserva não sei das quantas e deixar aquilo sem ninguém tomando conta, sem acesso para as pessoas conhecerem e sem pousadas. Você termina evitando dar, quem sabe, até uma motivação pela qual você demarcou uma determinada área. Como o governo nunca sabe tudo, e certamente vocês, nas suas individualidades, nas suas experiências, nas suas empresas, sabem mais do que nós, era importante que vocês contribuíssem com sugestões, porque eu acho que falta alguma coisa ainda no turismo para dar uma grande desenvoltura nesta área.

Já acho bonito lançar em Nova Iorque, é chique lançar em Nova Iorque. A gente tinha vergonha de fazer as coisas lá fora, a gente sempre se comportava como pequeno: “eu sou pobrezinho, a Espanha tem muitos turistas, a França tem muitos turistas...” Lá você tem um continente rico, no qual se pode viajar até a pé. Aqui não dá para vir a nado. Nós temos que fazer muita coisa.

Quero dar os parabéns aos deputados e senadores que aprovaram a Lei. Quero dar os parabéns aos dois ministros que saíram e ao ministro que assumiu agora, definitivamente, a pasta do Ministério. E espero que quando eu deixar a Presidência, possa me transformar num bom turista, visitando os lugares bonitos que um presidente da República não pode visitar.

Um abraço. Boa sorte. E vamos ao trabalho.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de batismo da plataforma P-53**

**Rio Grande-RS, 18 de setembro de 2008**

Meus companheiros e companheiras da Petrobras,

Meus companheiros e companheiras trabalhadores e trabalhadoras do  
Rio Grande do Sul,

Meus amigos empresários que ajudaram a construir esta extraordinária –  
não sei se chamo de plataforma ou de sonda, mas, de qualquer forma, é uma  
plataforma.

Vim hoje a Rio Grande de forma muito prazerosa. Quando a gente teima  
que é possível fazer uma coisa, persiste, mantém muita perseverança, e  
consegue, é motivo para festejar e ficar feliz. Não sei qual será a foto publicada  
amanhã na imprensa brasileira, mas eu penso que é invejável, para qualquer  
país do mundo, saber que este país, que há seis anos afirmava  
categoricamente que não tínhamos tecnologia para fazer uma plataforma,  
consegue gerar um monumento extraordinário, motivo de orgulho para todos  
nós.

Quando estava sentado ali, que a televisão mostrava a foto da  
plataforma inteira... quando terminar este ato, seria importante que – pelo  
menos a imprensa oficial – todos os trabalhadores pudessem ficar de pé para  
bater uma foto, para que a gente pudesse fazer disso um monumento ao  
orgulho do povo brasileiro, um monumento à criatividade do povo brasileiro.

Quero agradecer à engenharia brasileira. Hoje ela é motivo de orgulho,  
mas, seis anos atrás, nós travamos um debate neste país, se a engenharia  
brasileira tinha ou não condições de fazer isso. Não foi um debate menor. Foi  
um debate em que eu utilizei muito a minha relação de amizade com os



engenheiros da Petrobras – com os aposentados e com os da ativa – utilizei muito a força e a vontade dos trabalhadores e do Sindicato dos Metalúrgicos – sobretudo do Rio de Janeiro, quando tinha uma indústria naval mais forte – e utilizei o Sindicato dos Empresários da Indústria Naval para fazer esse debate. Vejam que esta plataforma consegue superar aquilo que nós mesmos preconizamos, quando decidimos fazê-la. Decidimos fazer uma plataforma com pelo menos 65% de componentes nacionais, e esta plataforma chega a 72% de componentes nacionais, o que é uma coisa exuberante. Significa que, a partir desta, nós poderemos fazer muitas mais.

Eu penso que é assim que a gente constrói uma nação. Uma nação, uma comunidade, uma família, a gente só constrói se acreditar, se persistir, e se demarcar o limite das coisas que queremos alcançar. Sem essa determinação, nós não vamos a lugar nenhum e não passaríamos de um país grande e importante, mas chorão. Há muito tempo eu tenho dito, nos fóruns internacionais, que eu não debito a pobreza a que este país ficou submetido por um século aos outros países. É muito fácil fazer um discurso e dizer que a nossa miséria é por causa dos Estados Unidos, da União Européia, por causa de alguém, que não nós mesmos. É importante que a gente assuma a meã culpa e saiba que neste país nós já tivemos ótimas oportunidades como esta que estamos tendo agora, e jogamos fora. Jogamos fora porque neste país a expressão “distribuição de renda” era proibida. Pobre era um objeto eminentemente estatístico e eleitoral em época de eleição, não era tratado como cidadão brasileiro à procura de uma chance e de uma oportunidade.

Descobrir essas coisas é o que determina o perfil de uma nação, é o que nos garante andar de cabeça erguida pelo mundo dizendo que não estamos pedindo favor. O que nós queremos é construir associações e parcerias que permitam a este país, com os seus próprios recursos, se desenvolver e gerar aquilo que todos nós sonhamos, que é a riqueza a ser distribuída a todos os brasileiros. Se a gente não fizer assim, vamos repetir erros clássicos, de



momentos em que a economia brasileira chegou a crescer 14% ao mês e a renda não era distribuída, os ricos ficavam muito mais ricos e os pobres ficavam muito mais pobres.

Hoje eu estava lendo um papel, que passei para as mãos do José Sérgio Gabrielli, são os dados da Pnad, anunciados pelo IBGE hoje. E com muito orgulho eu posso dizer para vocês que melhoraram todos os indicadores sociais: melhorou a renda, o número de empregos, o crescimento da indústria e a perspectiva deste país. Eu poderia dizer, olhando para todos vocês, que melhorou a auto-estima do povo brasileiro e melhorou a nossa perspectiva de futuro. A partir de agora, nós temos que continuar fortalecendo essas coisas que estão dando certo.

Tem uma crise nos Estados Unidos, que vocês estão acompanhando pela imprensa. Uma crise muito forte, que tem levado a maior economia do mundo a sobressaltos extraordinários. Eu vejo, com uma certa tristeza, bancos muito importantes que passaram a vida dando palpites sobre o Brasil, que passaram a vida dizendo o que a gente deveria ou não fazer, que passaram a vida medindo o risco deste país, que passaram a vida fazendo propaganda para investidores sobre se o Brasil era ou não confiável - era como se eles fossem os superinteligentes, e nós os supercoitados - é com muita tristeza que esses palpiteiros estão quebrando, estão entrando em concordata. Na verdade, determinaram nos últimos anos, no mundo, não que o capital pudesse circular livremente pelo mundo, gerando empregos e riqueza. Mas determinaram que a especulação financeira, o cassino do sistema financeiro internacional pudesse determinar a lógica da economia.

Nós, no Brasil, vivemos um momento ímpar. Não que não estejamos preocupados, estamos. Estamos preocupados por que quando eu fico sabendo que um companheiro na minha cidade ficou com dengue, eu tenho que me precaver para que também não pegue dengue. E como os Estados Unidos são a maior economia do mundo, é o maior país importador do mundo, nós temos





que estar preocupados com o que está acontecendo lá. Se houver uma recessão nos Estados Unidos, isso poderá trazer prejuízos a todos os países do mundo.

Eu perguntaria aos nossos queridos empresários, ao (inaudível), nosso presidente da Federação dos Empresários do Rio Grande do Sul: se fosse há oito anos, como estaria o Brasil com essa crise americana? Certamente, nós já teríamos quebrado. Hoje, graças ao sacrifício que fizemos em 2003, graças ao sacrifício que fazemos quando temos que fazê-lo... Quem governa um país tem que saber, claramente, que sua vida não é só de aplausos, que tem momentos adversos. Eu sei que trato isso como trato de um filho. Não importa que o filho chore, não importa que reclame, não importa que bata o pé. Se tiver que dar um remédio amargo para ele sarar, a gente tem que enfiar o remédio na boca dele, senão ele morre. E o País é assim. Em economia não tem mágica: ou a gente toma as decisões certas no momento certo, ou vai amargar os dissabores de ter sido covarde e de não ter tomado as atitudes corretas no momento correto.

Quantas vezes um dirigente sindical decreta uma greve e depois não sabe como pará-la? Quantas vezes ele está vendo que o trabalhador está perdendo a cada dia e ele não tem coragem de falar: “companheiros, vamos voltar a trabalhar. Essa nós perdemos. Vamos nos organizar para fazer uma melhor no ano que vem”? É muito simples decretar uma greve, e é muito difícil encarar os trabalhadores e dizer: “vamos voltar a trabalhar que nós perdemos essa”. Não é todo dirigente que tem coragem, da mesma forma que não é todo dirigente que tem coragem de fazer as coisas no momento certo.

Este país teve um sucesso extraordinário. Durante 30 anos nós fomos a economia que mais cresceu no mundo. Entretanto, na hora em que fomos espremer o resultado desse crescimento, nós tínhamos milhões de brasileiros marginalizados, com 100 anos de atraso na nossa educação, com 100 anos de atraso em investimentos em ciência e tecnologia. Tudo isso precisa ser



recuperado urgentemente para que nós sejamos uma nação competitiva. Neste mundo globalizado quem não estiver preparado, quem não tiver conhecimento, quem não tiver investido em ciência, tecnologia e muita pesquisa, vai ficar para trás.

Podem ficar certos de que esta vai ser uma fotografia que vou levar na minha pasta. Aonde eu chegar no mundo e disserem “o Brasil não pode fazer”, está aqui para vocês. Nós podemos fazer esta e a de vocês. É só vacilar que a gente pode fazer muito mais.

Este momento que estamos vivendo é um momento singular. Nós temos aproximadamente 207 bilhões de dólares de reservas, que é um colchão importante para a gente enfrentar a crise; a nossa economia não depende mais do fluxo da balança comercial com os Estados Unidos, embora ainda tenhamos um fluxo comercial grande. Há dez anos, os Estados Unidos representavam acima de 26 ou 27% daquilo que a gente exportava, e hoje representa 15%. Nós, hoje, diversificamos a nossa relação comercial com a América Latina, com a África, com o Oriente Médio, com os países asiáticos. Hoje somos mais independentes nessa relação comercial. Isso nos permite ter mais flexibilidade e, ao mesmo tempo, ficar de olho, acompanhando o que está acontecendo na economia mundial. A economia americana em crise vai causar problemas em alguns lugares. Estou convencido de que o Brasil será um país que sofrerá muito pouco caso haja uma recessão profunda nos Estados Unidos.

Não vamos ficar esperando as coisas acontecerem. Anunciaram, esses dias, a crise dos alimentos: aumentou o preço da soja, do feijão, do leite. Diziam que era uma inflação internacional, e era uma inflação mundial por causa das commodities. Eu dizia: em vez de ficarmos chorando a inflação mundial, a falta de alimentos, nós vamos produzir alimentos. Anunciamos o maior programa de financiamento da agricultura brasileira, que foi aprovado agora pela Câmara dos Deputados, e anunciamos o financiamento de 25 bilhões de reais até 2010, para financiar 60 mil tratores e 300 máquinas



agrícolas para a agricultura familiar, para dobrar aquilo que nós produzimos e que o nosso povo come.

Em vez de ficarmos chorando as desgraças, temos que nos insurgir contra elas e nos contrapor para fazer alguma coisa. Afinal de contas, eu tenho certeza de que, aqui, ninguém nunca ganhou nada de graça. Cada coisa que a gente ganha é se matando de trabalhar, é se matando de batalhar. O País, durante um tempo, acreditou que a gente poderia ser grande e potente se se desfizesse de todo o patrimônio público. Chegaram até a tentar mudar o nome da Petrobras, achando que era mais chique. Vocês sabem o que foi vendido neste país.

Eu digo sempre o seguinte: numa crise de desemprego, em 1965, fiquei um ano e quatro meses parado. Aqui deve ter gente que já ficou esse tempo parado. Não tem nada pior na vida de um homem do que não ter, no final do mês, dinheiro para levar o leite e o pão para cuidar da sua mulher e da sua família. Não tem nada mais grave do que um ser humano se levantar pela manhã, olhar para a mulher, olhar para o fogão, olhar para um filho, e saber que naquele dia ele não tem dinheiro para comprar a comida de cada dia.

Nessa crise de 1965, eu dizia: em crise, a gente não vende nada. Se a gente vender alguma coisa em crise, vai vender mais barato. Se o comprador de alguma coisa souber que você está com a corda no pescoço, por uma coisa que vale dez, ele oferece um; por uma coisa que você oferece por um, ele oferece 0,1. Então, se você tiver que se desfazer de uma coisa, espere um momento excepcional, porque tudo valoriza. O pessoal dizia: “Lula, você está desempregado, por que não vende a geladeira? Por que não vende o fogão?” E eu nunca aceitei a idéia de que, para resolver um problema, eu tivesse que criar outro.

O Brasil, teve um tempo em que a gente tinha problemas no nosso saldo de pagamentos, e ele resolveu vender todas as empresas. Não vou dizer quais, mas quase que a Petrobras é privatizada. Nós temos 62% de ações vendidas,



não é isso? O governo só tem 35% das ações. Trinta e oito. Ainda bem que não tiraram o direito de o presidente da República indicar o presidente da Petrobras e a diretoria, porque senão seriam indicados pela Bolsa de Nova Iorque. Nada contra que a gente tenha ações na Bolsa de Nova Iorque, na Bolsa de Tóquio, na Bolsa de Pequim, na Bolsa de Garanhuns, mas a verdade é que uma empresa como esta é estratégica para a construção da soberania de um país.

Nós, agora, encontramos pré-sal, ou seja, petróleo e gás que estão a 6, 7 mil metros de profundidade. Vamos ter que fazer investimentos muito grandes para dominar toda a tecnologia e trazer para cá esse petróleo e esse gás, para transformá-los em mais educação, mais empregos, mais comida, mais ciência e tecnologia, mais saúde. É preciso que o resultado dessa riqueza toda seja partilhado entre todos, porque senão alguns ficarão mais ricos e a outra parte continuará mais pobre.

Acho que essa é uma dádiva de Deus para a gente consertar algumas das coisas que estão erradas neste país. Os bolsões que a nossa geração herdou de outras gerações, que não cuidaram do analfabetismo quando precisavam ter cuidado, que não fizeram a reforma agrária quando precisavam ter feito, que não fizeram a formação profissional quando precisava ser feita... Durante mais de 20 anos, este país não fez uma fábrica de cimento, não construiu um alto-forno. Este país estava quase desacreditado de si mesmo.

A cara do País é o otimismo do dirigente, é a cara dos trabalhadores. O otimismo de um país é a disposição dos empresários. Este país não tinha crédito. Quando entramos no governo, o Banco do Brasil tinha 59 bilhões de reais disponibilizados para crédito. Hoje, são mais de 250 bilhões. A Petrobras, José Sergio... eu acho que você deveria repetir sempre esses números, porque as pessoas falam que a Petrobras teve sorte. Ela não teve sorte, o que ela teve foi comando, o que ela teve foi competência. Quando nós chegamos, ela investia US\$ 250 milhões de dólares por ano em pesquisa. A última refinaria foi



feita em 1980, 26 anos sem fazer uma refinaria. Ela investia 250 milhões por ano em refino, e agora está investindo 250 milhões por mês.

Pobre não entrava em banco neste país. Quando nós criamos o crédito consignado, quando criamos a bancarização, que permitia a um catador de papel entrar na Caixa Econômica e abrir sua conta bancária, tinha gente que torcia o nariz: “onde já se viu, este Presidente querer que pobre entre em banco? Onde já se viu, aposentado ter crédito?” Hoje o maior crédito de pessoa física neste país é exatamente o crédito consignado, quase R\$ 80 bilhões emprestados para os pobres deste país, que nunca tinham tido chance de ter crédito bancário. É por isso que a gente é capaz de construir.

O Lobão disse bem, quando eu vim aqui, de outra vez, a maioria dos trabalhadores que vinham me cumprimentar diziam: “Lula, o que a gente vai fazer depois? O que a gente vai fazer depois?” Eu voltei para Brasília com uma inquietação na cabeça e falei: José Sérgio, o que a gente vai fazer depois? Cria-se um monumento como este, traz profissionais inclusive de outros estados, gera mão-de-obra qualificada aqui e depois, se não coloca nada no lugar, o que vai acontecer? Serão trabalhadores especializados desempregados porque não tem navio, não tem plataforma e não tem (inaudível) para construir.

Graças a Deus... era para eu ter vindo uns dias antes aqui, mas eu falei: só vou lá quando a gente definir a P-55, porque a gente vai tirar uma e encostar outra, para que os trabalhadores continuem levando o pão de cada dia para casa, com o suor do seu trabalho.

Nós ainda temos muita coisa para fazer. É importante a gente ter claro que estamos só começando. Mas se tudo acontecer como o José Sergio Gabrielli pensa, como a diretoria da Petrobras pensa, como o povo brasileiro pensa e como eu penso, a gente vai transformar este país. Primeiro, vamos fortalecer a nossa Petrobras; segundo, vamos ter uma indústria petrolífera muito forte no mundo; terceiro, vamos fortalecer ainda mais a nossa indústria



petroquímica; e quarto, nós temos que cuidar com mais carinho do povo brasileiro. Eu acho que a palavra não deveria nem ser “governar”, mas cuidar. Nós temos que cuidar deste povo e deste país com o carinho que nós não tivemos durante décadas, décadas e décadas. Essa é a grande chance. Eu acho que Deus está de férias no Brasil, eu acho que ele passou mais tempo aqui desta vez, porque a cada dia a Petrobras anuncia mais um pouquinho de petróleo, mais um pocinho, cada vez mais fundo. Eu brigo com o José Sergio Gabrielli que a Petrobras vai ser processada em um tribunal internacional, porque a qualquer dia destes vai tão fundo que vai trazer um japonês na broca, na sonda. Meus amigos japoneses que tomem cuidado, ponham um capacete, porque quando virem algo estranho lá, não é um disco voador não, é a tubulação da Petrobras procurando petróleo em águas profundas.

Por último, eu quero agradecer ao nosso magnífico reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, João Carlos, que veio me comunicar que o Conselho de reitores aprovou o título Doutor Honoris Causa para mim. Chique, mas eu disse para ele que eu tomei uma atitude já há algum tempo: agradeço de coração e, se for mantido, virei receber depois que deixar a Presidência da República. Enquanto Presidente, eu não quero receber nada, porque vai que depois que eu deixar de ser Presidente eles não queiram mais dar o título? Eu quero dar essa liberdade para as pessoas agirem livremente e, também, porque eu não acho correto um presidente da República ficar recebendo, no exercício do mandato, um título, por mais motivo de orgulho que me dê o título. Quero que você diga aos nossos companheiros da universidade que eu me sinto orgulhoso e que, se Deus quiser, virei logo em 2011, aqui, buscar o meu título para ficar tão orgulhoso quanto estou agora vendo essa plataforma aqui.

Por fim, quero dizer a vocês que nós temos que acreditar que o País finalmente se encontrou com o seu destino. Eu discuto muito com as pessoas, ouço muita gente, converso muito sobre economia e fico imaginando o que



pode acontecer amanhã, depois de amanhã, porque tenho clareza que nós nos encontramos com o nosso destino, com a vocação deste país. Queria pedir a compreensão dos empresários, dos trabalhadores, de que a hora é para a gente jogar para cima, de acreditar na gente, de achar que não somos melhores do que ninguém, mas também que não somos inferiores a ninguém.

Nós estamos dispostos, inclusive, a cuidar melhor das nossas Forças Armadas. A Marinha joga um papel importante para proteger o nosso pré-sal, porque os homens já estão aí com a 4ª frota quase em cima do pré-sal. Então, a nossa Marinha tem que ser a guardiã das nossas plataformas em alto-mar para fiscalizar esse patrimônio, porque daqui a pouco chega um espertinho aí e fala: “Isso é meu, está no fundo do mar mesmo, ninguém sabe, isso é meu”. E agora que tem uma sonda que fura verticalmente, depois vai na horizontal 5, 6 km, nego, lá do país dele, vai tentar pegar o nosso petróleo aqui. Nós temos que tomar conta, eu sei que são só três metros de lâmina d’água, mas, se for preciso, nós mergulharemos e vamos lá no fundo buscar esse negócio.

Estou orgulhoso, sinceramente, estou orgulhoso. Estou orgulhoso por vocês, trabalhadores, pelos empresários brasileiros, pela nossa engenharia, por esta plataforma extraordinária, pela Petrobras, pelos números da PNAD, que são bons para o País. Estou muito orgulhoso que daqui a algum tempo... Quanto tempo, Sergio Gabrielli? Daqui a um ano e pouco, dois anos, vamos vir jogar a P-55 no fundo do mar e, quem sabe, a P-56, 57, 58...O importante é que a gente continue numa política de ascensão para que possamos transformar um dique seco ou um estaleiro numa linha de produção, para que quando um estiver fazendo uma coisa, já tenha outra esperando, de preferência aumentar os estaleiros, os diques-secos, para que a gente possa construir mais e produzir mais.

Todo mundo sabe que esses dias eu disse para o Roger Agnelli... Ele está encomendando 12 navios de 400 mil toneladas, lá na China. Eu falei: Roger me desculpe, mas uma parte desses navios nós vamos ter que fazer no



Brasil, porque não é possível que, precisando gerar emprego como estamos precisando, precisando melhorar salário como estamos precisando, nós vamos gerar emprego lá fora! Se você quer fazer uma parte lá, faça, mas uma parte tem que ser feita aqui, porque somente assim nós vamos convencer os empresários a fazer novos estaleiros, cada vez maiores, novos diques-secos, cada vez maiores, vamos ter mão-de-obra cada vez mais qualificada e o País, cada vez maior.

Um grande abraço, que Deus nos abençoe e viva a P-53.

(\$211A)





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da exposição “Paracas – Tesouros Inéditos do Peru Antigo” e outorga da Ordem do Mérito Industrial**

**São Paulo-SP, 18 de setembro de 2008**

Meu caro companheiro e amigo Alan García, presidente da República do Peru,

Minha companheira Marisa,

Senhoras e senhores ministros do Peru,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, em nome de quem cumprimento todos os demais ministros e ministras brasileiros presentes,

Senhores parlamentares federais,

Senhor Paulo Skaf, presidente da Fiesp,

Senhores presidentes dos governos regionais peruanos,

Senhoras e senhores membros do corpo diplomático,

Senhoras e senhores integrantes das delegações brasileiras e peruanas,

Meus amigos e minhas amigas,

Prometo, Alan, que falarei muito pouco porque esta deve ser uma noite de homenagem ao Peru. Já vimos duas belas exposições e penso que é muito importante que os empresários brasileiros te ouçam. Mas eu não poderia deixar de falar um pouco para os empresários peruanos que estão aqui. Não vou ler o meu discurso, apenas direi poucas palavras.

Penso que, finalmente, a América do Sul começou a se descobrir. Fico imaginando quanto tempo perdemos achando que todas as soluções para os nossos problemas estavam do outro lado do Atlântico. Fico imaginando quanto tempo perdemos e por isso, ainda hoje, não somos um continente mais



desenvolvido, mais justo e mais solidário. Na verdade, ficamos de costas uns para os outros muito tempo. Nos últimos anos, desde a criação do Mercosul, começamos uma virada muito acanhada, muito tímida, nessas relações entre os países da América do Sul. Havia muita gente que não acreditava, havia muitos artigos dizendo que era quase inútil dar preferência às relações com os países da América do Sul. Afinal de contas, até na própria casa da gente, no cotidiano da nossa vida, tem muita gente que não gosta de ter relação com os parentes pobres. É melhor ter relações apenas com os parentes mais ricos.

Mas chegou um momento em que descobrimos que, apesar de quisermos ter relações extraordinárias com nossos irmãos mais ricos, seria importante que descobríssemos as similaridades entre nós, as oportunidades entre nós, as chances que nós mesmos poderíamos oferecer uns aos outros. E descobrimos na hora certa. Descobrimos que o Brasil tem, através do Peru, uma dezena ou centena de oportunidades para que os empresários brasileiros façam investimentos no Peru, para que os empresários brasileiros construam parcerias com os empresários peruanos, para que empresários peruanos façam parcerias e investimentos com empresários brasileiros no Brasil, para que possamos explorar todo o potencial na área de energia, para que possamos explorar todo o potencial da navegação nos mais extraordinários rios que ligam os dois países, para que a gente possa experimentar a grandiosidade da cultura peruana, para que a gente possa experimentar a extraordinária culinária peruana e para que o Peru possa experimentar aquilo que o Brasil tem de melhor.

Já avançamos muito, mas temos condições de avançar muito mais. Hoje, temos uma relação com a América do Sul acima da relação que temos com outros países importantes como os Estados Unidos, se somar toda a América do Sul. Por que isso é importante? Se bem que o Peru quer dobrar a sua exportação para os Estados Unidos, e o Brasil quer dobrar a sua para os Estados Unidos. Mas enquanto não conseguimos dobrar as nossas



exportações, estamos aprendendo que quando descobrimos os nichos de oportunidades existentes nos nossos países e começamos a fazer negócio e a explorar aquilo que temos a oferecer uns aos outros, ficamos mais independentes, diversificamos mais as nossas relações políticas, econômicas e comerciais.

O presidente Alan sabe que sou um defensor quase que fanático da integração da América do Sul. Durante muitas décadas, a integração foi um discurso eminentemente ideológico, um discurso em que não havia gestos práticos que dessem seqüência àquelas vontades expressadas. A integração, muito mais do que um discurso, significa rodovias, pontes, linhas de transmissão, produção energética, ferrovias, aumento de comércio e incremento das atividades culturais, coisas que não estávamos muito habituados a fazer.

Hoje, estou convencido de que depois da visita que os empresários brasileiros fizeram ao Peru no ano passado, depois da visita que os empresários peruanos fizeram ao Brasil no dia de hoje, depois das conversas que os nossos ministros estão tendo, seja no Peru ou seja no Brasil, poderemos dobrar o fluxo da balança comercial muito mais rapidamente. E dobrar o fluxo da balança comercial fazendo com que os brasileiros compreendam que a boa e correta ação comercial é transformá-la em uma via de duas mãos, em que a gente possa comprar e vender para que haja um equilíbrio na balança comercial e todos os países se sintam ganhadores. Quando só um se sente ganhador, começamos a ter problemas políticos.

E o potencial do Peru? Com a criação e a construção da Interoceânica, podendo fazer com que o Brasil tenha acesso ao primeiro porto de grande calado para ter acesso ao Pacífico, para que o Brasil possa desenvolver toda aquela região do Peru e desenvolver toda a região do Brasil. Isso só será possível na hora em que criarmos canais, agências e bancos de fomento que possam ajudar a financiar esses projetos. Muitas vezes, temos muita vontade,



mas não temos dinheiro. Muitas vezes, temos muita vontade, temos dinheiro e não temos projetos. Agora, temos projeto, temos dinheiro e temos vontade política. Certamente, não temos a quantidade de dinheiro que gostaríamos de ter, Peru e Brasil, para fazer os investimentos que necessitamos, mas certamente estamos fazendo em pouco tempo o que não foi feito durante quase todo um século entre os dois países.

Penso que a integração do continente Latino-Americano passa por construirmos, primeiro, uma definição clara de que somente com muita democracia, com muita paz e com muito desenvolvimento, vamos construir um mundo justo com o qual todos nós passamos a vida inteira sonhando; passa pelo fato de compreendermos a autodeterminação dos povos – cada país é dono do seu destino e nenhum país pode querer ter ingerência no destino do outro – passa pelo fato de construirmos, como fizemos agora no Chile – no caso da Bolívia – definições de consenso, onde ninguém ganha e ninguém perde, todos ganham ao mesmo tempo ao construir decisões que são consensuadas entre nós e que permitem que a gente continue acreditando que a integração do Continente, com a criação de um Parlamento – que um dia haverá de acontecer para toda a América do Sul – possa permitir que a gente discuta política com a tranquilidade que outros países e outros continentes já discutem.

Meu caro amigo Alan García, eu sou um otimista inveterado. Já viajei pelos países da América do Sul mais do que muitos presidentes viajaram em meio século no Brasil. Viajo porque acredito que o potencial de possibilidades para os nossos empresários é muito maior do que eles possam imaginar.

O Paulo Skaf se lembra que quando fui a Angola pela primeira vez fiz, não uma crítica, mas disse que era importante que os empresários brasileiros não tivessem medo de virar empresas multinacionais, não tivessem medo de crescer. E isso foi publicado aqui, no Brasil, como se eu estivesse fazendo uma crítica aos empresários brasileiros. Na verdade, era mais nobre do que uma



crítica, era uma provocação. Era uma provocação para as pessoas não terem medo de crescer, não terem medo de prospectar novas oportunidades, para a gente sair daquela mesmice de ficar esperando que houvesse uma crise para reclamar do governo, ou de que houvesse dinheiro em abundância para que a gente fizesse os mesmos erros do passado, onde praticamente as pessoas dependiam do governo para muita coisa.

O Brasil mudou. Os empresários brasileiros mudaram, os trabalhadores mudaram. Penso que a política precisa mudar, e mudar para muito melhor. Acho que conseguimos encontrar o nosso denominador comum. O Brasil, hoje, está contribuindo para mudarmos a geografia comercial do mundo.

É verdade que ainda não conseguimos fazer o acordo que tanto sonhávamos na Rodada de Doha. Mas é verdade também que nunca estivemos tão perto de fazer o acordo, que ainda pode sair. É verdade também que os países mais pobres nunca tiveram a respeitabilidade que tiveram nas negociações acontecidas até agora.

Isso só acontece porque resolvemos dizer ao mundo que existimos. Isso só acontece porque empresários brasileiros estão construindo parcerias em todas as partes do mundo. Eu já fico até preocupado com a quantidade de empresas brasileiras em cada país da América do Sul, em cada país da América Latina, em cada país da África, e não só em países europeus, mas no Canadá, nos Estados Unidos. Nós ganhamos uma dimensão nova em que o Brasil não quer mais ser coadjuvante nesse cenário das políticas econômicas e desenvolvimento no mundo. Queremos ser artista principal, como o Peru quer ser artista principal.

O que estamos vendo aqui, hoje, é a construção de um cenário, de um cenário que não pára, porque já fizemos reuniões com empresários, e com outros presidentes também. Acabamos de fazer uma grande reunião com a Argentina, fizemos uma belíssima reunião na Colômbia. Pretendemos continuar viajando o Continente e fazendo reuniões com empresários brasileiros, levando



os empresários brasileiros, discutindo com os empresários dos outros países, para que a gente possa equilibrar o nosso comércio com o restante do mundo e abrir novas perspectivas de desenvolvimento e de parceria entre as nossas empresas.

Meu caro presidente Alan García, meu caro Paulo Skaf. Acabei de convidar o Paulo Skaf para chefiar a delegação de empresários brasileiros para ir à Itália em outubro deste ano. Outros empresários, como o presidente da Federação do Rio Grande do Sul, vão junto conosco a Moçambique. Vou entregar um “caminhão-cozinha” lá em Moçambique. Não tem sentido um presidente da República viajar e não aproveitar a oportunidade de levar grupos de empresários para negociarem com empresários dos países que o presidente está visitando.

Não sei quantas vezes um presidente da República marcou uma reunião com outro governo na sede da Fiesp. Não vou falar “nunca antes na história do Brasil”. Vou deixar vocês descobrirem, porque é exatamente isso que transforma a vontade política numa força motora, numa coisa que anda para a frente, numa coisa que consegue gerar desenvolvimento. Quando falamos em justiça social, em solidariedade, temos consciência de que tudo isso só pode ser alcançado se as economias dos países estiverem crescendo, se a renda do trabalhador estiver aumentando, se a venda no varejo estiver crescendo, se a venda no atacado estiver crescendo, se o povo estiver entrando no supermercado e comprando mais alimentos, roupas, calçados, aparelhos eletrodomésticos. É isso que conta, definitivamente, no crescimento econômico de um país e na possibilidade de os governantes fazerem a justiça social que tanto preconizamos nas nossas campanhas políticas.

Quero terminar dizendo a você, meu caro Alan García – já tinha dito isso em Lima e vou repetir aqui – eu acho que a história da relação política, comercial e econômica entre Peru e Brasil será contada antes das nossas visitas e depois das nossas visitas, porque acho que aprendemos a nos



enxergar, nos descobrimos e percebemos que entre nós temos oportunidades extraordinárias que em outros lugares a gente não teria.

Quando vocês descobriram essa riqueza arqueológica extraordinária, de 100 anos antes de Cristo, fica provado que aqui neste Continente houve momentos em que gente da mais alta inteligência já era capaz de fazer coisas que hoje nós, quem sabe, não saberíamos fazer, a não ser se usássemos o computador.

Se fomos capazes de fazer aquilo antes de Cristo, se eu fui inaugurar hoje a P-53 lá em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, e não tinha dimensão, sobrevoando de helicóptero, do que é uma plataforma para fazer prospecção de 180 mil barris/dia... é maior do que todos os navios em que você já andou, Benjamin, muito maior, com muito mais ferro e, certamente, sem nenhum conforto.

Se somos capazes de produzir uma coisa rica como esta exposição do Peru, se somos capazes de produzir avião, se somos capazes de produzir uma plataforma que até cinco anos atrás diziam que não tínhamos condições, do que não seremos capazes, Alan, se a gente acreditar e permitir que o nosso povo acredite na nossa integração?

Quero te agradecer, companheiro, de coração, porque esta sua visita foi um desafio que eu fiz, um apelo a você, um desafio ao amigo Paulo Skaf. Está provado que a nossa querida Fiesp não se reúne apenas para analisar as reuniões do Copom, mas que se reúne para discutir o futuro deste país e o futuro da integração.

Muito obrigado e felicidades, Alan.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração de prédios do campus da Ufersa, assinatura de protocolo para implantação de refinaria em Guamaré e inauguração da Termoçu Mossoró-RN, 19 de setembro de 2008**

Minha querida amiga e governadora do estado do Rio Grande do Norte, Wilma Maria de Faria,

Meu amigo Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal, Ministros Fernando Haddad, da Educação, e Edison Lobão, de Minas e Energia,

Meu caro Iberê Ferreira de Souza, vice-governador do estado do Rio Grande do Sul, do Norte,

É que ontem eu fiz uma coisa tão bonita no Rio Grande do Sul, que estou com o Rio Grande do Sul na cabeça. Depois eu explico o que fiz lá ontem.

Deputados Betinho Rosado, Henrique Eduardo Alves, Professor Josivan Barbosa Menezes, magnífico reitor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, em Mossoró,

Meu caro Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras, Ruy Pereira, secretário de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte, Meus amigos e minhas amigas diretores da Petrobras, secretários estaduais, secretários de governo, vereadores, possíveis candidatos que estão por aí espalhados, que ninguém sabe quem são,

Trabalhadores e trabalhadoras do Rio Grande do Norte e de Mossoró,

Se eu fosse assumir um papel verdadeiro e pudesse retratar o sentimento do povo de Mossoró que está aqui nesta manifestação, e se vocês estivessem com o estômago vazio como está o meu, a gente diria “palavras





não enchem barriga. Vamos comer, que está na hora”. Mas como vocês são educados, generosos e sabem que eu vim de longe, vocês vão ficar com a lombriga maior comendo a menor por mais um tempo, enquanto eu posso prostrar com vocês um pouco.

Primeiro, meus amigos e minhas amigas, é motivo de orgulho estar mais uma vez em Mossoró e no Rio Grande do Norte, para poder conversar um pouco com vocês sobre coisas que aqui já foram faladas e, portanto, não preciso repetir, mas coisas que eu penso que precisamos falar, porque a política, para ser exercitada em toda a sua plenitude, precisa ser exercida com muito amor, com muita vontade e com muita disposição.

Se eu olhar para cada um de vocês, se olhar para as câmeras de televisão, se olhar para o Garibaldi e para a Wilma – um que já foi o governador e a outra que é a governadora – se olhasse até para os governadores que não estão aqui, mas que estão na disputa por este país afora, eu poderia dizer “que pena e que diferença dos governadores que passaram pelo governo antes de eu chegar à Presidência da República”. Não por mérito pessoal meu, mas por mérito nosso, porque não tenho dúvida em dizer que Wilma, sozinha, nos seus seis anos de mandato, deve ter recebido, em parceria com o governo federal, mais dinheiro do que o Garibaldi recebeu nos oito anos em que governou o estado do Rio Grande do Norte, com outro presidente da República, e quem sabe mais até do que Garibaldi, Agripino e o outro juntos.

Posso, meu caro presidente do Congresso, dizer para você, com a maior franqueza, que se você perguntar ao governador do estado de São Paulo o que ele recebeu do governo federal nesses dois anos de governo, foi mais do que o Mário Covas recebeu em seis anos de governo. Se você perguntar para a governadora Yeda, do Rio Grande do Sul, que está há dois anos no governo, ela certamente vai dizer que o Rio Grande do Sul recebeu mais dinheiro do governo federal do que os últimos dois governantes receberam em oito anos de



um presidente que era do partido deles. Pode perguntar para o Aécio Neves, ou para um vizinho nosso chamado Cássio Cunha Lima, que não é do meu partido, quanto ele recebeu no meu governo e quanto recebeu no governo passado.

Mas se não quiserem perguntar para os governadores, perguntem para os prefeitos. Perguntem para a prefeita desta cidade quanto ela recebeu de dinheiro no meu governo; perguntem para o prefeito da capital de São Paulo quanto dinheiro ele recebeu no meu governo; perguntem para o prefeito do Rio de Janeiro, que também não é do meu partido, quanto dinheiro ele recebeu no meu governo. E perguntem se eles receberam 10% disso em oito anos de outro governo neste país.

Um presidente da República tem que ser, antes de tudo, um republicano. Ele não tem que olhar a que partido político pertence quem está governando um ente federativo. Eu não quero saber se a prefeita é do DEM, do PMDB, do PSB, do PTB, do PT. Eu não quero saber se o governador é corintiano, flamenguista ou vascaíno, se é evangélico ou católico. Eu quero saber se o povo daquela cidade ou daquele estado tem necessidade de receber investimentos.

É por isso que este país está dando certo. É porque eu não tenho um olhar mesquinho, um olhar partidário. Eu aprendi a ter um olhar brasileiro, porque tive a humildade de perder três eleições seguidas e não deixar amontoar no meu coração uma única gota de ódio ou de raiva contra quem quer que seja. Fiz das minhas derrotas os ensinamentos e os aprendizados que eu precisava ter para hoje estar aqui conversando com vocês. Foi na campanha de 1989, Wilma, que eu descobri por que o Brasil tinha regiões com tratamentos tão diferenciados; foi na eleição de 1989 que eu descobri como se monta a eleição de presidente da República neste país sem a participação da grande maioria do povo; foi na campanha de 1989 que eu aprendi a maior lição da minha vida: se eu quisesse ser presidente da República deste país, eu



precisaria conhecê-lo.

Aí, comecei a viajar este país, passei por aqui. Foram mais de 90 mil quilômetros de barco, de trem, de ônibus, de carro para percorrer cada quadrante deste país, olhar na cara do povo para, quando eu fosse eleito presidente da República – sabendo que eu tinha que receber reis, príncipes, presidentes, primeiros-ministros, todas as autoridades do mundo – eu tinha que ter firmado na minha cabeça “todos são importantes, mas o mais importante é olhar para o povo deste país, que há muitos séculos tinha sido esquecido”.

É isso o que me permite, orgulhosamente, estar aqui no dia de hoje, não para inaugurar um muro, mas para derrubar o muro da vergonha do atraso na educação deste país. Vim aqui para fazer aquilo que os outros, durante décadas, não fizeram, porque o Nordeste brasileiro nunca foi levado em conta nas grandes decisões nacionais, a não ser no governo Juscelino Kubitschek, quando resolveu criar a Sudene, para desenvolver o Nordeste brasileiro.

Tenho consciência de como se tomam as decisões neste país, tenho consciência de quem determina, muitas vezes, as decisões presidenciais. Os grupos econômicos, quanto mais fortes, mais querem se apoderar do dinheiro do Estado brasileiro, e o povo pobre, para quem o governo deveria governar, às vezes nem consegue chegar perto do Palácio presidencial, e isso nós conseguimos mudar nesses oito anos de governo. Lá no Palácio do Planalto entra quem for brasileiro, entra quem quiser falar mal do governo, e entra também quem quiser falar bem do governo. O importante é que a gente reconheça que quando Deus, na sua grandeza onipotente, nos fez seres racionais, Ele nos colocou duas orelhas para a gente ouvir mais do que falar. E os políticos falam mais do que ouvem neste país, por isso, as coisas andam mais devagar do que deveriam.

Tenho dito publicamente que quando deixar o meu mandato, no dia 31 de dezembro de 2010, entregarei, no dia 1º, para o próximo presidente da República – ou presidenta, porque pode ser um homem ou uma mulher –



registrado em cartório, tudo o que foi feito nos meus oito anos. Cada ministro terá que me entregar, registrado em cartório, cada centavo investido, cada metro quadrado de asfalto, cada escola, cada tijolo, cada aluno. Sabem para quê? Para que o novo presidente estabeleça um novo paradigma para este país, e aí, quando se sentar à mesa da Presidência, ele vai ter uma grande preocupação: está registrado em cartório. Se um cidadão que não tem diploma universitário governou este país e fez tudo isso, eu, que tenho diploma, tenho que fazer muito mais do que ele. É esse paradigma que eu quero estabelecer neste país.

Se cada presidente da República tivesse feito duas ou três universidades, nós já teríamos cem universidades. Se cada presidente da República tivesse feito três ou quatro escolas técnicas, a gente não teria tanta defasagem. O problema é que, muitas vezes, as pessoas conseguem o seu diploma e se esquecem de que o restante do povo também tem o direito de conseguir. Talvez seja essa a minha obsessão pela educação, porque eu não tive oportunidade, naquele tempo, de fazer uma universidade. O que estou fazendo hoje pelo País é o que deveriam ter feito por mim, e estou tentando recuperar, a duras penas, a defasagem educacional neste país, porque o Brasil não pode mais ser apenas exportador de minério de ferro, exportador de soja. Este país tem que ser exportador do conhecimento, da inteligência e da criatividade deste povo.

Quero, com muito orgulho, prestar uma homenagem ao ministro Fernando Haddad. Foi este moço, então secretário-executivo do Ministério da Educação, que chegou ao meu gabinete com o ministro Tarso Genro – eu tinha pedido a eles uma solução para aumentar o número de alunos nas universidades – com um tal de ProUni. “Presidente, tivemos uma idéia. Está aqui o ProUni”. A primeira crítica que nós ouvimos sobre o ProUni foi: “O governo federal quer dar dinheiro para as universidades particulares”. Foi a primeira crítica.



Eu achei a idéia extraordinária. O ProUni, hoje, já está com 435 mil jovens da periferia deste país fazendo universidade. Agora, no vestibular, devem entrar mais 100 mil jovens para o ano que vem. Diziam que o que nós estávamos fazendo era nivelar o ensino por baixo. Depois de dois anos, todos os estudos provaram que parte dos melhores alunos das universidades eram exatamente os alunos do ProUni, porque eram jovens que tinham perdido a expectativa de estudar e que, ao pegarem uma oportunidade, a agarraram com unhas e dentes.

Depois dessa criatividade extraordinária do ProUni, no ano passado me apresentaram outra coisa extraordinária: o Reuni. O Reuni nada mais é do que dar um pouco mais de verba para as universidades, as universidades começarem a dar cursos à noite e, ao mesmo tempo, aumentar o número de alunos de 12 para 18 por professor, para colocar mais 400 mil jovens na escola pública federal brasileira nos próximos anos.

É por isso que esse número que o Fernando Haddad citou me enche de orgulho. Até 2003, nós tínhamos 113 mil novas vagas por ano nas universidades. Este ano serão 227 mil novas vagas, mais jovens entrando nas universidades, mais jovens da periferia virando doutores. Muito mais orgulho eu sinto quando vejo doutores que antigamente não vinham para o Nordeste porque não tinham possibilidade. Esses dias, cheguei em Manaus... contei para o Fernando Haddad. Cheguei e vi o ex-presidente da SBPC, sentado no salão em que estávamos fazendo o debate. Eu falei: será que é o Candotti? Era o Candotti. Sabem o que ele estava fazendo lá? Está morando em Manaus, dando aulas na Universidade Federal de Manaus.

Agora fiquei sabendo que aqui já tem 40 doutores de outros estados – de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul – numa demonstração de que o Nordeste brasileiro não é mais aquela coisa feia, está ficando encantador, e as pessoas já encontram aqui não apenas um mercado de trabalho, mas uma quantidade de jovens que podem se



transformar em doutores tão importantes quanto os mais importantes que nós temos nas grandes universidades deste país.

É por isso que estamos fazendo mais de 90 campi universitários, dez universidades novas, tem mais quatro no Congresso Nacional para serem votadas, e vamos fazer uma universidade afro-brasileira – metade de brasileiros e metade de africanos – para a gente começar a pagar a nossa dívida histórica com o Continente Africano, que durante 300 anos foi escravizado neste país. Vamos construir a Universidade da América Latina, com professores latino-americanos, com currículo latino-americano e com estudantes latino-americanos, lá em Foz do Iguaçu, para que a gente possa fazer a integração desses povos que têm similaridades. Afinal de contas, temos os mesmos problemas que os países latino-americanos, e temos um pouco... a beleza do Brasil é a mistura da nossa raça: europeus, índios, negros. Deu esta gente maravilhosa, alegre, que parece que só gosta de carnaval ou de samba – e de futebol quando a Seleção está jogando bem – este povo brasileiro que aprendeu a ser respeitado no mundo pela criatividade.

Então, fico prazerosamente satisfeito de poder vir aqui e dizer: mais um grupo de jovens vai poder estudar numa escola pública federal gratuita e de boa qualidade, que não está nivelada por baixo, está nivelada por cima. Da mesma forma, escolas técnicas. A minha paixão por escolas técnicas tem duas razões de ser. Sei a diferença entre um ser humano com profissão e outro sem profissão. Um cidadão que tem profissão tem 90% de chances de arrumar emprego em situações difíceis. Um cidadão que não tem profissão tem 10% de chances de arrumar emprego, mesmo quando a situação não é tão ruim, mas também não é tão boa. Quando você chega a um local para trabalhar e perguntam o que sabe fazer e você fala “um pouco de tudo”, está mentindo. É como um jogador de bola que vai entrar num time: “eu quero fazer um teste aqui no ABC”. O cara fala: “Em que posição você joga?” “Em qualquer uma”. Está mentindo. Ninguém joga em qualquer uma: ou joga numa ou joga noutra.



Um jovem, quando vai procurar emprego, perguntam “o que você sabe fazer?”, e ele fala “sou isso, sou aquilo”, pode não ter a vaga, mas o nome dele vai para uma ficha na empresa, para buscá-lo quando a coisa melhorar. E ele sabe que um dia vai ter emprego.

Sobretudo, as mulheres. As mulheres, a coisa mais fantástica nas mulheres é que elas estão aprendendo muito rapidamente – e você, Wilma, é uma das companheiras que tem ensinado – que quando a mulher tem uma profissão, é mais do que uma profissão, ela está tendo a sua independência, para ser tratada com respeito dentro de casa, para que o marido não seja aquele que acha: “Ah, porque eu coloco o dinheiro em casa, eu mando e desmando”. Se ela não trabalha, depende dele e tem um magote de filhos, vai ficar subordinada. Mas se ela trabalha e, às vezes, até ganha um pouquinho mais do que ele ou igual a ele, e ele chegar falando grosso, ela fala: “Companheiro, sabe por que estou junto com você? Porque gosto de você. Mas fala baixo aí, porque se falar alto vai ouvir também, aqui”. E as coisas ficam mais iguais e mais verdadeiras

Isso é a liberdade. É mais do que uma profissão, é liberdade. Eu digo todo dia, vocês já me ouviram dizer isso, e vou repetir: eu, por conta de um diploma de torneiro mecânico, um simples diploma de torneiro mecânico, fui o primeiro filho, de oito, a ter uma casa, um carro, uma geladeira, uma televisão, uma casa própria, por conta de uma profissão. E, depois, o reconhecimento de vocês foi tão grande que me fizeram presidente da República deste país.

Portanto, companheiros e companheiras, sei que ainda temos muita coisa para fazer. Afinal de contas, a gente não consegue resolver o esquecimento de um século em quatro anos, em oito anos, ou em dez anos, nem é possível fazer isso. Mas estamos com um bom começo.

Todo mundo sabe que o Nordeste já melhorou. Todo mundo sabe que as coisas estão melhorando. Mas todo mundo sabe que nós ainda temos uma dívida com o Nordeste brasileiro. É no Nordeste que tem o maior índice de



mortalidade infantil; é no Nordeste que a gente ainda tem o maior número de analfabetos adultos no Brasil; é no Nordeste que ainda temos alguma carência de pesquisadores, de doutores, de mestres; é no Nordeste que se investe menos em pesquisa.

Garibaldi, você é presidente do Senado, eu vou te dar um número: quando nós chegamos na Presidência da República, o BNB, que é o grande Banco do Nordeste, naquele tempo, em 2003, o BNB tinha disponibilizado para crédito em 2002, 260 milhões de reais. Sabe quanto temos disponibilizados este ano? Treze bilhões de reais para fazer crédito, neste país. No Brasil, graças a Deus, a dinastia economicista que governou este país durante 40 anos está perdendo lugar para outra coisa chamada engenharia. O economicismo está perdendo para o produtivismo. Nós, agora, estamos formando mais engenheiros, engenheiros estão dando mais palpite.

É por isso, José Sergio, que orgulhosamente... Você pode estar muito metido aí, porque foi escolhido pela revista The Economist, lá em Londres, como o “Executivo do Ano”, mas estou mais orgulhoso do que você porque este ano nós vamos criar 2 milhões e 200 mil empregos com carteira profissional assinada, neste país.

Há dois meses, começaram a falar de crise: “crise mundial de alimentos”. Eu só ficava olhando. Fui ao G-8. Estavam lá todos os presidentes dos países mais importantes, que a gente vê na televisão, parecem figuras intangíveis, a gente não chega perto. Eu cheguei lá e todo mundo: “A crise de alimentos, a crise de alimentos”. Eu falei: para nós, no Brasil, a crise de alimentos é uma oportunidade. Nós não estamos preocupados, porque vamos produzir. Voltei para Brasília, cheguei em Brasília, reuni o ministro da Agricultura, o MDA, o ministro da Fazenda, e decidimos o seguinte: contra a crise, mais produção; contra a crise, mais alimentação. Aprovamos uma linha de crédito de 25 bilhões de reais no BNDES para financiar 60 mil tratores e 300 máquinas agrícolas para a agricultura familiar deste país fazer uma revolução





na produção de alimentos. É assim que a gente vai vendo as coisas acontecerem; é assim que eu acho legal, que a cada vez que a gente faz um ato, as pessoas reivindicuem mais coisas, porque é da natureza humana. É da natureza humana querer cada vez mais: você conquistou dez, quer cinco, quer quinze, quer vinte.

Meu caro Garibaldi, minha querida governadora, eu acho que este estado, se continuar persistindo – com a visão do governo federal que nós temos –, penso que dentro de 10 ou 15 anos teremos o Brasil mais equilibrado, não haverá tantas diferenças entre Norte e Nordeste, Nordeste e Centro-Oeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. O Brasil precisa ser mais irmão, criar mais oportunidades para todos, permitir que as pessoas possam viver na sua terra natal dignamente. Se quiserem ir para São Paulo, vão fazer turismo; se quiserem vir de São Paulo para o Rio Grande do Norte, venham para pegar esta praia maravilhosa, 365 dias por ano, tomando água de coco. A pessoa não pode virar um nômade, viajando apenas à procura da sobrevivência. É por isso que nós estamos conscientes.

Vocês viram que a crise americana já está aí há algum tempo. A imprensa só fala nisso. Imagine, Wilma, se fosse dez anos atrás. Imagine se os Estados Unidos dessem o espirro que deram com essa crise imobiliária lá, certamente o Brasil teria pegado pneumonia. Agora, eles estão em crise. A imprensa, de vez em quando, fica doida: “Mas, presidente Lula, e a crise americana?” “Perguntem para o Bush. A crise é dele, não é minha”. Eu tenho que cuidar do meu país para não permitir que ele seja contaminado por esta crise, e é por isso que diversificamos a nossa balança comercial. Antigamente o Brasil tinha muitas coisas com a Europa e com os Estados Unidos – e ainda queremos ter – mas hoje nós temos mais com a América do Sul e com a América Latina, temos mais com a África, com o Oriente Médio, com a Ásia. Hoje não dependemos de um ou de dois países. Hoje nós temos um fluxo de balança comercial diversificado. Além disso, o FMI não está mais aqui para dar



palpite nas coisas que nós fazemos, e temos 207 bilhões de dólares de reserva, sagrados, para não permitir que este país seja vítima de especulação imobiliária ou financeira.

Por isso, gente, vou contar para vocês: quisera Deus que todos os governadores, todos os prefeitos e todos os presidentes do Brasil pudessem, todas as semanas, inaugurar um (inaudível) como este que estou inaugurando aqui na cidade de Mossoró; quisera Deus que todos os meses um presidente da República ou um governador pudessem receber a notícia de que vai ter uma refinaria no seu estado; quisera Deus que todo tempo o Brasil tivesse a safra de governadores e um presidente da República que estabeleceram, como padrão de convivência, a democracia, a harmonia.

Quero elogiar os governadores deste país, os prefeitos das capitais, de todos os partidos. Nós temos mantido uma relação extraordinária, é por isso que o PAC dá certo. A Wilma sabe porque foi chamada lá, mas junto com ela foram os principais prefeitos daqui do estado para discutir as coisas que tínhamos que fazer. Se os adversários estão preocupados porque as coisas estão dando certo, esperem para ver o que vai acontecer neste país até 2010, depois do pré-sal, depois do trem-bala, depois de as obras do PAC estarem sendo concluídas, como serão a partir do ano que vem. A partir do ano que vem, o meu desejo é andar por este país inaugurando obras. Você pode me chamar, Wilma, para inaugurar todas que tiverem aqui, inaugurar todas as escolas. Só escolas técnicas, no ano que vem, vamos inaugurar 100. Vamos inaugurar algumas universidades, e até 2010 inauguraremos todas. Já falei para o Fernando: não quero deixar nada que nós começamos a fazer, em educação, para 2011. Vamos terminar as nossas em 2010, e os outros que comecem outras em 2011, 2012 ou 2013. Se a sorte ajudar e acontecer o que estou pensando, nós não vamos ter problemas porque vai ter continuidade e as coisas vão melhorar ainda mais neste país.

Quero portanto agradecer, de coração, a cada um de vocês que não se



abateram pela fome, nem pela sede, muito menos se abateram com o calor. Tem gente que vai chegar em casa com bursite, de tanto abanar um paninho, assim.

Mas, de qualquer forma, quero dizer que o meu carinho por vocês certamente é o carinho de um pai, de um filho, de um irmão, de uma irmã, é o carinho de um companheiro. Há muito tempo intuí que não é possível um governante governar um país apenas com a sabedoria teórica da sua cabeça, e que para ele governar bem era preciso que ele juntasse a sabedoria do seu cérebro com a sabedoria do seu coração, porque somente assim ele ia sentir a emoção que este povo brasileiro tem, na sua alma, e que muitas vezes não é respeitada.

Um abraço. Que Deus abençoe todos vocês. E até a próxima visita a Mossoró.

(\$211A)

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do "IPS International Award 2007"**

**Nova Iorque-EUA, 22 de setembro de 2008**

Senti a sensação de estar recebendo uma medalha de ouro numa Olimpíada.

Quero cumprimentar o meu amigo Enrique Iglesias, secretário-geral Ibero-Americano,

Quero cumprimentar o Mario Lubetkin, diretor-geral da IPS,

Quero cumprimentar o Thalif Deen, chefe do escritório da IPS junto às Nações Unidas,

Meu amigo e ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim,

Amigos e amigas da imprensa,

Primeiro, quero agradecer à diretoria da agência de notícias, que me distinguiu com este prestigioso prêmio. A agência IPS surgiu há 44 anos para dar voz àqueles que não tinham voz. É interessante que quando criei o meu partido, nós dizíamos que o PT iria dar voz e vez aos trabalhadores brasileiros. Seu postulado básico é a crença no papel da informação como instrumento na luta contra a pobreza e a marginalização.

A Inter Press trouxe maior pluralismo e diversidade à imprensa internacional. Mantém até hoje seu compromisso de fazer da comunicação entre povos e nações uma via de mão dupla. A IPS é mais necessária do que nunca, no momento em que o diálogo Sul-Sul abre alternativas ao alinhamento conformista do passado.

Sabemos que um dos pilares da democracia é a liberdade de imprensa. Essa é uma lição que aprendi na dura luta contra o obscurantismo e o autoritarismo. Os órgãos de comunicação públicos são garantes do acesso pleno à informação. A disseminação da notícia não pode ser pautada exclusivamente por índices de audiência ou pela lógica empresarial. A liberdade de imprensa é uma garantia contra os desmandos do poder.

Ao trilharmos o caminho da justiça social, a pluralidade e independência das fontes são fundamentais para um diálogo democrático, equilibrado e esclarecido. O acesso livre e desimpedido à informação é também fundamental na luta para construir um mundo mais justo e próspero. A IPS dá chance àqueles que não têm poder para defender seus interesses e aspirações. É líder em assuntos como meio ambiente e direitos humanos, e preocupa-se com a cooperação internacional para o desenvolvimento. Não sem razão, no primeiro ano do nosso governo, o Brasil tornou-se o primeiro país do Sul a fazer parte do seu grupo mantenedor.

Meus amigos e minhas amigas,

Este prêmio também reconhece o empenho do Brasil em favor de uma ordem internacional mais equilibrada e democrática. Muitos não sabem que cancelamos mais de 1 bilhão e 700 milhões de dólares em dívidas dos países mais pobres; que participamos de numerosos projetos de cooperação Sul-Sul; que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária se instalou na África e em Cuba para ajudar a criar novas oportunidades produtivas; e que aprovamos vários projetos em favor de países pobres, por meio do fundo IBAS, juntamente com a Índia e a África do Sul.

Esse é o tipo de notícia que nem sempre é divulgado pela grande imprensa no Brasil e no mundo. Por isso, precisamos que a Inter Press sirva como exemplo e leve à criação de outras agências semelhantes.

Meu caro Mario, diretor da Inter Press,

Eu sou o resultado da democracia e da liberdade de imprensa. Eu não teria chegado à Presidência da República do meu país, não seria o que sou, se não fosse pela democracia e pela liberdade de imprensa. Não me importo quando a imprensa fala mal ou fala bem. Confio cegamente na inteligência do povo e tenho consciência de que o povo consegue distinguir a verdade da mentira. Ele sente nos olhos de quem está falando na televisão, sente na voz daquele que está falando em uma rádio, e percebe nas palavras dos jornais o que é verdade e o que não é.

Eu digo todos os dias no Brasil: o povo é um juiz sábio e soberano. Entre tudo o que acontece nos meios de comunicação no mundo, entre tantas verdades e inverdades, entre tantas coisas feitas de boa e de má-fé, eu tenho a

convicção de que o conjunto da sociedade consegue separar o joio do trigo. No fundo, no fundo, o que vai sobrar para a história é a verdade.

Por isso a minha tranquilidade de lidar com a imprensa no meu país e a minha liberdade de conviver com a imprensa. Eu tenho a convicção de que o grande formador de opinião pública no Brasil hoje é o povo que está tomando café da manhã, almoçando e jantando; são os 20 milhões de brasileiros que saíram das classes D e E para a classe C; são os 9 milhões e meio de pessoas que saíram da extrema pobreza; são os 10 milhões e meio de trabalhadores que arrumaram um emprego formal; são os milhares de jovens que estão tendo acesso à universidade. Enfim, é o conjunto do povo brasileiro que está consolidando a democracia e a liberdade de imprensa.

Por isso, muito obrigado pelo prêmio.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante jantar para a entrega da condecoração da insígnia de ouro da “America’s Society” (Sociedade das Américas) e do “Council of the Americas” (Conselho das Américas)**

**Nova Iorque-EUA, 22 de setembro de 2008**

William Rhodes, presidente honorário da Sociedade das Américas e do Conselho das Américas,

Senhora Suzan Segal, presidente das duas Instituições,

Ministro Celso Amorim, das Relações Exteriores do Brasil,

Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Luiz Barretto, ministro do Turismo,

Nilcéa Freire, ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres,

Meu caro companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Meu caro companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco,

Senhores embaixadores Sobel e Antônio Patriota,

Senhoras e senhores empresárias e empresários, americanos e brasileiros,

É uma honra ser condecorado pela Sociedade das Américas e pelo Conselho das Américas, entidades que vêm promovendo um diálogo indispensável. Na verdade, eu queria, antes de prosseguir o meu discurso, dizer que esta medalha, eu não vou reparti-la certamente, porque não tem ouro para todo mundo que me ajudou a fazer com que o Brasil chegasse ao



momento que chegou. De qualquer forma, não é uma medalha só minha. É uma medalha de muita gente, conhecida e desconhecida, que contribuiu para que o Brasil pudesse viver os dias que está vivendo. Vou começar tudo de novo aqui.

É uma honra ser condecorado pela Sociedade das Américas e pelo Conselho das Américas, entidades que vêm promovendo um diálogo indispensável. Aproximam os setores público e privado na busca de respostas para os desafios de um mundo em rápida transformação. Neste momento de incertezas sobre os rumos da economia mundial, este debate não poderia ser mais oportuno.

Apesar do pessimismo dos últimos dias, quero trazer-lhes uma mensagem distinta, uma palavra de otimismo, uma mensagem de confiança no Brasil, um país para o qual quero despertar mais ainda sua atenção. O Brasil deixou de ser “o país do futuro”, como se dizia. Os mais recentes indicadores econômicos e sociais apontam para uma mudança profunda e abrangente no meu país. Conquistamos a estabilidade democrática, pela solidez das instituições e pelo respeito às liberdades civis, e estamos vencendo o maior de nossos desafios: reduzir a pobreza e as desigualdades sociais.

Meus amigos e minhas amigas,

Políticas monetária e fiscal sérias, com controle da inflação, grau de investimento e uma reserva de 207 bilhões de dólares, permitem um crescimento econômico sustentável. Foi aberto no Brasil um novo ciclo de investimentos, pelo setor privado e pelo governo, com ganhos de produtividade.

O Plano de Aceleração do Crescimento-PAC está estimulando todos os segmentos produtivos e eliminando gargalos logísticos. Até 2010, chegaremos a mais de 280 bilhões de dólares em investimentos apenas em infra-estrutura, cobrindo, de habitação e saneamento a transporte, energia e recursos hídricos. Isso sem incluir os enormes investimentos exigidos nos próximos anos pelas





novas descobertas de gás e petróleo na plataforma pré-sal.

Apenas a Petrobras, a empresa brasileira de petróleo, deverá investir mais de 112 bilhões de dólares entre 2008 e 2012. Alguns especialistas calculam que os investimentos mínimos para explorar as reservas do pré-sal ultrapassarão os 600 bilhões de dólares. Se isso acontecer, o José Sergio será o sheik brasileiro.

Nos próximos anos, construiremos quatro refinarias, e apenas uma delas – para 600 mil barris diários – exigirá investimentos de 19 bilhões de dólares. É importante lembrar que a última refinaria construída no Brasil foi em 1980. Entre os investimentos já realizados, de 2004 a 2007, e os previstos, de 2008 a 2011, deveremos ter mais de 2 trilhões e 300 bilhões de dólares em investimentos no nosso país.

Gostaria de dar alguns exemplos desses investimentos em alguns setores importantes: 73 bilhões de dólares em geração, transmissão e distribuição de energia; 70 bilhões de dólares em habitação; 55 bilhões e 800 milhões de dólares em extração mineral; 50 bilhões de dólares na indústria naval; 48 bilhões e 300 milhões no setor siderúrgico; 34 bilhões no setor sucroalcooleiro; 25 bilhões e 800 milhões em papel e celulose; 20 bilhões e 500 milhões na indústria automotiva; 13 bilhões e 400 milhões em petroquímica; 11 bilhões e 700 milhões em alimentos e bebidas. Tudo isso que eu falei é em dólares, não é em reais.

Além disso, um trem de alta velocidade que unirá São Paulo e Rio de Janeiro – já em projeto – devendo ser licitado em março de 2009, demandará investimentos de 11 bilhões de dólares. Esse trem-bala vai ligar Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, e nós pretendemos prepará-lo para a Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil. Estamos precisando de investidores.

Nada disso seria possível sem uma política macroeconômica responsável. Hoje o Brasil é credor líquido e nossa economia é muito menos vulnerável. Desde 2004, nossas exportações cresceram mais de 20% ao ano e



devem chegar a 200 bilhões de dólares ainda este ano. Nossa resposta à globalização tem sido diversificar nossa economia, credenciando o Brasil como um ator global.

O País cresce há 26 trimestres consecutivos, criando emprego e renda. A resposta serena do Brasil ao atual momento de turbulência internacional confirma o novo patamar de robustez e segurança que alcançamos. Nessa caminhada, a parceria entre governo, empresários e trabalhadores é indispensável. A eficiência e confiança do setor produtivo, sempre disposto a investir no País, é nosso maior seguro contra as crises.

O resultado de todo esse esforço é a veloz transformação do panorama econômico brasileiro: mais empregos – somente este ano, serão mais de dois milhões de novos empregos – e melhores salários, crescimento da demanda doméstica, nível recorde de reservas, fortalecimento dos mercados de crédito e de capitais.

Minhas senhoras e meus senhores,

Esses números pouco significariam se não traduzissem sensível melhora na qualidade de vida da população brasileira. O ambiente de estabilidade, o aumento do poder aquisitivo e as transferências de renda – via programas como o Bolsa Família – alavancaram o consumo das famílias brasileiras. Essa nova dinâmica social torna o crescimento sustentável.

Nos últimos dois anos, mais de 20 milhões de pessoas saíram da pobreza e se tornaram cidadãos brasileiros. Hoje a classe média tornou-se maioria no País: 86 milhões de brasileiros. Graças a isso, construímos a maior garantia que um país pode ter contra crises globais: a força de um mercado interno que se expande a cada dia.

Desenvolvimento econômico e social equilibrado significa meio ambiente saudável. Com o Plano Amazônia Sustentável, vamos assegurar condições de vida e trabalho digno para os 24 milhões de brasileiros que vivem na região. Esta é a melhor garantia de que a queda de 59% no desmatamento da Floresta



Amazônica, nos últimos quatro anos, será mantida. A energia necessária ao atual ciclo de desenvolvimento no Brasil vem de uma das matrizes mais limpas do mundo: 46% são compostas por fontes renováveis, em contraste com a média mundial, que não passa de 14%.

Os biocombustíveis são um importante aliado nessa estratégia. Ao mesmo tempo, reduzem as emissões de gases de efeito estufa e podem gerar empregos em países pobres e mais segurança energética para todos. A aposta nos biocombustíveis não afetará a produção de alimentos nem a proteção dos biomas. Temos disponíveis 100 milhões de hectares de terras cultiváveis, ou seja, a soma dos territórios da França e da Espanha. Destes, menos de 2% são destinados ao plantio de matéria-prima para os biocombustíveis. No entanto, para que a promessa dos biocombustíveis possa se cumprir, é preciso eliminar barreiras e tratar o etanol como o que ele é: o petróleo verde.

As alternativas energéticas do Brasil não param por aí. Recentes descobertas de gigantescas reservas em nosso litoral deverão dobrar nossa produção petrolífera nos próximos 10 anos. Isso vai gerar oportunidades para empresas brasileiras e estrangeiras. Vamos garantir que os futuros recursos sejam utilizados de forma responsável nos projetos prioritários de desenvolvimento do País: no combate à pobreza e em investimentos na educação.

Amigas e amigos,

O Brasil tem todas as condições para ajudar a responder aos muitos desafios que confrontam o mundo no século XXI. Junto com seus vizinhos da América do Sul, tem importantes recursos energéticos e minerais, de biodiversidade e de grande produção de alimentos, além de um mercado consumidor em expansão. Empresas brasileiras estão atuantes na região, com projetos em telecomunicações, energia, saneamento, habitação e transportes.

Mas não alcançaremos nossa aspiração de viver em um continente de paz e tolerância, se não respondermos às expectativas por justiça e inclusão



social. De forma soberana e democrática, cada país escolheu como responder a esses desafios. O Brasil respeita as escolhas de nossos vizinhos. Contamos com a Sociedade e com o Conselho das Américas para que nossos amigos neste país compreendam e valorizem essa rica diversidade.

Estamos comprometidos com a integração regional. Unidos e coesos, multiplicamos nossas complementaridades e encontramos respostas próprias para nossos problemas. É o que estamos fazendo ao criar a Unasul, e reforçar os laços com os demais países da América Latina e do Caribe.

Esses são passos decisivos rumo a um hemisfério de paz e prosperidade. Confiamos que os Estados Unidos possam acompanhar essa caminhada, com espírito de cooperação e engajamento. Enxergamos nesta grande nação um parceiro indispensável, pela força de um comércio bilateral que se aproxima dos 50 bilhões de dólares, pelos avanços de nossa cooperação técnica e tecnológica, e pelo dinamismo dos investimentos recíprocos.

Nossa agenda de diálogo com o governo norte-americano tem se alargado e se aprofundado. Vai da preocupação com um desfecho favorável da Rodada de Doha à reforma da ONU e às questões do Oriente Médio, e tem como fio condutor o respeito mútuo.

Senhoras e senhores,

Sei que as atenções, nos Estados Unidos, estão voltadas para as eleições presidenciais em novembro. No passado, nessas ocasiões, tradicionalmente nos indagávamos por qual partido ou candidato o Brasil deveria optar. Hoje não precisamos mais fazer essa pergunta. O que importa é saber como nossos países vão potencializar ainda mais nossas relações. Estão em jogo não apenas os benefícios de nossa parceria econômica e comercial, mas o futuro e o bem-estar das Américas.

Quero concluir dedicando a condecoração que acabo de receber, não apenas aos meus amigos, mas ao povo brasileiro, e dizer para vocês que eu



estou vivendo um momento importante, junto com o povo brasileiro.

O Brasil melhorou, pretende melhorar ainda mais, e o que vai acontecer é que o Brasil, finalmente, encontrou o seu destino e pretende se transformar numa grande nação.

Quero agradecer a confiança que todos vocês, parceiros investidores, têm depositado no Brasil, e espero poder continuar contando com a companhia de vocês, pois há muito por fazer e muitas oportunidades à nossa espera.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria apenas concluir dizendo para vocês que o Brasil está determinado, definitivamente determinado, a se transformar numa grande nação. O Brasil, durante o século XX, perdeu muitas oportunidades. Teve momentos excepcionais e, praticamente, os jogou fora. Nós não jogaremos fora esse momento que estamos vivendo. Não iremos gastar mais dinheiro do que precisamos, porque agora encontramos muito petróleo. É exatamente no momento em que estamos vivendo, um momento de crescimento, de desenvolvimento, de geração de riquezas, que aumenta a nossa responsabilidade de pensar no futuro do nosso país.

Todo mundo se lembra que eu tinha medo do segundo mandato. Aliás, tinha *paura* do segundo mandato, porque eu sempre achava que o segundo mandato levava o dirigente à ociosidade, a ficar se deleitando com as glórias da sua reeleição. Eu tinha experiências no Brasil, tinha experiência nas prefeituras. Foi quando nós resolvemos, no dia 22 de janeiro de 2007, lançar o Programa de Aceleração do Crescimento. Nós tínhamos pensado, em setembro do ano anterior, em enumerar um conjunto de obras que o Brasil precisava e que desse para ocupar o tempo do governo durante os quatro anos do segundo mandato.

Posso dizer para vocês que a minha geração... eu fui um dirigente sindical importante no Brasil na década de 80. De 1980 a 2000, foram poucos os momentos em que o Brasil teve alguma chance. Muitas das violências que a



gente vê na televisão hoje no Brasil, muitos jovens de 24 anos que muitas vezes aparecem sendo presos são, no fundo, no fundo, vítimas da irresponsabilidade de políticas econômicas fracassadas e de falta de definição de modelo de desenvolvimento.

Eu penso que nós aprendemos. O Brasil aprendeu muito com os seus erros, da mesma forma que eu aprendi muito com três derrotas presidenciais. Eu me preparei para chegar... E eu dizia para vocês: qualquer presidente pode errar, eu não posso errar, porque se eu errar, dificilmente um operário voltaria a ganhar as eleições no Brasil.

Estou dizendo isso para vocês porque nem sempre as pessoas acreditaram que nós poderíamos dar certo, nem sempre. Mas foi graças ao sacrifício que fizemos em 2003 quando eu era recém eleito presidente da República, que aumentamos o superávit primário e que fizemos o maior ajuste fiscal da história do nosso país, trocando meu capital político pela possibilidade de garantir uma chance ao Brasil para hoje estar colhendo o que estamos colhendo.

Quero afirmar para vocês que não tem volta. Sem nenhuma arrogância, com muita humildade, acompanhamos (inaudível) a crise americana todo santo dia. Nunca estudei tanto as crises do Brasil como estudo a crise americana. Estão quase construindo um muro para não deixá-la ultrapassar o Atlântico. Acho que o Brasil não vai jogar fora essa oportunidade extraordinária. Vi com bons olhos o governo americano fazer a intervenção que fez na semana passada. Agora, discutir se foi tardiamente ou não...

O importante é que quando se está no governo, se toma decisões quando se pode, em função das circunstâncias políticas. De qualquer forma, a tomada de posição de colocar 700 bilhões de dólares foi uma medida que eu penso que tende a contribuir de forma decisiva para melhorar a situação.

Nós estamos trabalhando com muita atenção e vamos fazer todo o esforço para que essa crise não chegue ao Brasil. Quando os Estados Unidos



não puderem comprar mais do Brasil, nós vamos vender para a Colômbia, Moreno, vamos vender para a Argentina, vamos vender para Angola, vamos vender para os chineses, e vamos também comprar um pouco, porque queremos que os países se desenvolvam.

De qualquer forma, eu queria dizer para vocês que hoje posso dizer que sou um homem feliz, porque passar pelo que nós passamos no Brasil e chegar ao momento que estamos vivendo hoje, é o trabalho de milhões de pessoas que acreditaram, sobretudo, na recuperação da auto-estima daquele povo. Nós não temos o direito de deixar que haja qualquer retrocesso.

Por isso, tenho a certeza de que... eu tenho mais dois anos e três meses de mandato e dedicarei 24 horas por dia para que a gente avance, inclusive na questão do petróleo. Esse petróleo tem que servir para quatro coisas fundamentais: fortalecer a nossa Petrobras; fazer uma indústria naval forte e competitiva, como o Brasil já teve; construir uma forte indústria petrolífera no Brasil; fortalecer a nossa indústria petroquímica. Mas todo mundo no Brasil sabe que uma parte desse dinheiro, nós vamos utilizar para investir massivamente na educação e no combate à pobreza do nosso país. Somente assim, nós iremos nos transformar numa grande nação.

Muito obrigado pelo carinho.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
abertura do debate geral da 63ª Assembléia Geral das Nações Unidas**

**Nova Iorque-EUA, 23 de setembro de 2008**

Senhores e senhoras chefes de Estado e de Governo,  
Senhor Miguel d'Escoto, presidente da Assembléia Geral das Nações  
Unidas,

Senhor Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas,  
Senhoras e senhores chefes de Delegação,

Saúdo, com alegria, o presidente da Assembléia Geral, meu ilustre  
amigo Miguel d'Escoto. Desejo-lhe pleno êxito em sua missão.

Esta Assembléia realiza-se em um momento particularmente grave. A  
crise financeira, cujos presságios vinham se avolumando, é hoje uma dura  
realidade. A euforia dos especuladores transformou-se em angústia dos povos  
após a sucessão de naufrágios financeiros que ameaçam a economia mundial.

As indispensáveis intervenções do Estado, contrariando os  
fundamentalistas do mercado, mostram que é chegada a hora da política.  
Somente a ação determinada dos governantes, em especial naqueles países  
que estão no centro da crise, será capaz de combater a desordem que se  
instalou nas finanças internacionais, com efeitos perversos na vida cotidiana de  
milhões de pessoas.

A ausência de regras favorece os aventureiros e oportunistas, em  
prejuízo das verdadeiras empresas e dos trabalhadores. É inadmissível, dizia o  
grande economista brasileiro Celso Furtado, que os lucros dos especuladores  
sejam sempre privatizados e suas perdas, invariavelmente socializadas.

O ônus da cobiça desenfreada de alguns não pode recair impunemente





sobre os ombros de todos. A economia é séria demais para ficar nas mãos dos especuladores. A ética deve valer também na economia. Uma crise de tais proporções não será superada com medidas paliativas. São necessários mecanismos de prevenção e controle, e total transparência das atividades financeiras.

Os organismos econômicos supranacionais carecem de autoridade e de instrumentos práticos para coibir a anarquia especulativa. Devemos reconstruí-los em bases completamente novas. Dado o caráter global da crise, as soluções que venham a ser adotadas deverão ser também globais, tomadas em espaços multilaterais legítimos e confiáveis, sem imposições. Das Nações Unidas, máximo cenário multilateral, deve partir a convocação para uma resposta vigorosa às ameaças que pesam sobre nós.

Há outras questões igualmente graves no mundo de hoje. É o caso da crise alimentar, que ameaça mais de um bilhão de seres humanos; da crise energética, que se aprofunda a cada dia; dos riscos para o comércio mundial, se não chegarmos a um acordo na Rodada de Doha; e da avassaladora degradação ambiental, que está na origem de tantas calamidades naturais, golpeando sobretudo os mais pobres.

Senhor Presidente,

Senhoras e senhores,

O Muro de Berlim caiu. Sua queda foi entendida como a possibilidade de construir um mundo de paz, livre dos estigmas da Guerra Fria. Mas é triste constatar que outros muros foram se construindo, e com enorme velocidade. Muitos dos que pregam a livre circulação de mercadorias e capitais são os mesmos que impedem a livre circulação de homens e mulheres, com argumentos nacionalistas, e até fascistas, que nos fazem evocar, temerosos, tempos que pensávamos superados.

Um suposto “nacionalismo populista”, que alguns pretendem identificar e criticar no Sul do mundo, é praticado sem constrangimento em países ricos. As



crises financeira, alimentar, energética, ambiental e migratória, para não falar das ameaças à paz em tantas regiões, demonstram que o sistema multilateral deve se adequar aos desafios do século XXI. Aos poucos vai sendo descartado o velho alinhamento conformista dos países do Sul aos centros tradicionais.

Essa nova atitude não conduz, no entanto, a uma postura de confrontação. Simplesmente pelo diálogo direto, sem intermediação das grandes potências, os países em desenvolvimento têm-se credenciado a cumprir um novo papel no desenho de um mundo multipolar. Basta citar iniciativas como o IBAS, o G-20, as cúpulas América do Sul-África ou América do Sul-Países Árabes e a articulação dos BRICs.

Está em curso a construção de uma nova geografia política, econômica e comercial no mundo. No passado, os navegantes miravam a estrela polar para “encontrar o Norte”, como se dizia. Hoje estamos procurando as soluções de nossos problemas contemplando as múltiplas dimensões de nosso Planeta. Nosso “norte” às vezes está no Sul.

Em meu continente, a Unasul, criada em maio deste ano, é o primeiro tratado – em 200 anos de vida independente – que congrega todos os países sul-americanos. Com essa nova união política vamos articular os países da região em termos de infra-estrutura, energia, políticas sociais, complementaridade produtiva, finanças e defesa.

Reunidos em Santiago do Chile há pouco mais de uma semana os presidentes da América do Sul, comprovamos a capacidade de resposta rápida e eficaz da Unasul frente a situações complexas, como a que vive a nação-irmã boliviana. Respalamos seu governo legitimamente eleito, suas instituições democráticas e sua integridade territorial e fizemos um apelo ao diálogo como caminho para a paz e a prosperidade do povo boliviano.

Em dezembro, o Brasil irá sediar, na Bahia, uma inédita cúpula de toda a América Latina e do Caribe sobre integração e desenvolvimento. Será uma reunião de alto nível, sem qualquer tutela, assentada em uma perspectiva



própria latino-americana e caribenha.

Todos esses esforços no plano multilateral são complementados por meio de ações de solidariedade de meu país para com nações mais pobres, especialmente na África. Quero também enfatizar nosso compromisso com o Haiti, país em que exercemos o comando das tropas da Minustah e ajudamos a restabelecer a paz. Renovo meu chamamento à solidariedade dos países desenvolvidos com o Haiti, muito prometida e pouco cumprida.

Senhor Presidente,

A força dos valores deve prevalecer sobre o valor da força. É preciso que haja instrumentos legítimos e eficazes de garantia da segurança coletiva.

As Nações Unidas discutem há quinze anos a reforma do Conselho de Segurança. A estrutura vigente, congelada há seis décadas, responde cada vez menos aos desafios do mundo contemporâneo. Sua representação distorcida é um obstáculo ao mundo multilateral que todos nós almejamos. Considero, nesse sentido, muito auspiciosa a decisão da Assembléia Geral de iniciar prontamente negociações relativas à reforma do Conselho de Segurança.

O multilateralismo deve guiar-nos também na solução dos complexos problemas ligados ao aquecimento global, com base no princípio de responsabilidades comuns, porém diferenciadas. O Brasil não tem fugido a suas responsabilidades. Nossa matriz energética é crescentemente limpa.

As crises alimentar e energética estão profundamente entrelaçadas. Na inflação dos alimentos estão presentes – ao lado de fatores climáticos e da especulação com as commodities agrícolas – os aumentos consideráveis do petróleo, que incidem pesadamente sobre o custo de fertilizantes e transporte.

A tentativa de associar a alta dos alimentos à difusão dos biocombustíveis não resiste à análise objetiva da realidade. A experiência brasileira comprova – o que poderá valer também para outros países com características semelhantes – que o etanol de cana-de-açúcar e a produção de



biodiesel diminuem a dependência de combustíveis fósseis, criam empregos, regeneram terras deterioradas e são plenamente compatíveis com a expansão da produção de alimentos. Queremos aprofundar esse debate, em todos os seus aspectos, na Conferência Mundial sobre biocombustíveis que convocamos para novembro, na cidade de São Paulo.

Minha obsessão com o problema da fome explica o empenho que tenho tido, junto a outros líderes mundiais, para chegar a uma conclusão positiva da Rodada de Doha. Continuamos insistindo em um acordo que reduza os escandalosos subsídios agrícolas dos países ricos. O êxito da Rodada de Doha terá impacto muito positivo na produção de alimentos, sobretudo nos países pobres e em desenvolvimento.

Senhor Presidente,

Há quatro anos, junto com vários líderes mundiais, lancei aqui em Nova Iorque a Ação contra a Fome e a Pobreza. Nossa proposta era, e continua sendo, a de adotar mecanismos inovadores de financiamento. A Unitaid, Central de Compra de Medicamentos, é um primeiro resultado dessa iniciativa, ajudando a combater Aids, tuberculose e malária em vários países da África. Mas não basta. Precisamos avançar, e muito, se queremos que a Humanidade cumpra efetivamente as Metas do Milênio.

Em dezembro serão comemorados os 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que não pode ser objeto de uma homenagem meramente protocolar. Ela traduz compromissos inalienáveis, que nos interpelam a todos. Como governantes, mais do que a defesa retórica da Declaração, somos chamados a lutar para que os valores proclamados há seis décadas se transformem em realidade em cada país e em todo o mundo.

Senhor Presidente,

O Brasil de hoje é muito distinto daquele de 2003, ano em que assumi a Presidência do meu país e em que, pela primeira vez, compareci a esta Assembléia Geral. Governo e sociedade deram passos decisivos para



transformar a vida dos brasileiros. Criamos quase 10 milhões de empregos formais. Distribuímos renda e riqueza. Melhoramos os serviços públicos. Tiramos 9 milhões de pessoas da miséria e outras 20 milhões ascenderam à classe média. Tudo isso em um ambiente de forte crescimento, estabilidade econômica, redução da vulnerabilidade externa e, o que é mais importante, fortalecimento da democracia, com intensa participação popular.

No ano em que celebramos o centenário do grande brasileiro Josué de Castro, o primeiro diretor-geral da FAO e um dos pioneiros da reflexão sobre o problema da fome no mundo, vale a pena recordar sua advertência: “Não é mais possível deixar-se impunemente uma região sofrendo de fome, sem que o mundo inteiro venha a sofrer as suas conseqüências.” Tenho orgulho de dizer que o Brasil está vencendo a fome e a pobreza.

Senhor Presidente,

Reitero o otimismo que expressei aqui há cinco anos. Somos muito maiores do que as crises que nos ameaçam. Dispomos de sentimento, razão e vontade para vencer qualquer adversidade. Esse, mais do que nunca, é o espírito dos brasileiros.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Declaração do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião sobre mecanismos financeiros inovadores**

**Nova Iorque-EUA, 24 de setembro de 2008**

**Obs.: Em função de problemas técnicos no áudio, há várias palavras inaudíveis. Tão logo o problema seja solucionado, publicaremos o áudio.**

Há quase uma década, a comunidade internacional assumiu um compromisso irrevogável. Adotamos as Metas do Milênio, na certeza de que era possível banir definitivamente as duas maiores mazelas que afligem a humanidade: a fome e a pobreza extrema.

Foi com essa mesma convicção que, há quatro anos, lançamos a Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza. Sabíamos que os recursos necessários são relativamente pequenos. Por isso, identificamos mecanismos de financiamento inovadores para ajudar a viabilizar esse esforço coletivo.

Algumas propostas, como a Unitaid, já estão em funcionamento, ajudando a financiar a erradicação de pandemias em países pobres. Não temos, no entanto, motivos para nos acomodar. Estamos longe de garantir que todos os países alcancem os alvos estabelecidos para as Metas do Milênio, para 2015. Continuamos a viver uma calamidade humanitária: mais de 925 milhões de pessoas em todo o mundo continuam sem ter o que comer.

E o que é mais grave: estamos avançando a passos muito lentos, e com isso corremos o risco de retrocessos. Uma nova frente de batalha na guerra contra a fome foi aberta com a forte elevação dos preços dos alimentos. Precisamos agir rapidamente para colocar o processo de volta nos trilhos e colocar, como diria, o pé no acelerador.



Estamos diante do imperativo de encontrar soluções de caráter estrutural a desafios que dizem respeito a todos nós. Para elevar a produção de alimentos nos países pobres, precisamos de mais crédito, de mais capacidade técnica e de infra-estrutura adequada de transporte e comercialização.

O debate sobre mecanismos inovadores de financiamento, é verdade, evoluiu. O tema deixou de ser tabu. Opções existem, na forma de taxação de fluxos financeiros globais, facilitação de remessas e loterias globais. As necessidades são cada vez maiores. Precisamos, com urgência, mobilizar recursos adicionais, de maneira estável e previsível.

É nesse espírito que, juntamente com a presidente Bachelet, o presidente Zapatero e o Ministro das Relações Exteriores da França, pedimos ao Secretário-Geral que circule esse documento que vamos assinar para que outros chefes de Estado, membros (inaudível) tenham conhecimento. Na realidade, é um apelo para que a comunidade internacional continue engajada na busca de mecanismos que gerem recursos novos e adicionais, em benefício de todos os que passam fome no mundo.

Querida Michelle,

Querido Zapatero,

Querido (inaudível),

Ontem, tive a oportunidade de falar com o Secretário-Geral das Nações Unidas. E o que queremos, que transforma esse debate (inaudível) internacional, em um debate que a ONU chamasse para si a responsabilidade de convocar reuniões, através (inaudível), fazendo um debate muito sério e muito pertinente sobre a crise financeira que o mundo está atravessando, sobretudo nos países (inaudível). Que chamasse o FMI, que chamasse o Banco Mundial, e que os levasse a discutir não apenas as causas, mas os efeitos dessa crise no chamado mundo desenvolvido, mundo em desenvolvimento e nos países pobres.



(inaudível) que toda a década de 80 e toda a década de 90, os países pobres e os países em desenvolvimento foram praticamente impedidos de se desenvolver (inaudível). Todos estavam muito (inaudível). Naquela época, as organizações internacionais de financiamento, o FMI, tinha solução para todos (inaudível), visitava todos os países pobres com delegações, tinha ingerência na elaboração do orçamento de cada país, determinava quanto cada país tinha que (inaudível), determinava quanto cada país teria que gastar.

Agora, recentemente, fui ao Congo. E, no Congo, o presidente queria fazer uma grande estrada e o FMI não permitia que fizesse a estrada, porque tinha que saldar o seu débito (inaudível).

Pois bem, onde estão esses senhores que até ontem faziam isso? Onde estão os bancos que todo dia faziam avaliação dos riscos (inaudível) ...para provar que (inaudível) o Brasil em dia, para ver se a gente conseguia recuperar. Cada vez que ligo o computador, o risco-Brasil (inaudível) e o risco americano está estável, se são exatamente os Estados Unidos que estão colocando em risco a economia dos outros países. Mas apenas os riscos dos países emergentes é que aparecem na televisão.

Então, vejam que engraçado, porque o Brasil que apenas devia (inaudível) anos atrás, hoje tem investimentos de 30%, tem reservas de 210 bilhões de dólares, crescem as exportações, cresce o mercado interno, e mesmo assim ainda aparece como país de risco, a cada vez que tem um problema na economia (inaudível).

(inaudível) perdeu 1 bilhão e 700 milhões de dólares de dívidas que os países mais pobres tinham com o Brasil, da Bolívia a Moçambique.

Propusemos aqui, na própria sede da ONU, que a gente pudesse fazer uma taxa sobre o fluxo financeiro dos países (inaudível), falamos ao covil dos lobos (inaudível). Propusemos que pudéssemos cobrar uma taxa sobre o comércio de armas, e também falamos ao covil dos lobos (inaudível).





Penso que agora nós chegamos à seguinte conclusão: está acontecendo com o mundo rico aquilo que parecia que só acontecia com o mundo pobre. Não achamos justo, depois de Chile, Brasil e todos os países pobres terem feito o sacrifício imenso que fizeram... foi praticamente uma década e meia perdida, porque as nossas economias não cresciam, em que não gerávamos emprego, e agora que conseguimos arrumar a casa, os cidadãos que transformaram o mercado financeiro num cassino, que quiseram ganhar dinheiro em curto prazo sem fazer investimento correto, nos apresentam uma conta. Todos vamos ter que pagar, porque se o mundo desenvolvido entra em recessão, certamente isso vai ter sintomas nos países pobres.

Eu tinha feito um apelo para que o governo americano agisse rapidamente no combate à sua crise. Houve uma iniciativa, na última sexta-feira, que me parece um bom começo. Mas o problema é que os Estados Unidos estão em eleição. Em época de eleição sempre é muito difícil tomar qualquer decisão.

O que nós precisamos é provocar o debate, fazer com que o problema dessa crise não fique restrito apenas ao debate entre os economistas, que os políticos entrem nessa discussão, que os bancos centrais reunidos em Basiléia tomem decisões de controlar o funcionamento desses bancos de investimentos.

No Brasil, que é um país pobre, um banco de investimento só pode financiar até 10 vezes o capital declarado. Se ele tiver 1 bilhão de capital, só pode financiar 10 bilhões. Aqui nos Estados Unidos não tem limite, se ele tem 1 bilhão pode financiar 35 vezes a mais. E o que acontece? Quando tem um problema não tem dinheiro para cobrir o prejuízo. E, aí, o mundo vai ter que arcar com uma crise, depois de tanto sacrifício, depois de tanta ilusão, depois de tanto assumirmos o compromisso de cumprir as Metas do Milênio.



No Brasil, fizemos a lição de casa. No Brasil conseguimos, em cinco anos, tirar 9 milhões e meio de pessoas da linha de pobreza absoluta. No Brasil conseguimos fazer com que 20 milhões de pobres ascendessem à classe média. E no Brasil temos uma forte política social. Nós aprendemos que cuidar do pobre é mais barato e custa muito menos do que utilizar finanças públicas para cuidar dos ricos.

O que está acontecendo agora vai dificultar ainda mais a gente cumprir as Metas do Milênio, vai dificultar ainda mais os países mais pobres do mundo cumprirem parte dos compromissos assumidos para as Metas do Milênio. E o que é mais grave é que os países que tinham se proposto a dar recursos para combater a miséria, com as suas próprias crises não vão conseguir dar os recursos necessários.

Eu penso, meus amigos e minhas amigas, que precisaríamos ter ousadia em provocar as Nações Unidas para promover esse debate. Confesso a vocês que pensei que esse seria o grande tema dessa reunião da Assembleia Geral da ONU. Até imaginei que o meu amigo presidente Bush fosse falar desse assunto com muito mais ênfase, mas não aconteceu, vai ficar para uma outra oportunidade.

Só espero que nós, que temos compromisso com o projeto para diminuir a fome no mundo continuemos com a mesma força, com a mesma vontade de não deixar esse assunto cair no esquecimento, porque o que eu estou prevendo é que se os países ricos não tomarem as medidas necessárias, essa crise vai ter sintomas nos países pobres.

Eu tinha feito um apelo para que o governo americano agisse rapidamente no combate à sua crise. Houve uma iniciativa, na última sexta-feira, que me parece (inaudível). E temos que tomar a decisão enquanto dirigentes, o sistema financeiro tem que ser controlado. Não é possível as pessoas viverem de vender papéis e mais papéis, sem que essa venda de papéis gere um único emprego, gere uma única distribuição de renda.



É aquilo que disse ontem, no meu discurso: na hora de privatizar o lucro, apenas o banco ganha. Na hora que tem prejuízo, vamos socializá-lo e vamos reparti-lo com a humanidade, que nem sabia o que estava acontecendo.

Por isso, acho importante esse apelo ao secretário-geral Ban Ki-moon. Por isso é que defendemos com tanta força a renovação das estruturas das Nações Unidas, porque não podemos mais ficar tratando coisas do século XXI com os mesmos instrumentos que a gente cuidava no século XX.

Por isso, a minha alegria de participar desta reunião outra vez, companheiro Zapatero, companheira Bachelet. E dizer que estamos tentando cumprir a nossa parte no Brasil. Se cada país fizer a sua parte, o conjunto da obra será um resultado muito mais produtivo do que fizemos até agora.

Vou terminar com uma frase. Eu aprendi, nesses cinco anos, aprendi com cinco anos de governo que não tem nada mais fácil, mais econômico, mais barato do que cuidar do pobre. Se cada um colocar como prioridade, fica muito mais fácil resolvermos esse problema.

Obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene em homenagem ao centenário da morte de Machado de Assis**

**Academia Brasileira de Letras – Rio de Janeiro-RJ, 29 de setembro de 2008**

Meu caro amigo e companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu caro amigo Francisco Manoel Seixas da Costa, embaixador de Portugal,

Meu caro companheiro embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino das Relações Exteriores,

Meu companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Juca Ferreira, ministro da Cultura,

Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu caro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro – nem sei se o Pezão está aqui, mas como ele sempre anda com o Sérgio Cabral, a gente já cita o nome dele,

Meu amigo querido, acadêmico Cícero Sandroni, presidente da Academia Brasileira de Letras,

Meu caro companheiro senador e acadêmico José Sarney,

Senador Paulo Duque,

Acadêmico Eduardo Portella, orador desta solenidade,

Acadêmico Ivan Junqueira, secretário-geral da Academia Brasileira de Letras,

Senhoras e senhores acadêmicos,

Senhores cônsules,

Meus amigos e minhas amigas,



É com grande alegria que visito novamente esta Casa, e o faço, antes de mais nada, para testemunhar a sua importância como instituição que reconhece e consagra o talento literário e artístico brasileiro. A Academia encarna a gratidão do País a todos aqueles que, pelo exercício da imaginação e da reflexão criadora, alimentam a inteligência nacional e dão expressão universal à subjetividade de nossa gente.

Mas o faço, também, para manifestar o meu apreço pelo inestimável trabalho de valorização da língua e difusão da cultura que a ABL realiza. Refiro-me às investigações que patrocina, aos documentos que recupera e socializa, às obras raras que publica, aos cursos e seminários que oferece, ao diálogo internacional que promove. Tudo isso faz desta Casa – não apenas pelas intenções proclamadas, mas pelos seus feitos concretos – um organismo único em nossa vida cultural.

Um desses feitos notáveis que honram a ABL e o País é justamente a celebração do Acordo Ortográfico entre os países de língua portuguesa, cujos decretos acabei de assinar, Acordo que vem coroar o competente e dedicado labor de lingüistas, filólogos e gramáticos de todos os países integrantes da CPLP: Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Acordo que tem, na verdade, uma importância maior do que pode parecer à primeira vista e, por isso mesmo, precisa ser divulgado e explicado com clareza ao cidadão comum deste país, para que todos compreendamos sua pertinência e, sobretudo, seu significado estratégico no que diz respeito à cooperação entre os países lusófonos e à própria presença da língua portuguesa e das nossas literaturas no mundo.

Poderíamos justificá-lo enfatizando o novo impulso que hoje ganha o intercâmbio Brasil-Portugal, ou sublinhando a solidariedade material e espiritual com o Timor-Leste. Mas quero destacar aqui o imprescindível resgate dos



nossos laços substantivos com a África, em particular com a África de língua portuguesa, que para nós representa mais, muito mais do que uma prioridade geopolítica. Diz respeito à nossa alma, à nossa identidade como nação multiétnica e multicultural, ao próprio destino da civilização brasileira e é o reencontro do Brasil com algumas de suas raízes mais profundas, não raro recalçadas. Nesse sentido, podemos dizer que é o reencontro do Brasil consigo mesmo.

Por isso, já visitei 21 países da África e temos nos engajado em parcerias com as mais diversas nações africanas, em especial com as de língua portuguesa. Estabelecemos ambiciosos acordos de cooperação cultural, científica e educacional com os países da CPLP. Vamos incrementar, e muito, a circulação de obras literárias e artísticas, em geral, entre os nossos povos.

Estamos ampliando vigorosamente as parcerias educacionais em todos os níveis, do ensino básico à pós-graduação, seja na capacitação de professores, na produção de material didático, na formação profissional e até mesmo na teleeducação. Há diversas equipes de educadores brasileiros atuando em cada um desses países-irmãos.

Mas como avançar nesse rumo sem fortalecer a nossa base lingüística comum? Como difundir em cada país a rica literatura dos demais e sua variada produção intelectual sem a adequada padronização da língua escrita? Como produzir, por exemplo, material didático compartilhado, em escala massiva, sem a unificação da ortografia? Para não falar dos quase 8 milhões de lusófonos radicados fora dos nossos países, dispersos pelo mundo, e que desejam assegurar aos seus filhos o domínio do português falado e escrito.

Minhas senhoras e meus senhores,

Estamos aqui reunidos também, e principalmente, para celebrar a memória e a obra inigualável de Machado de Assis, falecido há 100 anos no seu e no nosso querido Rio de Janeiro. Não me cabe, naturalmente, discorrer sobre os méritos literários do fundador e primeiro presidente desta Casa. É



missão que tem sido cumprida com zelo e talento pelos diversos especialistas da análise de sua obra, entre eles renomados membros da própria Academia, a exemplo do que há pouco fez com tanto brilho o nosso querido professor e ex-ministro Eduardo Portella. Nessa matéria, sou apenas um dos inúmeros brasileiros que não se cansam de admirar o genial “bruxo do Cosme Velho”.

Mas permitam-me destacar um aspecto central da trajetória de Machado, que me parece exemplar do vínculo entre cultura e emancipação humana. Mulato, filho de lavadeira, neto de escravos alforriados, eis a origem do maior escritor brasileiro. Machado nasceu, como sabemos, no Morro do Livramento, fez poucos estudos regulares e começou muito cedo a trabalhar como aprendiz de tipógrafo. Que este brasileiro de origem humilde tenha vencido tantas circunstâncias adversas para transformar-se no artesão maior de nossa língua é algo quase inacreditável, que não podemos esquecer nunca e que deve nos inspirar permanentemente na busca de um país que ofereça oportunidades educacionais e culturais para todos, mesmo aos talentos mais improváveis.

Machado venceu, a bem dizer, pelo seu próprio talento individual, mas quantos outros gênios da raça foram impedidos pela indigência material de surgir e de se desenvolver? Os direitos sociais, a vida digna, não garantem o talento, mas podem fazê-lo florescer. Personagem e intérprete de ambigüidades dilacerantes da nossa história, Machado nos ajuda, com sua lucidez e fina ironia, a entender o povo que somos, como chegamos até aqui e porque devemos ir além, num contínuo processo de superação das mazelas nacionais.

Não se trata, evidentemente, de atribuir à literatura a agenda política, mas de perceber na grandeza de Machado, que nos decifra e nos questiona até hoje, um desafio a que o Brasil vença o preconceito e a exclusão, e se humanize em sua total plenitude. É por tudo isso, que recebi, com especial satisfação, das mãos do meu querido amigo José Sarney, ex-presidente da



República, senador e acadêmico, a medalha comemorativa do centenário da morte de Machado de Assis.

Meus amigos, minhas amigas,

Num dia tão marcante para a nossa língua e literatura, não poderia deixar de dizer algumas palavras sobre uma de nossas mais nobres causas comuns: o incentivo à leitura no Brasil. Ainda faltam muitos capítulos, mas já começamos, juntos, a reescrever esta história.

Estamos criando condições para que milhões de brasileiros e brasileiras, antes excluídos do acesso aos bens culturais, também possam fruí-los. E isso se faz com crescimento econômico sustentado, geração de empregos, distribuição de renda e oportunidades educacionais. O maior incentivo à leitura será sempre a redução das desigualdades sociais, mas sabemos que a divulgação do livro e da leitura exige também fomento específico.

Por isso, lançamos o Plano Nacional do Livro e da Leitura, fecunda parceria dos Ministérios da Cultura e da Educação, elaborado democraticamente em diversas audiências públicas com a participação de todas as entidades da área. O Plano prevê centenas de ações práticas, a maioria delas já em execução, tanto do governo quanto do setor privado, que o gerenciam em conjunto.

Todos se recordam que, em dezembro de 2004, sancionei uma lei, aprovada pelo Senado, de autoria do presidente Sarney, que eliminou os impostos federais sobre a produção do livro no nosso país, medida necessária para reduzir o seu preço final e que deve ser conjugada com a criação de um Fundo Pró-Leitura, mediante a contribuição de 1% das receitas do setor. Queremos e vamos elevar os índices de leitura no Brasil. Os índices atuais são modestos, e a grande maioria das obras lidas são aquelas indicadas pelas escolas.

Alegra-me, por outro lado, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgada em maio deste ano, que já mostra um avanço significativo. De





acordo com o Instituto Pró-Livro que realizou a pesquisa, a população com 15 anos ou mais está lendo 3,7 livros per capita/ano em 2008, contra apenas 1,8 livro per capita/ano em 2001. Desde 2005, cerca de 8 milhões de alunos do ensino médio público passaram a receber gratuitamente a coleção didática do Ministério da Educação. Em 2009, o programa será finalmente universalizado.

Mas tudo isso ainda é pouco. Por isso, nos últimos 2 anos aumentamos em 197% o orçamento do Programa de Implantação e Modernização de Bibliotecas Públicas. Os resultados começam a aparecer. Em 2003, 1.170 municípios brasileiros não tinham biblioteca pública. Com os recentes investimentos, esse número caiu para 630 municípios, sendo que 300 deles ganharão a sua biblioteca até o final de 2008. Nossa meta é que, até 2009, todos os 5 mil e 500 municípios brasileiros tenham ao menos uma biblioteca pública. Além disso, vamos modernizar, com acervos, mobiliário e computadores, bibliotecas públicas municipais de todo o País, principalmente aquelas inseridas em áreas urbanas de grande vulnerabilidade social.

Ao mesmo tempo, o Programa de Bibliotecas Rurais Arca das Letras, implantado a partir de 2003 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, tem ajudado a formar leitores no Brasil mais profundo, levando livros a agricultores familiares, assentados da reforma agrária, indígenas, remanescentes de quilombos, populações ribeirinhas e pescadores. O Arca das Letras já distribuiu mais de 1 milhão e 200 mil livros, beneficiando cerca de 618 mil famílias, por meio da instalação de 5.600 bibliotecas rurais.

Outra ação importante é o apoio sistemático do Ministério da Cultura às feiras nacionais de livros. Desde as bienais de São Paulo e do Rio de Janeiro, até nascentes eventos literários nas mais diversas regiões do País, praticamente todos são apoiados via Lei Rouanet.

Estamos formando, ainda, 5.460 agentes de leitura para atuarem em bibliotecas, pontos de cultura e pontos de leitura. Esses agentes fazem a ponte entre o poder público e a comunidade, levando o livro até as famílias e as



peças, estimulando e, se necessário, orientando os novos leitores na maravilhosa viagem da literatura. Ao mesmo tempo, o governo federal tem dado apoio à participação brasileira nas feiras de livros internacionais, garantindo maior visibilidade à nossa literatura no exterior.

Senhor Presidente,

Senhores e senhoras acadêmicos,

Aos escritores, além do prazer de criar, interessa seguramente chegar aos leitores. Ao governo, que a literatura enriqueça cada vez mais a nossa existência individual e coletiva.

Gostaria de terminar citando nosso insuperável homenageado desta tarde. Disse Machado de Assis: “Palavra puxa palavra, uma idéia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução.”

Façamos, juntos, a revolução do livro e da leitura em nosso país!

Muito obrigado.

(\$211A)